Mea Villa de Gaya

FABRICA PORTUENSE DE ALPARGATAS

DE

MANUEL D'ALMEIDA FIGUEIREDO

A fabrica mais importante do país neste genero de calçado
Manufactura dotada com todos os aperfeiçoamentos modernos

Instalações de primeira ordem

Manufactura de toda a especie de calçado em lona e cotim com solaria de cabedal e feltro

---

Alpargatas para caçador, praia e campo
Alpargatas de phantasia

Sempre em deposito um grande sortido de calçado

EXPORTAÇÃO para AFRICA E BRASIL

Deposito geral, Caes da Ribeira, 32 — PORTO

É incontestavelmente uma das fabricas portuguezas, que mais barato apresenta os productos de seu fabrico nos mercados nacionaes, africanos e extrangeiros. Foi a primeira que em Portugal iniciou o fabrico de calçado de lona a ponto fingido e ponteado, a preços excessivamente baratos, apesar de ter luctado com as maiores difficuldades, que conseguiu vencer, devido aos esforços extraordinarios do seu proprietario.

Esta fabrica é tambem ***fornecedora do Exercito Portuguez.***

Entre as diversas secções, citaremos a de córte e pregadeiras, a secção mechanica e a de trabalho manual. A sala de machinas contem numerosos apparelhos taes como machinas de fazer trança, de coser, de urdir, cortar, abrir biqueiras, dobadoura e caneleira. Tudo machinismos de excellente trabalho e execução perfeita.

Presentemente, esta fabrica acha-se habilitada a fornecer para exportação de 60:000 a 80:000 pares de alpargatas e outras qualidades como calçado de lona e sola ponteada e a prego! Foi a primeira que, em Portugal, iniciou o fabríco de calçado de lona a ponto fingido e ponteado, a preços excessivamente baratos.

Os artigos deste importante estabelecimento recommendam-se pela sua solidez, bom acabamento e barateza. Por isso, tambem, o seu consumo tem augmentado de anno para anno por uma fórma extraordinaria.

O proprietario da fabrica, o sr. Manuel d'Almeida Figueiredo, tem-se imposto á consideração geral pelo seu caracter e actividade industrial. Natural da villa de Vouzella, veiu para o Porto em 1876 e dedicou-se a negocios de outra ordem até que, em 1894, se inclinou para a industria de calçado onde tanto se tem salientado provando grande amôr ao progresso.

A representação desta casa na Exposição Nacional do Rio de Janeiro foi tão brilhante que o jury a distinguiu com um alto premio.

Ao Ex.mo Snr. Antonio J. da Rocha Madahil
Offerece
Francisco Gomes [illegible]
Secretaria da Camara de Gaya
em 5 de Janeiro de 1920

MEA VILLA DE GAYA

Panorama de Villa Nova de Gaya em 1834, copia d'um desenho á penna de Antonio Joaquim de Souza Vasconcellos, existente na secretaria da Camara Municipal

MEA VILLA DE GAYA

(Guia Illustrado do Concelho de Gaya)

por

ANTONIO ARROYO, JOSÉ FORTES, JOSÉ QUEIROZ,
MANUEL MONTEIRO E JOAQUIM LEITÃO

CLICHÉS de Alberto Ferreira, Angelo Barboza, Alvão, Carlos Pereira Cardoso, Emílio Biel, Guilherme Telhado, Luiz Aguiar e Marques Abreu,

GRAVURAS das Officinas do «Commercio do Porto», de Christiano de Carvalho, Diogo Correia Leite e Marques Abreu.

Typ. da Emp. Lit. e Typog.
R. de D. Pedro, 184 - Porto

1909 — PORTO
Empreza Editora
do
GUIA ILLUSTRADO DE PORTUGAL

SUMMARIO

	Pag.
PREFACIO, por Joaquim Leitão	5
GAYA NO PASSADO, por José Fortes	9
OS MONUMENTOS HISTORICOS DE GAYA, por Manoel Monteiro	29
CERAMICA, por José Queiroz	41
RIO D'OURO, por Joaquim Leitão	46
TERRAS GAYENSES, por Joaquim Leitão	52
FEIRAS E ROMARIAS, por Joaquim Leitão	60
AS PRAIAS, por Joaquim Leitão	68
AS BELLAS ARTES EM VILLA NOVA DE GAYA, por Antonio Arroyo	72
MUSEU MUNICIPAL AZUAGA, por José Fortes	89
INDICAÇÕES UTEIS, PARTE COMMERCIAL E INDUSTRIAL	92

Direitos de traducção e reproducção reservados.

MEA VILLA DE GAIA

(GUIA ILUSTRADO DO CONCELHO DE GAYA)

PREFACIO

O concelho de Gaya, a mesma villa de Gaya andam desconhecidos dos portuguêses.

A esta palavra — Gaya — alliga-se apenas o terror d'uma povoação que distasse leguas do Porto como se, não uma ponte mas um braço de mar, uma fáxa de mediterraneo separasse a cidade d'essa co-irmã que lhe deu a força e lhe ajudou a disputar a mão da liberdade.

Suppõe-se que Gaya está submersa numa cheia de vinho e que, nesse tão historico e tão lindo trato de terra portuguêsa, só ha armazens vinicolas e officinas tanoeiras.

De Gaya os que mais e melhor conhecem, vão até ás melancias da Serra do Pilar e ás camarinhas do Senhor da Pedra.

Para o grosso das ignorancias fronteiriças, de Gaya veem apenas botas de duas sólas barradas de lama e um que outro açafate de flôres, das quintas da Bandeira ou de Gulpilhares.

E, todavia, se ha concelho de Portugal digno de estudo, merecedor de ser passeado e preferido, é Gaya: elle contém tudo — a azafama industrial e o remanso umbroso dos seus aspectos ruraes, o trafego ribeirinho e o socêgo costeiro das praias, adormecendo na sua almofada de areia o rumor do trabalho; embarcadiços e exportadores, o gracioso typo feminil da «Magdalena» e o exemplar bretão do commercio exportador; zona commercial e zona agricola, zona sêcca e zona molhada, a variedade, o contraste, a vida com o seu labor, as suas soalheiras, as encostas difficeis da lucta e das colinas, sombras, flôres e monumentos.

É uma reliquia do passado archeologico, historico, administrativo, e um pégão do futuro.

Que se sabe d'essa communa?

Nada!

Nem mesmo a sua geographia physica.

Propômo-nos estuda-lo; não promettemos, porém, um trabalho exaustivo em que fique vasada toda a historia de Gaya, mas imos propagandar as lindezas de Villa Nova, averiguar pontos que permaneciam obscuros ou transviados, e proclamar o que é esse colosso que desde sempre andou com o Porto e com Portugal ás costas, e que todos suppõem

um arrabalde onde só houvesse peixe frito e barqueiros.

Não pretendemos fornecer um nectar de eruditos, mas tão sómente passear, pelas pinturescas redondezas de Gaya, o homem de gosto e o homem de Portugal, e folhear-lhe as bellezas ineditas d'esse album de costumes.

Quem se dispõe a viajar um país, um concelho, uma cidade, a palmilhar o restricto pedestal d'um monumento, deve antes de partir preparar-se para a sua viagem, estudando a historia das terras que vae pisar, a chronica dos monumentos que o esperam, a feição do *habitat* em que vae entrar, habilitando-se assim a entender a eloquente linguagem da pedra monumental e o mesmo distico das ruas que o servirão.

Essa méra inculca não na póde fazer conscientemente, probamente um mesmo escriptor.

O encyclopedista morreu com Bertelot, e embora Portugal passe a vida a violar a sepultura do encyclopedismo, embora vivamos num país em que não ha o menor respeito pela seára alheia, em que o medico se propõe a escriptor, e o bacharel se substitue ao medico, e ambos ao artista, ao orador, ao musico, nós procedemos em nossa vida e neste ponto d'uma fórma totalmente discordante.

Presamos, orgulhamo-nos muito da profissão que exercemos para nos affoitarmos a saltar como amadores os muros da nossa competencia.

O historiador não póde simultaneamente ser um sabedor em archeologia, como o crítico das bellas artes, por muita historia que precise de saber, porque sem se saber historia na ponta da lingua não se pódem relacionar as evoluções e os representantes dos periodos cyclicos da arte, o crítico de bellas artes apesar d'isso não póde ser um historiador, como o homem que possue o poder evocador de outras edades não póde já lidar com a synthese nem a analyse das éras contemporaneas.

Uma distribuição honrada e logica dos capitulos d'este trabalho se impunha.

Entregamo-la a uma brigada de escriptores, demandando a competencia da especialisação.

A pre e proto-historia foi entregue ao senhor conselheiro José Fortes, illustre secretario da *Portugalia*, uma das mais bellas affirmações da sciencia portuguêsa contemporanea, um nome na archeologia europêa; e, razões felicissimas, proporcionaram-nos além do trabalho da sua especialidade, essas paginas da historia do Municipio de Gaya, cujo archivo a boa, prestimosa e rara vontade, e amoroso regionalismo do sr. Joaquim Magalhães, actual presidente da Camara de Gaya, patenteou ao nosso illustre collaborador, com um interesse que nos leva a affirmar que com um homem como o sr. Joaquim Magalhães em cada concelho de Portugal nem as nossas obras d'arte dispersariam, nem os estudiosos se veriam a braços com o silvêdo das difficuldades que desanimam os mais tenazes.

Os *Monumentos de Gaya* devemo-los a Manoel Monteiro, um rehabilitador dos novos, sempre acusados de desdenhar a documentação e a sciencia da vida do passado, e que tão elegantemente traduz as melancolias dos tempos idos numa prosa que rescende ao perfume da nossa era.

José Queiroz, autôr do unico volume — *Ceramica Portuguêsa* — completo, que se tem tentado em Portugal e que apesar de senões tão naturaes em obra que quiz erguer de golpe um monumento feito em cacos como é a historia das nossas loiças e as suas tão contraditadas differenciações, José Queiroz traçou uma rapida mas intelligente synthese da ceramica de Gaya.

Para acamaradar com estas tres figuras especialisadas e nomeadas, não podiamos pedir a licção das *Bellas Artes* senão a Antonio Arroyo.

Neste país onde quasi toda a gente, na politica, na litteratura, na arte, na sciencia, perségue o successo immediato, pretende a gloria e a fortuna hoje, já, presta, facil, homens como Antonio Arroyo cuja hora de vida a mais é um valor a mais no seu cerebro, na sua competencia e na sua independente visão, e que fazem consistir o seu despretendido triumpho no esforço accumulado, homens d'estes são raros na nossa época e no nosso meio.

Foi o collaborador que mais nos fatigou a roga-lo, não por se fazer rogado, mas pela

sua exaustiva e tão preenchida vida mental.

Estamos pagos de tanta insistencia porque não sabemos de quem com tanto brilho de fórma que se renova e remoça como o seu espirito — que não envelhece nem póde envelhecer, porque o mesmo espirito creador não é mais do que uma scintillação de permutações feitas com os conhecimentos humanos, e Antonio Arroyo não se sacia de aprender —; não sabemos, pois, de quem com tanto brilho de fórma e segurança de juizo crítico possa traçar a sustanciosa synthese das artes do esculptor e do musico.

As paginas contemporaneas, impressionistas, as nossas paginas, são as que menos, as que nada valem.

O concelho de Gaya não se comprime numa synthese. E a nossa ambição era percorrê-lo, freguezia por freguezia, modelando o typo, filhando a paisagem, balanceando a cultura e as energias.

Mas quem póde, nesta terra onde a litteratura é uma profissão que habilita a morrer de fome, cumprir um trabalho intensivo?

Ha tres mezes um braço leal como uma espada apontou-me d'uma das vidraças da bibliotheca de Mafra, um homem entrajado de preto que saía o paço:

— « Vê aquelle homem que além vae? Tem a minha edade, 42 annos, e não faz outra coisa senão estudar Mafra, passando a vida aqui na Bibliotheca a respigar este atomo do passado! É um trabalho que ninguem lhe agradece, que quasi ninguem conhece e que elle remette ao « Archeologo », sem ambições, sem desfallecimentos, como se o mundo só contivesse Mafra e só de Mafra se interessasse! »

E eu conheço um homem que ha dez annos estuda o concelho de Barcellos — o dr. Antonio d'Almeida Ferraz — e outro, o dr. Balthazar Osorio, que ha outro tanto tempo estuda o *Desejado*.

De tempos a tempos encontro este querido espirito:

— O seu livro? Prompto?

— Não! Agora é que eu tenho encontrado documentos interessantissimos que me obrigam a rearchitectar todo o urdimento.

E o dr. Ferraz desculpa-se, apontando os seus cinco in-folios manuscriptos:

— « Isto são subsidios que ficam ahi para quem quizer fazer a historia de Barcellos...»

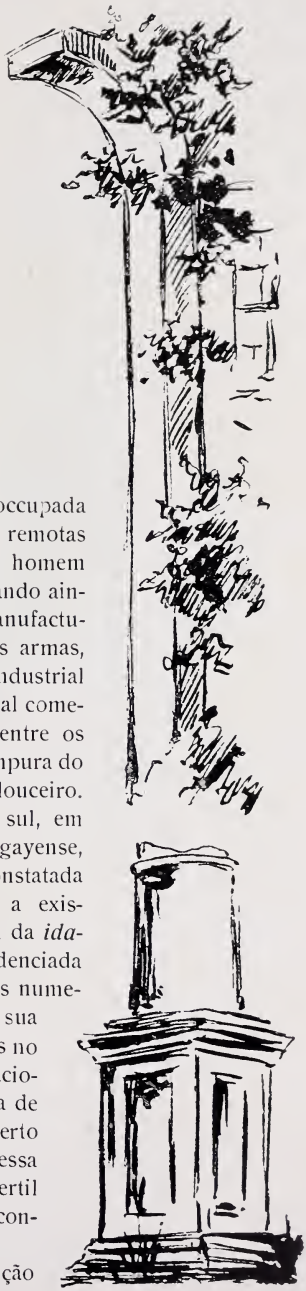
Mea Villa de Gaya não podia, portanto, traçar decisivamente a historia e o estudo das terras gayenses. Este volume é apenas a propaganda do seu scenario, da sua paysagem, dos seus aspectos, dos seus usos, da physionomia das suas coisas e dos seus homens, ficando assim levantado um marco para o estudo da vida d'este concelho, a primeira pedra d'um monumento a Villa Nova de Gaya.

Outros virão que já não terão o trabalho que esta brigada de escriptores encontrou por fazer: ha pontos da historia primitiva e da historia administrativa de Gaya que José Fortes deixa de todo apurados e contraprovados, em face do documento. Isso é definitivo: os que depois vierem, continuarão a pesquiza d'ahi por deante.

E, quando de mais não sirva a *Mea Villa de Gaya,* que este trôço de escriptores emprehende, terá pelo menos o grato merito de marcar como se deve estudar o país: pela monographia concelhia, e esta não á laia d'esse grotesco concurso de monographias ruraes que o ministerio das obras publicas para ahi trouxe para os jornaes, pedindo ao mesmo homem que seja agronomo e historiador, naturalista e economista, poeta e financeiro, mas entregando cada concelho a uma vasta brigada de escriptores e confinando cada um d'elles na arca restricta do moinho dos seus dilectos cuidados. E, terá bem assim prestado o modesto serviço de fazer constar que a villa de Gaya tem muito e muito que estudar e muito e muito a saber, e que quem quer que limite a sua leitura á lenda do Rei Ramiro no Cancioneiro de Garrett ou a supôr que Villa Nova é sómente uma adega de vinho fino, não póde presumir-se pessoa lida na genealogia e archeologia do concelho que com o Porto vizinha.

JOAQUIM LEITÃO.

Ponte Maria Pia



GAYA NO PASSADO

A archeologia do concelho de Gaya está por fazer — a antehistorica como a historica. É que só agora começam a colligir-se acuradamente e a registrarem-se com interesse os materiaes precisos para lhe esboçar a palethnologia, para lhe restaurar o passado protohistorico, para reconstituir, emfim, a ethnografia dos primeiros seculos da nossa era.

No momento, tão restricto é o numero d'elles que um trabalho de sinthese, sequer perfunctorio, resulta impossivel para já. O mais que honestamente é licito intentar não ultrapassa as lindas d'um magro balanço, pouco substancioso como pauperrimas são as averiguações authenticas sobre as antiguidades do concelho.

I

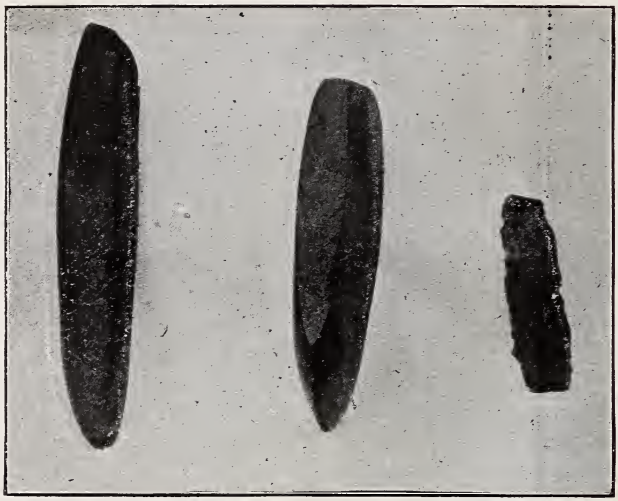
Uma dilatada area territorial, d'uma pujante uberdade, servida por fecundantes linhas d'agua, ondulando em frequentes sêrros facilmente defensaveis, debruada ao occidente por extensa faxa do litoral maritimo, ao norte por comprido trecho do rio Douro, e bafejada por um carinhoso sol; uma região assim adequada ao *habitat* humano devia presumivelmente ser occupada desde as mais remotas eras, quando o homem primitivo, ignorando ainda os metaes, manufacturava em pedra as armas, a utensilagem industrial e domestica, e mal começava a amassar entre os dedos a argilla impura do seu rudimentar louceiro. Ao norte e ao sul, em redor da terra gayense, já está de resto constatada ineluctavelmente a existencia do homem da *idade da pedra,* evidenciada com lucidez pelos numerosos restos da sua industria colhidos no sólo e subsólo nacional. Porque havia de permanecer deserto e inoccupado, nessa mesma idade, o fertil e vasto tracto do concelho?

Esta presumpção

afinal legitima baixou hoje felizmente do oscillante dominio das hypotheses, recebendo um começo de verificação positiva.

Como?

Em Pedroso, na vertente occidental do *Monte Murado* — no coração do concelho —, uns *montantes* tratavam, ha tempos, do desmonte e fragmentação utilitaria d'uns blocos erraticos de fino granito; movendo as terras envolventes, acharam nos entulhos uns objectos de pedra polida, de insolito feitio. Não lhes mereceram contudo attenção demorada; e até, na sua natural inconsciencia e insciencia, os arremessaram negligentemente para a entulheira...



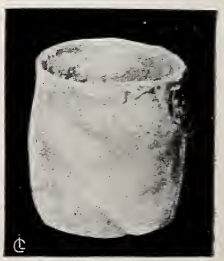
(Fig. 1) Instrumentos neolithicos do *Monte Murado*

Pois eram os mais antigos monumentos, minusculos embora, da afastada antiguidade de Gaya!

Eram o inestimavel e preciosissimo legado do ancestral *neolithico*, o authentico e valioso attestado da local occupação humana, no segundo periodo lithico, quando, ha milhares de seculos, a industria da pedra, inesperadamente impregnada d'um delicado sentimento d'Arte, já não se contentava em produzir os instrumentos e as armas em uso, talhando-as e afeiçoando-as pelo simples lascamento do *nucleus* de silex ou do bloco de diorite, mas aprimorava o artefacto, polindo-o, em admiraveis linhas geometricas, pelo attento e demorado attrito em rochas apropriadas!

A singular occorrencia não ficou, entanto, irremediavelmente sepulta sob as terras removidas; sobreviveu, transpirou; e pelo menos quatro dos instrumentos foram salvos, embora com mutilações dos primeiros detentores. Dous machados de pedra polida, em diorite (?), chatos, de configuração trapezoidal, gume curvo e bem afiado; uma grande goiva de basalto (?) polido, de secção rectangular; e uma delicada faquinha de silex vermelho-escuro, secção trapezoidal — taes são as primeiras verbas a inscrever no inventario palethnologico de Gaya. (Fig. 1). Os sugestivos instrumentos, comprovando a recuada existencia do homem no concelho, ainda nos dizem que a colmeia neolithica installada no *Murado* não vivia no isolamento, entregue aos recursos proprios; antes mantinha ao longe directas ou indirectas relações commerciaes com outras tribus, pois que, entre as rochas locaes, não existe a materia prima da factura dos objectos achados.

Onde estarão, porém, as criptas funerarias d'esses antepassados, as *antas, antellas* ou *antinhas,* as *mamôas* ou *mamoinhas,* os *dolmens,* enfim,— esses monumentos sepulcraes de pesados esteios informes, levantados com titanico esforço no isolamento da planura ou na aridez do monte, num vivo e intenso respeito religioso pelo despojo mortuario do parente, do amigo, do contemporaneo? Soterrados e esquecidos, destroçados ou desconhe-



(Fig. 2) Vaso á mão de Golpelhares

cidos, nenhum se assignalou ainda, é certo. Entretanto é forçoso que existam algures.

Muitos annos decorridos já, lembro-me vagamente, trabalhava febrilmente o povo na construcção do actual cemiterio da freguezia de Villar do Paraizo, cuja localisação, após tremenda e retumbante contenda entre os freguezes, se fixára afinal junto á egreja parochial. Por entre as empolgantes preoccupações do momento, insinuou-se tenuemente a noticia do apparecimento, no subsólo do velhissimo adro inhumatorio, d'uns rudes lajões mysteriosos, havendo quem os attribuisse logo a um *dolmen* destruido. Sê-lo-iam? Como teria sido interessante havê-lo averiguado, e por ventura constatar a sobreposição millenaria de cemiterios, e d'ahi colher a explicação da tenacidade e intransigencia com que, num vago e impresentido tradicionalismo, se defendia até á sevicia o estabelecimento no local do novo campo mortuario!

Se, como expediente de indirecta investigação, se recorre ao onomasticon do concelho, apenas se encontra o toponimo *Arcas* na freguezia d'Avintes, a probabilisar a localisação de velha necropole dolmenica. Em muitas regiões do país, *arcas* e *arcainhas* são synonimos de *antas*, ou *dolmens*.

Esta negra miseria de material archeologico da *idade da pedra* mais se avoluma para as eras subsequentes, até á mais desconsoladora inopia. Nada ha, por exemplo, para documentar as épocas do *cobre* e do *bronze*, em que a humanidade, evolucionando com o advento da metalurgia, cobra novos alentos de progresso. Ninguem acreditará, entretanto, que do homem neolithico ao da *idade do ferro*, denunciado pela averiguada existencia dos *castros*, a vida local soffresse um longuissimo *hiatus* de seculos, ficando suspensa como se um colossal cataclismo varresse do sólo o ser humano e anihilasse de todo as condições de habitabilidade. Não. A ausencia absoluta de quaesquer indicadores d'esse dilatado periodo só poderá sublinhar, com deploravel destaque, a incuria e negligencia com que neste, como de resto em tantos outros concelhos, se hão considerado até aqui as cousas do passado. Quando o grande inventor da archeologia patria — o providencial Acaso, assoalha, benevolo e complacente, quaesquer antigualhas da mais levantada consideração, é já certo, a nossa sufficiencia balofa arreda-as indifferente com o bico do sapato, e vae tratar das... eleições, que é officio mais leve e menos *massante* que o estudo de velharias *improductivas*.

(Fig. 3) Vaso á mão de Golpelhares

Eis porque nada de bem definido se sabe da palethnologia concelhia.

II

E da sua protohistoria? dos tempos precedentes á invasão romana sobre que já se conseguem respigar nos escriptores classicos umas imminudentes informações?

No montuoso ambito do concelho ha *castros*, ou *crastos* na linguagem vulgar. Por directa inspecção e sobretudo pela consulta dos toponimos e da literatura, vê-se que alguns existiram nas freguezias de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya, de Mafamude, de Oliveira, da Magdalena, de Valladares, de Crestuma, Pedroso, Perosinho e Sandim. A lista não fica seguramente exgotada; outros haverá ainda por ventura, cuja relacionação exigiria demoradas incursões investigadoras pelo interior do concelho.

Ora os *castros*, quando mais recuada data não tenham — o que só poderia revelar um estudo individual, consciencioso e demorado — veem pelo menos dos tempos protohistoricos, vigente já a *idade do ferro*. Ahi viveram primordialmente as indigenas tribus pre-romanas, alcandoradas na altiva cumieira das collinas, na encosta defensavel dos montes,

*

(Fig. 4) Vaso á mão de Golpelhares

no promontorio sobranceiro ao valle, como em inexpugnavel ninho d'aguia, e, como a propria aguia, promptas a fender sobre a presa — a tribu rival, a tribu incursora. Ahi as vieram encontrar as legiões romanas, não lhes sendo facil empreza subjugar as centenas d'essas aldeias muralhadas, dispersas por toda a Iberia montanhosa como couraça colossal, cujas malhas houveram de romper fatigadamente, uma a uma. A falta de cohesão politica das tribus *castrejas,* sempre em luctas fratricidas, tornou menos formidavel, é certo, a sua defeza, supprimindo a communidade do esforço e a unidade do plano e do commando; mas por outro lado embaraçou diuturnamente a conquista definitiva, obrigando á fragmentação e á frequencia do ataque. Afinal, a isolada tactica defensiva dos *castros,* apoiada fundamentalmente no escarpamento vertiginoso das encostas, nos cordões circulares de muralhas simples ou multiplas, e nos fossos protegendo os cimos, essa teve que ceder á superior sciencia militar do latino invasor, ao seu armamento mais completo e offensivo, por vezes apenas á fome e á sêde do sitiamento prolongado.

(Fig. 5) Vaso á mão de Golpelhares

Muitos *castros* se extinguiram para sempre, ruindo num dia sob o ferro e o incendio; outros, similarmente aniquilados, fôram reoccupados pelos conquistadores; na pluralidade, o romano apenas lhes desmantelou o muralhamento, deixando-lhes os moradores sobreviventes, agora indefesos, e fiando do tempo o seu exodo para a planura, onde a vida era superiormente facil.

O abandono dos *castros* foi, contudo, lento em geral; deu tempo a que a civilisação latina, marinhando vagarosamente pelas ingremes ribanceiras, attingisse as acropoles e imprimisse no *substractum* lusitano o seu indelevel cunho caracteristico. No seculo IV da nossa era, ainda lá por cima estanciavam alguns lusitano-romanos; eram os descendentes pobres dos primitivos occupantes. Os magnates, com os seus *clientes* e escravos, esses vieram cedo para a ribeira, a tomar a posse e a exploração de grandes latifundios, que se denominaram *villas,* levantando ahi a casa residencial, cuja localisação se revela ainda hoje por vezes, na toponimia das freguezias, pelas palavras *Palacio, Paiço* ou mais commummente *Paço,* como em Mafamude, Canidello, Avintes, Oliveira, Valladares e Cerzêdo.

Depois, pouco a pouco, os *castros* viram-se de todo desertos de moradores, na quasi generalidade. Ruiram casas, desmoronaram-se paredes, arruinaram-se calçadas, tombaram edificios publicos e annexos industriaes. Sobre os escombros foram assentando detrictos vegetaes; poalhas que o vento carrêa; sedimentos que os agentes meteoricos desagregam das rochas. E lentamente, seculos além, a carcassa desfeita dos antigos oppidos lusitanos assim se foi soterrando e escondendo e inhumando. Em volta das velhas cidades mortas, sobre a mortalha secular, ficaram só a pairar umas tradições vagas, lendas poeticas de *mouras encantadas,* superstições, crendices. O silencio tumular, que lá em cima se substituiu ao alegre zumbido d'uma antiga vida intensa, apenas de quando em quando é perturbado pela enxada cubiçosa do sonhador de *thesouros escondidos,* pelo alvião utilitario do aproveitador das velhas cantarias afeiçoadas, pelo matteiro, pelo lenhador... Ou sequer pelo romeiro folgazão buscando, num arranco de piedade e folia, a humilde ermida, que a Egreja lá para o alto levantou na mira ciosa de canalisar em bem da religião official a corrente de paganica devoção, que tradicionalmente, inexaurivelmente, ali affluia.

Esta a historia da pluralidade dos *castros* em suas linhas geraes; esta tambem, por certo, a historia dos *castros* do concelho.

Nestes sobresae, dentro de Pedroso e a dous passos dos Carvalhos, o *castro do Monte Murado*, onde a ermida da Senhora da Saude attrae o devocionismo, que outrora conciliava qualquer falso deus, inventado pela miseria humana para mitigação de seus males em troca de gratos *ex-voto*. Revolvido sem precauções o sólo venerando do extincto burgo, para facilitar o accesso e a visita ao afamado sanctuario hodierno; dilacerados os granitos da sua estructura por uma adeantada e ainda pendente exploração utilitaria; fôra vã tentativa reconstituir-lhe o arranjo e o relêvo primitivos. E do seu espolio apenas uma diminuta parcella se salvou até agora: mós manuarias, restos de *tegulae*, prégos, escoriaes de ferro e poucos mais objectos são entanto sufficientes indicios de que o aspecto da sua civilisação não differiria do dos *castros* ao norte do Douro, com a sua pronunciada faceta gallo-celta, e de que a cultura romana ali se infiltrára tambem. Em recente

(Fig. 6) Prato do cemiterio de Golpelhares

reconhecimento, quando dos Carvalhos endireitavamos para o planalto da ermida, ainda pudemos, em caminho, vêr o afloramento de alguns trechos dos envasamentos de casas re-

(Fig. 7) Prato do cemiterio de Golpelhares

ctangulares; e, batendo o matto com attenção ao sopé da encosta occidental, descobrir em rocha nativa uma das habituaes e enigmaticas *pias*...

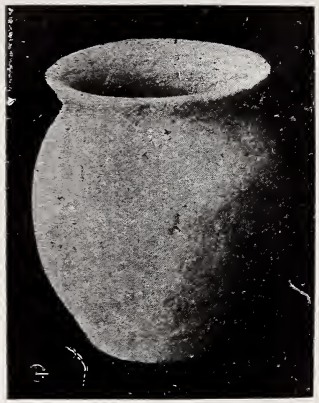
E mais nada...

Seria tambem um *castro* de origem protohistorica a famosa *Cale*, *Calem* ou *Calo*, cujo mysterio se subtrae pertinazmente a toda a pesquiza? O nome é de origem preromana; mas foram primordialmente os romanos que lhe deram perpetuidade e nomeada, elegendo-a e apontando-a como *estação* da *via* militar de Lisboa a Braga. E, pelo que se infere de Idacio, escriptor christão do seculo V, era de facto um antigo *castro* da vertente esquerda do rio Douro. Mais adeante se insistirá neste ponto.

III

Não se sabe ainda — sempre a ignorancia e a incerteza! — que influxo poderiam ter tido, na dilatada faxa maritima do concelho, os navegadores fenicios, que fizeram do mar adjacente a frequentadissima estrada do estanho, do Cornoalhes para o Mediterraneo. Subindo ou descendo na costa, colhem-se vestigios de marcadas influencias fenicias e punicas, como sejam as emergentes dos trabalhos archeologicos do dr. Santos Rocha, no

valle do Mondego, e as do estudo anthropologico do Capitão Cardoso no *poveiro*. Não é provavel que ficasse d'ellas indemne o sólo gayense, banhado por tão extensas aguas maritimas, d'um lado, e por tão importante secção do *Dorius* ou *Durius*, do outro. Mas, no momento, só esta dessorada presumpção se póde avançar.



(Fig.ª 8) *Olla* do cemiterio de Golpelhares

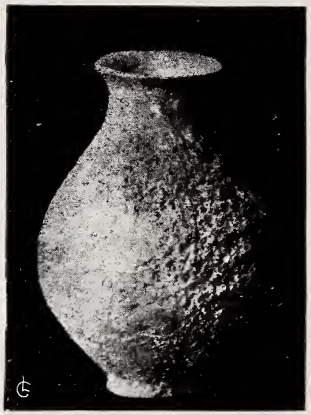


Fig. 9) Vaso campaniforme do cemiterio de Golpelhares

destroem innumeros restos materiaes d'essa potente cultura romana: de alguns nos occuparemos ao deante, provenientes do concelho.

Gaya, na divisão administrativa do imperador Augusto, pertenceu á provincia da *Lusitania;* e mais proximamente, a contar de Constantino, ao *conventus* juridico de *Praesidium Julium* (Santarém).

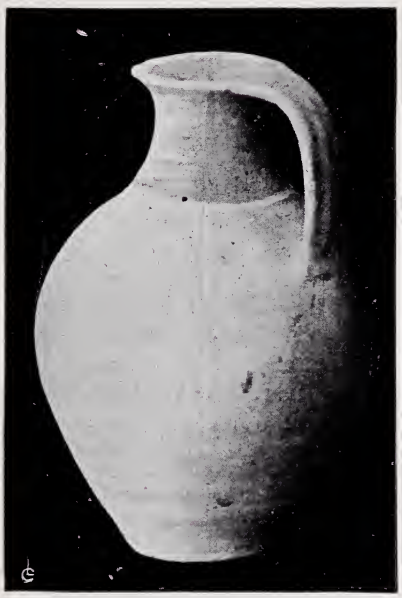
Cedo a cortou, de sul a norte, uma *via* militar que de Lisboa subia para Braga; a ultima estação ao sul do Douro, mencionada no *Itinerario de Antonino,* era a *Calem;* a penultima, *Langobriga,* abaixo do territorio gayense, medeando entre as duas a distancia de XIII milhas romanas, ou sejam 19k,253. No concelho falta-nos ainda a elucidante piquetagem dos *marcos milliarios*, a guiar-nos com segurança na determinação da trajectoria da *via.* Presume-se que serpearia pela linha medea do concelho, em traçado muito proximo da estrada real, procurando servir os *castros* até dar em *Calem.*

Nos documentos de Grijó, elucida Viterbo, (v. *Estrada Mourisca*) se faz larga menção de propriedades e fazendas, umas que ficavam da parte de cima e outras da parte de baixo da *Estrada Mourisca.* Num documento de 1148, Tructesindo Mendes doou a Grijó o que tinha em Brantães e em S. Felis: *Subter illam Stratam Mauriscam, discurrente rivulo Cerzedo.* Interpretando por estrada romana, como é licito, o que se attribue a uma estrada mourisca, obtem-se um outro ponto de referencia, de importancia para o levantamento da directriz da *via militar.* Isto, demais, concorda com uma informação re-

Mais segura e bem melhor conhecida é a influencia romana, após a conquista da Iberia e o dominio incontestado de quatro bons seculos. Muito cedo se avisinharam d'esta região as hostes latinas; e até, já no seculo II a. de C., *Decimo Junio Bruto* andou por perto d'esses territorios, no empenho de ir castigar a irrequieta *Talabriga,* o insubmisso oppido lusitano que deveria assentar ahi para o sul e fóra já da area gayense. Depois e até ao seculo IV da nossa era, submettidos e desmantelados de principio os *castros,* facilmente se consolidaram o imperio e a cultura de Roma. Em toda a região, a romanisação foi geral e completa; infiltrou-se tão fundamente no lusitano indigena que, através das ulteriores conquistas e da sobreposição de novas civilisações, ainda sobrevive em nós palpitante e vivaz. Instituições politicas e sociaes, lingua e letras, superstições, usos e costumes, pontes, aqueductos e outros trabalhos publicos, esculpturas, artes e adornos, decorações, utensilios e formas — de tudo isso nos restam ainda hoje evidentes vestigios na actual modalidade da civilisação caseira. Por toda a parte, na ribeira como na encosta da collina, na faxa do litoral como no cume do monte, a cada momento se exhumam e se

cente sobre certos vestigios da estrada, que poderiam observar-se não longe do *Castro do Murado;* verificar-se-ão opportunamente. De resto, para encontrar outro ponto bem definido do traçado, haveria que saltar-se para Ul, freguezia do concelho d'Oliveira d'Azemeis, onde ha pouco encontramos um *milliario.*

Assim, pois, a partir d'esta parochia oliveirense, a estrada, norteando-se para *Lan-*



(Fig. 10) *Lagoena* do cemiterio de Golpelhares

gobriga e a seguir para *Calem*, entraria no concelho entre Grijó e Guetim, seguindo por entre S. Felix e Sermonde, a que pertence o logar de Brantães; rasgaria as terras de Cerzêdo e de Perosinho, servindo nessa altura o *castro do Monte Murado;* subiria por Canellas e Golpelhares, a procurar o *castro* de Valladares, e d'ahi, approximando-se do da Magdalena, em direitura a *Calem.* E' nesta corda que deverão procurar-se os *milliarios* e os vestigios do pavimento da famigerada *via.*

Assentamos, nas precedentes notas, em que a estação viaria de *Calem* demorava no concelho de Gaya e na encosta ao sul do Douro, não longe da foz do rio. Cumpre todavia annotar egualmente que ha quem insinue que a antiga *Cale* se localisava no Porto, e que uma outra estação da estrada — *Ceno opido,* mencionada pelo geografo de Ravenna, é que correspondia a Gaya. Só aturadas investigações no subsólo poderiam por ventura derimir de vez a contenda. Tentámo-las já no logar do Castello de Gaya, freguezia de Santa Marinha, por occasião d'uns trabalhos municipaes para a canalisação publica do logar. Com apparente verosimilhança se attribuia geralmente a esta eminencia a situação de *Cale;* entretanto as nossas indagações resultaram infructiferas, exhibindo-se-nos o subsólo uniformemente esteril.

A passagem da importante arteria viaria devia seguramente drenar, para o largo e feracissimo territorio gayense, uma torrente de seiva vivificadora que valorisasse os elementos proprios de vida e de progresso. A população densificar-se-ia; continuando a ser habitados os *castros,* pelo menos até ao fim do sec. IV — e um numisma do imperador *Constans* encontrado no *Monte Murado* é d'esse facto um bom testemunho — a planura cobrir-se-ia tambem de *villas* agricolas, de compactos povoados, espalhando por toda a parte a animação, o trabalho, a riqueza.

Esta conclusão já hoje póde abonar-se com uma prova positiva. E' a descoberta do cemiterio de Golpelhares, que a camara municipal de Gaya fez explorar com proveito no anno de 1908, recolhendo no seu incipiente Museu, depois de reconstituido devidamente, o espolio encontrado nas sepulturas. Não nos demoraremos a descrevê-lo, conquanto seja o primeiro facto archeologico do concelho que mereceu a devida attenção; em monographia especial, quasi finda, se exporão com detença e pormenor os resultados scientificos colhidos; aqui apenas uma notula tem cabimento acceitavel.

Em meio da freguezia de Golpelhares, perto dos logares da Presa e do Rio, e a curta distancia da egreja parochial, ergue-se a pequena eminencia, conhecida no local pelas designações de *Alto da Véla* ou *Coteiro da*

Véla. No planalto se escavára a necropole lusitano-romana, cuja memoria se havia já obliterado, não restando d'ella tradição alguma, quer em lendas, quer na toponimia.

Era um vasto campo inhumatorio, dependente de impreciso povoado proximo. Mas pobre e humilde — a moradía eterna de escravos e agricultores, exhibindo-se em summa singeleza e modestia, sem atavios artisticos ou architectonicos, nem vaidosas epigrafias.

Seguimos com interesse a exploração.

Em regra, a propria terra, apressadamente rasgada pelo coveiro centenario, recebia o despojo humano sem o envolucro protector do ataúde funerario. Os seculos, no seu longo dobar, destruindo tudo — vestuario e tecidos organicos, cousa alguma nos apparecia então no fundo do coval escancarado. A extrema indigencia... Outras vezes, um ou multiplos vasos d'argilla, rôtos, mutilos ou esburacados, ainda attestavam, á distancia de cêrca de 16 seculos, a piedade do sobrevivente que os depositára ao lado do extincto com as provisões posthumas da crendice coeva, as viandas e os liquidos do ritual. Por excepção, a sepultura comportava menos summario trabalho, embora sempre desprimoroso; ora a telha ou o tijolo, poucas vezes tambem o granito concorriam para forrar o lastro, as paredes ou ainda para as tampas do tumulo. Num caso, construiu-se com telhões um grande cano triangular tampado nas extremidades; e dentro do extraordinario sarcofago, vasio de mobiliario votivo, appareceu apenas, num estrato inferior, a terra negra da consumpção cadaverica. Este typo tumular é frisantemente denunciador da influencia romana no enorme polyandrion golpelharense.

Não houve encontrar orientação definida, enfileiramentos geometricos na distribuição dos covaes. Ao acaso, sem preoccupações de symetria, o *fossor* lá ia caprichosamente escavando o *domus* do que findára a vida terrena e começava a outra, a subterranea, em que, nas concepções do momento, teria as mesmas necessidades fisicas.

Sob esta ideia é que se depuzeram, no fundo de varios covaes, os vasos de alimentos e libações; o calçado tachonado para jornadear no mundo d'além; as candeias de barro para espancar a treva tumular; a lasca de silex para produsir a scentelha illuminante; os braceletes de ferro e as contas de vidro para adornar o extincto com a mesma ostentação mediocre da vida passada; uma faca e outro instrumento de ferro para usos posthumos similares aos domesticos; moedas, emfim, para pagar a Charonte a fabulosa travessía da lagôa infernal.

Do conspecto do mobiliario funerario, espolio da longinqua geração inhumada, emana o sentimento da mesma já notada indigencia e rusticidade do povo inhumador. No carinhoso interesse pelos mortos queridos, o sobrevivente offertava-lhes o mais e o melhor que possuia, porventura o que era da baixella domestica do proprio inhumado. E assim o que deixava junto do extincto não passava da louça vulgar, já patinada pelo negro de fumo do seu uso culinario ou quebrada e esborcinada pelos accidentes da sua utilisação caseira. A deposição d'algumas candeias, sigiladas no molde commum de lucerneiro anonymo, era acaso o supremo esforço ostentoso da familia ou da amizade. Mas logo ali, á mistura, surgem humillimos vasos trabalhados á mão, d'uma factura barbara e aspecto ingrato na irregularidade das superficies rugosas, na asymetria das paredes desequili-

(Fig. 11) *Oinochöe* de bico trilobado, do cemiterio de Golpelhares

bradas, na desegualdade da coloração multifária, na indigencia, emfim, da decoração rudimentar. De resto, a outra série fictil, de melhor fabrico na technica das argillas por vezes apuradas e bem melhor cosidas, no

rithmo das galbas obtidas na roda olarica, no accessorio d'uma pintura parcamente polychromica, essa, como disse, não é senão a ceramica rustica e vulgar, accessivel ao proletariado — louça que não anima e aviventa sequer o mais exiguo traço artistico.

(Fig. 12) *Ampulla* do cemiterio de Golpelhares

Não foi sem irreprimivel surpreza para muitos que surgiram aquellas peças grosseiras em meio d'um espolio correspondente a uma baixa época. É que ha, em verdade, um contraste palpitante entre ellas e os melhores modelos da outra série ceramica — disparidade funda, curiosa e interessante, frisando quasi por um illogismo. Normalmente não se espera que um povo em posse da esbelta *ampulla* de linhas correctas, do elegante *oinochöe* de perfil italo-grego, e da modelada *lucerna* de relevos classicos, ainda manipulasse, em barro impuro, vasilhas de velhos padrões, de remotissima ascendencia, com os caracteres qualitativos da vetusta ceramica neolithica ou da idade do bronze. E entanto eis os dous grupos figulinos — irmanados e confundidos na representação do passado tradicional e do presente evolutivo, justapostos no mesmo meio archeologico a ligarem-se numa transição lenta e attenuada.

Bem visto o facto não deveria surprehender; a lampada electrica ou o bico d'acetylene não brigam ainda hoje, dentro do mesmo povoado, com o morrão fétido da negra e conspurcada candeia d'azeite?!...

Não iremos aqui seriar os 181 vasos levantados das sepulturas, por vezes em precaria conservação; reconstituidos até ao possivel estudem-se no Museu Municipal Azuaga. Só daremos as gravuras d'alguns exemplares para cada grupo e sub-grupo, em que scientificamente podem classificar-se. (Fig. 2-20). E additaremos poucos informes. Para em tudo ser elucidativa da civilisação vigente ao findar o seculo IV e talvez já no inicio do seculo V, a necropole até nos deu um especimen da grafia da época: a inscripção da fig. 18 *(Severe vivas)* estava graffitada num vaso d'argilla.

Afóra o espolio ceramico, copioso em exemplares de vario contôrno, o resto é já magro em quantidade e qualidade de unidades. Comprehende-se. As posses do numeroso e miseravel povoado não davam para exorbitar da maior modestia nas offerendas funerarias. Duas pulseiras; numerosos fragmentos de protectores de calçado ferrado, com solas de madeira; estilhas de vidro, de vasilhas irreconstituiveis; uma faca de ferro com guarnições de bronze e bainha de madeira; um instrumento de ferro, denticulado á maneira de serra, acaso um raspador; o pedaço dum *acus comatorius*, para enfeite ou segurança do penteado; contas meudas de vidro, diversamente colorido, sobresaindo ao pé d'estas dous exemplares *oculados*, vulgares,

(Fig. 13) *Oinochöe* do cemiterio de Golpelhares

de vidro azul escuro com esmalte de circulos brancos; duas lascas de silex para ferir lume; poucas moedas dos ultimos imperadores romanos; e finalmente, em muitas sepulturas, pregaria variada dos grosseiros esquifes funerarios — tal em summa o restante espolio arrecadado.

Havia, pois, ali perto um grande povoado, quem sabe se o velho tronco das proximas aldeias hodiernas. A galba e o aspecto da louça, por outro lado os numismas, tudo nos adverte de que findava o seculo IV, e talvez mesmo se iniciasse o subsequente. Mas o cemiterio não traduz ainda a agitação que a distancia deveria lavrar com intensidade; d'elle só emerge a nota d'um viver ordeiro, pacifico e equilibrado. Era d'um povoado de caracter civil; mas de pagãos ou de proselytos das novas crenças religiosas, que haviam já invadido a peninsula desde o seculo III? Não é segura a resposta.

(Fig. 15) Amphoreta do cemiterio de Golpelhares

Aproximadamente da mesma epoca deve ser a sepultura, recentemente encontrada na vertente oriental do *Monte Murado*, na bouça de Joaquim da Costa Moreira. Pelas informações verbaes do achador, snr. José Domingues da Rocha Beleza, seria construida de tegulas, formando cista, e externamente demarcada por uma estella com lavores (Fig. 21); como offerendas funerarias, duas vasilhas. (Fig. 22-23).

Findára o dominio romano.

Num relance retrospectivo, que distancia colossal não se vislumbra, percorrida pelo sêr humano desde a millenaria tribu neolithica do *Murado* até á geração inhumada no campo santo de Golpelhares! Mas quantas brumas se presentem, quantas lacunas e obscuridades não obrumbam ainda a definitiva reconstituição da sua cançada e dolorosa trajectoria, riscada atravez dos seculos entre mil luctas temerosas, efemeras victorias, miserias profundas e progressos lentos, embora incessantes! Quantos actos nos escapam d'esse longuissimo drama humano, representado em seculos e seculos no amplo scenario de Gaya!...

Passou, pois, o seculo IV.

E depois?

Na distribuição sistematica de tarefas para este livro, conformemente á especialisação de estudos, a nossa acabou. De conta alheia, porém, ainda se avançará um pouco, sequer para insinuar aqui o que se aprendeu do superior e malogrado espirito do dr. Alberto Sampaio sobre pontos interessantes da historia gayense.

IV

Tombára, como disse, o imperio romano do occidente, e os invasores nordicos successivamente se iam sobrepondo na occupação d'estas regiões. *Calem*, o antigo *castro* lusitano depois estação da *via* romana, voltára a ser fortificada na provavel previsão de imminentes assedios da parte dos povos germanicos. Idacio, notorio chronista christão do seculo V, referindo-se-lhe por vezes, já lhe chama *Portucale castrum*, em contraposição a *Portucale locum*, povoação aberta da margem direita do Douro, onde recomeçava a *via* militar apoz a interrupção fluvial. No seculo V era, pois, de novo um *castro*. Confirma-o outra antiga referencia, embora feita já na epoca novi-goda; respiga-se nas «Actas do Concilio Lucense», quando attribuem quatro igrejas a *Portucale castrum antiquum*, pertencentes á diocese de Coimbra.

Na chronica idaciana, apura-se apenas um facto historico visando o *Portucale castrum* e que parece exprimir tambem a sua con-

(Fig. 14) *Ampulla*
do cemiterio de Golpelhares

quista. Em 459, Maldras, depois d'assassinar o irmão, *Portucale castrum idem hostis invadit.*

Mas, no subsequente dominio dos arabes, o castro desapparece; e a memoria da sua existencia apenas se perpetúa no toponimo *vila de Portugal,* que se lê no documento n.º 25, do anno 922, incluso nos *Diplomata et Chartae dos Portugal. Mon. Histor.* Confrontava então a *vila* com a villa de *mahamuti,* tocando em Coimbrões e no reguengo de Gaya.

Arrasado o *Portucale castrum* pelos ser-

(Fig. 16) *Ampulla*
do cemiterio de Golpelhares

racenos, levantam os vencedores um outro, a curta distancia de tempo e espaço; foi o *castro de mahamuti.* É aqui de advertir que a occupação local da mourama ficou assignalada por alguns toponimos: assim o de *Mafamude,* nome d'uma importante freguezia convisinha da de S.ta Marinha de Villa Nova de Gaya, onde ha tambem um logar com denominação arabe, o da *Almeára.*

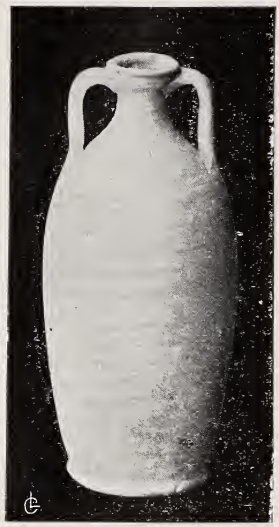
Quanto ao novo *castro* islamita, esse, tendo mudado varias vezes de senhor pelos azares da guerra, ora arabe, ora godo, numa d'essas vicissitudes esteve em poder de Affonso I d'Oviedo, recaindo a seguir no dos serracenos. Mas o dominio mouro ia ali acabar definitivamente. Foi a obra d'uma expedição maritima vinda da Galliza, sob o commando do rei Ramiro I (842-850). Retomado por estratagema audacioso, ficou inteiramente destruido; e é dos seus escombros que, annos depois (866-910), o neto do conquistador, Affonso III de Leão, faz transportar em navios, para a igreja de Compostella, varios pedestaes e pedra calcarea, com que se fizeram desoito columnas, e bem assim outros columnelos de marmore.

O feito ousado, impressionando fundamente a imaginação popular, gestou a celebre lenda do Rei Ramiro, perpetuada até hoje numa fonte, insignificante e inexpressiva, na denominação d'uma rua e no brazão do municipio de Gaya. Summulando as duas versões, contadas com variantes nos *Livros de Linhagens (P. M. H., Scriptores: os Liv. de Linh.,* pags. 180-181 e 274-277), no fundo é o rei Ramiro, que por disfarce se introduz no *castro de Mahamuti,* em busca da esposa adultera e com ganas de vingar a affronta conjugal no sangue do raptor islamita. Descoberto pela trêda consorte, o mouro condemna-o á morte que imporia se, em vez de vencido, fosse o vencedor.

—*...subir a um padrão e... tanger o corno ate que... hi sahice* o *folego*—eis o extravagante supplicio que para si dictou Rei Ramiro! Trepando, pois, a um poste e tirando da cinta a trompa de chifre, pegou de buzinar com toda a força. A este signal, previamente combinado, acodem os companheiros até ahi embuscados; assaltam o castello e levam todos os mouros a fio d'espada. Ramiro no regresso afoga a esposa infiel, agora saudosa do antigo amante; e contrae novas nupcias com a covilheira d'ella, a moura Ortega.

«No longo combater das duas raças, com-

menta o dr. A. Sampaio, não faltaram raptos, uniões sexuaes mixtas...; varios factos d'estes seriam enfeixados num conto unico, que os linhagistas utilisaram? Seja como fôr, não repugna que das relações d'um batalhador christão e d'uma dama moura se originasse a familia, de que procedeu Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador...»



(Fig 17) Amphoreta do cemiterio de Golpelhares

Deixando por aqui o conto lendario e a sua nebulosa interpretação, o seguro é que o *castrum de mahamuti* foi destruido pela façanha de Ramiro I. Perdendo para sempre a importancia estrategica, não se lhe aniquilou de todo a individualidade social. Antes continuou no *burgum vetus de portu*, que D. Affonso III, o Bolonhez, incorporou mais tarde na *mea villa de Gaya*, quando a criou por foral e lhe deu o reguengo de Gaya com os limites de *Combrianos* (Coimbrões), *Camdelo* (Candal), Almeára e o rio Douro. E' certo que posteriormente D. Diniz, no seu conhecido foral, tentou mudar as cousas, impondo ao *Burgum vetus* o nome de *villa nova de Rey*, mas a tentativa falhou. E ao deante D. Manoel I, dando novo foral á *villa de Gaya e vila nova com seu çircuito e arravalde*, refere-se no preambulo apenas ao foral de D. Affonso.

Assim se apuram, por estudo alheio mas de confiança, as origens historicas de Gaya. É entanto parecer nosso que ainda ha ahi muito que precisar e que definir; cotejem-se os velhos pergaminhos com a topografia local, fazendo prévia taboa rasa de todos os informes imaginosos, que a preguiça dos chronistas reedita negligentemente. Outros tempos, outros processos de investigação, mais seguros e honestos. Empreguem-se, com criterio e probidade; e cairá aquella

«teia d'aranha secular, mas porca»

que vela as tradições e lendas, como as garrafas das sombrias adegas dos becos e das alfurjas gayenses.

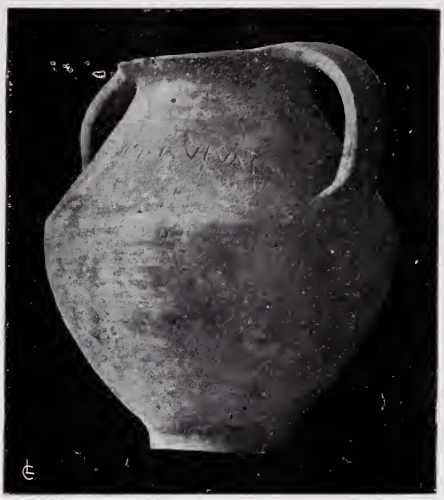
V

As antigas *villas* ruraes do periodo lusitano-romano, conservando-se indivisas nos seus velhos limites e demarcações durante o dominio dos suevos e visi-godos (409-585 e 585-712) e ainda sob as invasões serracenas, evolucionam por fim e soffrem um grande retalhamento na restauração neo-goda. Desapparecem depois lentamente, sendo substituidas pelas *freguezias ruraes;* estas, já no sec. XIII, estavam em plena florescencia. «As *villas,* diz A. Sampaio, foram propriedades em todo o rigor da palavra; a *freguezia* é uma especie de communa sem carta, que se forma em volta do campanario». O que não é possivel é fixar a data, em que desapparece uma e surge a outra; a transição devia ser gradual e demorada. Para a transformação da *villa* vieram a concorrer poderosamente os *coutos* e *honras,* em que os reis, doando bens, prescindiam dos seus direitos sobre elles, em favor de donatarios-nobres, mosteiros ou egrejas. As terras coutadas e honradas, onde não entravam os mordomos reaes, «conteem talvez os germens dos *concelhos,* cujos *foraes* ou cartas serão tambem dados pela corôa directa ou indirectamente».

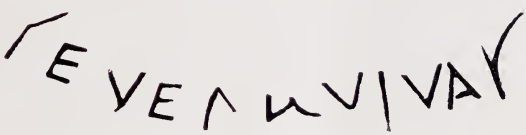
Freguezias, coutos, honras e terras *devassas* ou não privilegiadas entram depois nos grandes *julgados*—instituidos por D. Affonso II de Portugal e que já apparecem no regimen que se espelha nas *Inquirições* dos nossos primeiros reis.

Ora, nas *Inquirições* de D. Diniz surgenos o *Julgado de Gaya* comprehendendo já

quasi todas as freguezias ruraes do actual perimetro; assim — *santandré de canydello sam mygueel darcozello, sam Salvador de perosyo, johane de Canellas, sam christouam de majfomudi, sam Pero de sesmondj, sam fellizes, sam mamede de Cerzedo, sancta ollalha dulveyra, sam saluador de Guetjm, sam Pedro de parayso, sam saluador de valladares, santa marya madenella, sancta Marya de golpelhares, sam Pedro davjntes, sam Saluador de vilar de feueros* (Villar d'Andorinho), *couto de Pedroso, couto de Fgreioo, sancta marya de seixazello.* [1] Ao julgado da Feira pertenciam as actuaes freguezias gayenses de Crestuma, Olival e Sandim. De todas, não fallando agora de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya, as mais importantes eram as que, de per si só, constituiam *coutos* — Avintes, Grijó, Pedroso, assim como Crestuma e Sandim.



(Fig. 18) Vaso graffitado do cemiterio de Golpelhares



(Fig. 19) Inscripção do vaso anterior

O *couto d'Avintes*, no dizer breve e resumido do apografo portuense das *Inquirições*, partindo com o *rio de feueras* até ao Douro com o couto de Pedroso, a *area darnellas*, e o couto ou honra de Oliveira, tinha sido de *Gill Vaasquez*. Em tempo de D. Diniz, estando já sob o poderio de *martjm anes e seu linhagem*, respeitou-se-lhe o coutamento, que só veio a desapparecer com o termo das terras honradas. O couto de Oliveira, confrontante com Avintes, seria a *honra* da aldeia « *que chamam vulueyra* » dos netos de Elvira Vasquez e que foi respeitada tambem como se vê das *Inquirições;* é possivel que corresponda ao logar, ainda hoje conhecido pelo toponimo *Coutos*.

Acêrca de *Pedroso*, couto do mosteiro que ahi existiu, ha no *Livro Grande* do senado portuense uma inquirição especial versando sobre os seus limites; não está datada, mas supponho será do tempo de D. Diniz. As testemunhas inquiridas, unanimes e contestes, marcam-lhe as subsequentes lindas: começando na fonte da *rrechousa apar da serpente*, seguia por *sam mamede, fonte fria, fonte de figueiras, pedra sellada, pedra da Era, porto carreyro* até á estrada; d'ahi partia com *seyçezello, affonssym, villa chãa, lavadores, agua de feueros* até ao *padrom*, entre *uilla cova* e *ligóo;* limitavam-no por fim, *a pedra de pidir* e a *pedra fita* até ao ponto de partida.

O illustre autor dos *Portugaliae Monumenta historica* inscreveu, entre os *foraes* publicados, os estatutos que o abbade do Mosteiro de Pedroso editorou em 1271 para

1 Nos P. M. H., *Dipl. et Ch.*, encontram-se frequentes documentos referindo-se já a estes logares: assim, a *Cerzedo*, diplomas dos annos de 948, 988, 1043, 1050, 1072, etc.; a *Seixezello*, dos annos de 1050, e 1068; a *Sermonde* (*sesmondi*), um do anno de 1087; á *uilla de uilar* (Andorinho?) *inter uluaria* (Oliveira) *et ecclesiola* (Grijó), *discurrente riuulo feberus* (rio de Febros)..., um outro do anno de 1072; ao *riuulo Guitin*, documento dos annos de 1082 e 1092, etc. Parece que algumas d'estas regiões ainda não seriam freguezias; os notarios medievaes chamam-lhes *villas*, no antigo significado d'esta palavra.

os habitantes do couto; eram já a reedição *augmentada* d'outros anteriores, cuja edade se não fixa. Não se publicará aqui o interessantissimo documento, pela sua extensão; bastará additar que, da mesma sorte que os foraes realengos, contém materia de policia e de finanças, com o cortejo usual de multas e direituras para o abbade monachal. Ao mosteiro e seu abbade foi reconhecida, por sentenças de D. Affonso IV e de D. Pedro I, a jurisdicção civel no couto, mas que *nom posessem hi escriuuam, nem ouvesse hi rrelego.* D. Fernando, a seguir, tambem sentenceou que não usassem de jurisdicção criminal, nem levassem portagem das cousas vendidas na area coutada.

(Fig. 20) *Lucerna* do cemiterio de Golpelhares

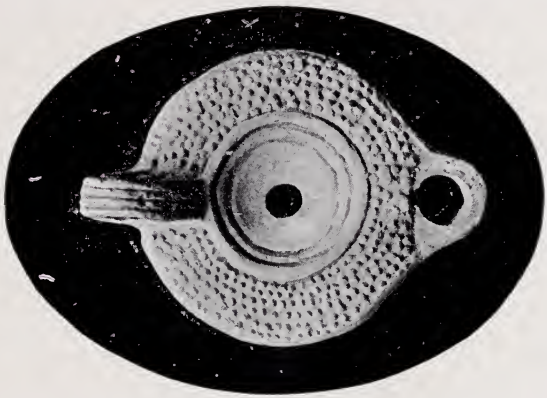
O *couto de egrejoo* ou *egreijoo* assentava em redor do seu mosteiro, bem delimitado *per marcos e per diuysõoes certas,* segundo uma sentença de D. Affonso IV, confirmada por D. Pedro; pertenciam-lhe tambem o *couto de Brito,* na freguezia de S. Felix da Marinha, por doação de D. Affonso III, e o da *aldeia de Tarouquella,* na de Villar do Paraizo.

Quanto ao mosteiro, esse é anterior ao anno de 922; foi fundado por Gotierre e seu irmão Ausindus, nascendo d'uma pequena egreja *(igrejó, grijó)* entre o monte *Petroso* e *Sagitella,* a qual deu o nome á freguezia. Naquelle anno os fundadores doaram-lhe os bens proprios (*P. M. H., Dipl. et Ch.,* II, n.º XXVI). A' *villa* de Grijó se referem depois muitos documentos dos annos de 1030, 1075, etc.; d'um, muito mais recente e emanado da chancellaria de D. Fernando, deduz-se que entre Grijó e o burgo do Porto havia dous caminhos — um que ia saír a *Villa Nova dapar de Gaya,* o mais directo, e outro ao logar de Gaya.

De Crestuma, *Crastumia* no passado mais recuado, falla-nos já um importantissimo documento antigo: Ordonho II e a rainha Elvira foram em 922 visitar ali o eremita D. Gomado, bispo resignatario da sé conimbricense e recolhido no mosteiro crastumiense, a quem, por essa occasião fizeram valiosas doações, e entre ellas, a da *villa de Portugal,* de que fallamos, e a de certos impostos, o *nabulum* (navão) e o *porticum,* que os barcos pagassem aos sabbados, em sitios atracaveis do rio Douro, desde *aliouirio* (Aliouirio ou Aliovirio?) até á foz. E' interessante medir, em face do documento, os limites do couto que abarcavam mesmo parte da fronteira margem direita do rio: *per terminum de liveri* (Levêr), *et inde per montem felanoso* (Fioso?), *et inde in VII^em suberes* (curioso exemplo de demarcação por arvores) *et inde per illum saxum album* (Seixo-alvo) *et inde a paradela, et inde per terminum aliaria quomodo diuidet cum domno uilifi, et inde in portam* (sic) *arnelas et concludit ipsam ecclesiam de arnelas cum sua ecclesia uocabulo sanctus andreas* (incluia, pois, Arnellas, freguezia do Olival, com a velha egreja de Santo André); *et trauciuit ipsum terminum de alia parte dorii* (margem direita do Douro), *et inuenit ipsum terminum per montem de zeurario* (Zebreiras), *et inde per penellas per illum montem ad illam aquellam, et inde per fontanum pennosum quomodo diuidet cum sposati* (Esposado), *et item trauciuit dorium* (nova-

mente margem esquerda) *in uilla palatiolo et concludit ipsam uillam totam exceptis VII^a que est de alios heredes de leueri et inde ferit in terminum de leueri unde primitus iuquoauit.*

Por doação de D. Tereza a Hugo, mencionada no *Catalogo dos Bispos do Porto* como datando do anno de 1118, «o mosteiro de Santa Marinha de Crestuma & o couto d'elle» foram doados á Igreja do Porto. Mas, no tempo do A. do *Catalogo*, o mosteiro já não existia, embora subsistisse o couto.



(Fig. 21) *Lucerna* do cemiterio de Golpelhares

D'entre estes coutos [2] o primeiro a findar foi, ao que parece, o de Pedroso; tendo fallecido o seu ultimo commendatario, teria sido supprimido o mosteiro em 1567, passando todas as rendas e fóros para o collegio dos jesuitas de Coimbra, e, á suppressão d'esta ordem, para a corôa (1759).

Mas a organisação administrativa de Gaya soffreu uma profunda alteração em dous diplomas do tempo de D. João I. Considerando os muitos serviços que lhe fizeram e poderão fazer os *homees boos e concelho da Cidade do porto,* deu-lhe por termo e sujeitou á sua jurisdicção *Villa nova depar de Gaya* com seus *thermos* e divisões que antes haviam. Concedia-lhes, pois, que ahi mettessem juizes de *ssás mãaos e todos os outros ofiçiaes, que aelles perteençe, fazendo que uenham responder aadita cidade come seus aldeãaes.* Na outra carta o rei declarava que o julgado de Gaya supportaria, em repartição egual, os *encarregos e seruidões* que fossem lançadas ao Porto; e que os moradores ou *pobradores* d'ahi em deante fariam tudo aquillo que lhes fosse mandado pelos juizes, justiças e regedores da cidade.

As villas de Gaya, seu termo e julgado perdiam assim, para muitos seculos, a independencia que só recuperariam em 1834, após as contendas liberaes.

O foral de D. Manoel (1518) nada innovou sobre o que vinha estabelecido pelos diplomas anteriores. Nem admira. Esta especie de leis particulares, que de principio tanto avultaram, agora continuavam apenas a reger sobretudo em materia de prestações ou sobre privilegios locaes. Como o foral affonsino, o manuelino distinguia nitidamente entre

a) a villa de Gaya e villa nova, com *sua terra anexa* ou *seu circuito* e *arravalde;* e

b) a terra *devassa,* que se intendeu chamar-se *ho outro termo da dita gaya... tirando as casas e circuytos.* A distincção ainda se frisa por outra forma; tratando de portagens por cargas, separa-se destacantemente a villa comprehendida no foral affonsino da *terra de gaya maior* e *pequena,* insistindo em que a portagem se devia levar sómente *na villa de villa nova e seu çircuito...* e *nam na outra terra.* Apparece, por ultimo, no foral manuelino a designação generica de *terra chãa de gaya.* Viterbo esclarece chamar-se d'esta forma a aldea ou povoação pequena «*que não he cabeça de concelho*», nem tem muros, torres ou cas-

2 Segundo a nota explicativa n.° 33 do *Plano de reforma dos foraes,* por ALBERTO CARLOS DE MENEZES (Lisboa, 1825), eram nesta data donatarios do couto d'Avintes o Marquez de Lavradio e de Grijó o convento respectivo, pertencendo um e outro á antiga comarca do Porto; do couto de Crestuma era-o a Casa do Infantado, e do de Sandim o Convento das Bentas do Porto, e estes entravam na comarca d'Aveiro.

tellos. No foral incluem-se sob aquella rubrica as freguezias *dulveira, madanella, Valladares, Canellas, Perosinho, mafamude, Golpelhares, Arcazello, Parayso, Santandre, Sermonde, Çerzedo, Sam fynz, Geiym, Villar dandurynho, Gryjoo, Pedroso e Santa marynha: gaya.* [3] Comprehende-se que não seria *chãa* toda a terra d'esta ultima freguezia; o foral, porém, não faz delimitações dentro d'ella, colligindo-se apenas que entravam na designação generica — terras e moinhos *delRey*, devezas, casas, *casas do syneiro*, o *castello de gaya*, a *casa da fervença*, o *casal da costa da Igreja, a quebrada del Rey*, etc.

Com os subsidios diplomaticos precedentemente indicados, não ficam ainda bem demarcadas as duas villas privilegiadas de Gaya; a obscuridade e a incerteza não se dissipam, se não se avolumam, com outros documentos examinados. Não é d'agora a indecisão. Já existia em tempos recuados, e não poucos pleitos e contendas provocou. Por tradição e por algumas referencias documentaes, o que é averiguado é que a *Fonte do Cabeçudo*, em Villa Nova, se reputava antigamente um como marco divisorio. Por ella partiam dous concelhos — o *de baixo*, «que se comprehendia na pequena parte de Villa Nova, do *Cabeçudo para baixo*», e outro, *d'ahi para cima e se estendia a todo o mais concelho (Representações das vereações de Gaya*, de 30-dez.-1834 e 25-agosto-1835). [4] Em velhos documentos do archivo da confraria do S. Sacramento da Villa, contando-se os termos de varias contendas dos de Gaya com Bispos portuenses acêrca do pagamento de portagens, tambem se fazem referencias á parte da villa da *Cruz do Cabeçudo para baixo*, onde os antistites do Porto pretenderam abusivamente cobrá-los ahi por 1429, como depois em 1678, 1747 e 1754. E d'outro passo aclara-se um tanto o que devesse entender-se por concelho de cima: «Correram estes moradores do *Cabeçudo para cima* demanda com a Mitra e Cabido para serem escusos de portagem todos os que moracem de S. Paio, quinta da Telheira, Rasa e d'ahi a Pedra Salgada, que he defronte da luneta (sic) de Campanhã». Annotando que esta *luneta* deve ser a mesma, a que se refere, para demarcações, a carta de doação da rainha D. Tareja a D. Hugo bispo do Porto *(per lunetam)*, e a *lueda (... e busto e castro, que chamam em linguagem* LUEDA), mencionada na tradução d'aquelle documento enviada por D. Affonso ao inquiridor *andre domjnguez tabelliam do porto;* parece licito concluir que d'estes moradores do *Concelho de Cima* se formavam a *Gaya a grande* e a *pequena* do foral manuelino, como integrantes d'essa mais vasta area concelhia — a *terra chãa*, a *terra devassa* de Gaya.

Noutro trabalho em preparação, distin-

3 Uma nota inserta no livro do cartorio parochial da egreja de St.ª Marinha esclarece que a egreja era unida á Meza Capitular dos Conegos do Porto, por doação de D. Diniz do anno de 1330.

(Fig. 22) Fragmentos da estella da sepultura do Monte Murado

4 Pertencia ao *Concelho de Baixo* um desapparecido *pelourinho*, derrubado em 1821 por uma cheia do Douro e que se levantava a nascente do actual Largo de D. Luiz I. No caes de Gaya, junto ao oratorio do Senhor da Boa Passagem, ainda subsiste outro, de singella architectura; pertenceria ao *Concelho de Cima*, se se assentar em que o outro concelho era limitado a leste pela *Cruz do Penedo*, antigo e perdido padrão com um retabulo de N. Senhora do Carmo no sitio onde começa a rua do General Torres, e a poente pela *Cruz do Coadjutor*, á entrada da rua das Costeiras no logar ainda hoje conhecido pelo nome de *Cruz*.

— As denominações de *Concelhos de Baixo* e *de Cima* seriam usuaes e vulgares, extra-officiaes. Ao de *Baixo* corresponde tambem a designação de *Termo velho da Cidade*, encontrada em varios diplomas.

guir-se-á mais detidamente a *Gaya Grande* da *Gaya Pequena,* com o subsidio de documentos fornecidos pelo cartorio do senado portuense. Aqui basta annotar que as duas circunscreviam a Villa affonsina, primeiro a *Grande,* por fóra a *Pequena.*

Passando sobre alguns seculos, em que não vale esmiuçar diplomas, chega-se á Lei de 19 de julho de 1790. Antes, quando muito, mereçam referencia as *Constituições sinodaes do Bispado do Porto* (1 de novembro de 1687), pela menção das igrejas parochiaes da *comarca da Feyra,* inclusa no Bispado; lá entram, nas noventa egrejas, as *abbadias* de Mafamude, Canellas, Olival, Golpelhares, Avintes e Sermonde, os *curados* de Guetim, Seixizello, Canidello, Magdalena, Crestuma, Parayso, Salzedo, Valadares e Perozinho; as *vigairarias* de Oliveyra do Douro, Sandim, Santa Marinha de Villa Nova de Gaya, Villar de Andorinho e Grijó, e as *rectorias* de S. Felix da Marinha, Arcozello e Pedroso.

Mas a Lei de 1790, diziamos, veio abolir o poder e jurisdicção dos donatarios, nomeadamente em relação ao sisthema militar, financeiro e judicial. D'este passo, os antigos *coutos* e *honras* ficam reservadas para a historia. É, porém, mister caminhar ainda até ao decreto de 13 d'agosto de 1832 para assistir ao desmoronamento dos *foraes* e de todo este passado ominoso de privilegios.

Estamos, emfim, na extrema inicial de uma era nova, em que, na area territorial da hodierna Gaya, vae surgir uma outra vida administrativa de curioso aspecto, mercê das reformas geraes, que, após a Convenção d'Evora-Monte (27 de maio de 1834), começaram de executar-se no país, com ingenuo e ardente enthusiasmo. Facto culminante para a historia local: Gaya readquire a independencia e autonomia, que perdêra com as *cartas* joaninas em favor do burgo portuense!... Movimenta-se o quadro; cinco concelhos — nada menos — cinco municipios se demarcam a dentro do perimetro: é Avintes, é Crestuma, é Sandim, mais Grijó, emfim, Villa Nova de Gaya! Obra do dec. n.º 23 de 16 de maio de 1832, additado com o dec. de 28 de junho de 1833 e respectivo mappa da Divisão do territorio de Portugal, e Algarve. Gloriolas efemeras, que ulteriores reformas vão apagar em proveito da hegemonia de Villa Nova!

Crestuma a 12, *Grijó* a 27, *Villa Nova* a 28 de maio de 1834, *Avintes* antes de 23 de junho, e *Sandim* pela mesma epoca, mas em dia impreciso, recebem o baptismo de municipios independentes com interinas commissões administrativas á sua frente, da escolha das sub-prefeituras do Douro. E assim, naquelle memoravel anno de 34, provisoriamente de principio, definitivamente depois das subsequentes e immediatas eleições, cinco senados presidem, orgulhosos e desvanecidos, aos destinos municipaes de villanovenses, avintenses, crestumenses, sandinenses e grijoense... Jurisdicionalmente o ambito dos municipios de Avintes, Crestuma, Sandim e Grijó não ultrapassam

(Fig. 23) Vasilha da sepultura do Monte Murado

(Fig. 24) Vasilha da sepultura do Monte Murado

as linhas das respectivas freguezias; Villa Nova, porém, já abarca dezenove parochias, com 7460 fogos e 27.085 almas.

Breve a vida municipal de Crestuma e Sandim. Atravez do *Livro do Rezisto da Camara Municipal do Couto de Crestuma,* depositado no archivo gayense, reconstitue-se rapidamente a acção apagada d'este municipio, que veio a acabar os seus curtos dias a 19 d'outubro de 1835, com a entrega em Grijó do seu mingoado archivo. Memore-se a primeira vereação: presidente, José Francisco d'Oliveira, fiscal, Luiz de Souza, provedor Manoel Joaquim Borges de Castro. Quanto a Sandim nada se sabe; passou obscuramente; e, chegado o dia do seu decesso, nem o archivo entregou, se o tinha.

Os dous velhos *coutos,* concelhos d'um momento, lá foram, pela annexação a *Grijó* em 19 d'outubro de 1835, dilatar-lhe a area e avolumar-lhe a importancia. Transitoriamente tambem, vae vêr-se.

A 27 de maio de 1834, o sub-perfeito interino na Villa da Feira, Manoel José da Costa e Souza, viéra solemnemente a Grijó, a nomear a *Commissão Municipal interina do Couto;* mereceram-lhe escolha Antonio Ferreira dos Santos, presidente, Manoel Pereira Soares, Luiz José Gomes, Manoel Martins e Manoel Alves de Fontes, procurador. Da subsequente eleição só sairam legalmente tres vereadores; e, se em 35 o numero foi elevado a cinco, é que entretanto se verificára a annexação de Crestuma e Sandim com o cabecelado do novissimo concelho para a freguezia de Grijó.

Intensa, movimentada e curiosa foi a vida administrativa d'este municipio; durante ella se esboçaram as classicas luctas de facções locaes, tão no gosto dos vindouros. Afinal todo aquelle são enthusiasmo, que eloquentemente se traduz no chamado «Livro dos accordãos», afunda-se lastimosamente na sessão terminal de 16 de janeiro de 1837, com a derradeira acta, o assento d'obito do municipio grijoense, que vae agora fundir-se no de Gaya, sem um lamento, sem um protesto.

Mas, cá para o norte, outro minusculo concelho vivia activo, contente e cioso da autonomia municipal. Na *Tulha dos Dizimos,* casa consistorial, a edilidade avintense, sob a primeira presidencia electiva de Antonio Francisco Aleixo (setembro de 1834), começára a *deliberar* com galhardia, boa vontade e acêrto. Um tudonada ambiciosa e vagamente receiosa da sua pequenez de mil municipes, a corporação afoutou-se a pedir a annexação de Andorinho, Pedroso, Olival e Seixezello (*representação* á junta geral do districto, de 17-junho-1836). E' que, se resistira ao golpe que derrubára Crestuma e Sandim, poderia não ser de futuro tão feliz. Rumorejava-se por ahi uma remodelação concelhia; ir-se-ia nella agora a sua independencia?

A divisão territorial de 6 de novembro de 1836 e o subsequente codigo administrativo vieram justificar os seus temores; foram a sentença de pena capital. Mas, diversamente da irmã grijoense, não se curvou, resignada e submissa, ao garrote official; clamou contra o *terrivel vexame* de a jungirem a Gaya (sessão de 27-julho-36); representou á Rainha, pondo-lhe deante titulos historicos, nobrezas de linhagem, antiguidade de independencia e autonomia. Que ao menos a unissem ao Porto, condescendia.

— .. «era menos vexame a este povo», insistia.

Não foi escutada! A sua morte municipal consta da acta de 28 de fevereiro de 1837, a ultima lavrada ...

Simultaneamente, sob a presidencia de Antonio da Rocha Leão e a camaradagem de Francisco Alves d'Oliveira Araujo, fiscal, José Alves do Souto, José Antonio dos Reis e Antonio Thomaz da Silva, vereadores e o ultimo provedor, constituira-se a Commissão Municipal, que installou e interinamente regeu o novo municipio de Villa Nova de Gaya.

De 28 de maio a 14 de novembro de 1834, a freguezia de Seixezello oscillou entre as pretensões jurisdicionaes de Avintes e Villa Nova. Assim é que o seu parocho se absteve de comparecer no senado gayense no dia 2 de junho, a jurar com os collegas a fidelidade official á Rainha. Já a 14 de novembro, porém, quando os juizes eleitos das freguezias annexas a Gaya, num lance unanime, veem protestar com a vereação contra

as encobertas pretensões do Porto a recuperar a perdida jurisdicção sobre Gaya, lá comparece a auctoridade seixezellense a unir o seu acs clamores dos collegas.

cial; e o legislador, longe de o extinguir ou encurtar, ampliou-o com Avintes, e com Grijó que de per si lhe trouxe os velhos coutos de Crestuma e Sandim. E até com

ANTONIO DA ROCHA LEÃO, 1.º Presidente do Municipio de Gaya
(Copia d'um oleo da época)

Não é para aqui escrever a historia minudenciosa do municipio de Gaya, entre 34 e 37; morosamente, mingoado de recursos, luctando renhidamente contra a má vontade da sua secular dominadora, lá foi crescendo e avigorando-se. Quando da reforma territorial de 36, já se impunha á consideração offi-

Argoncilhe (Feira), e mais nunca esta freguezia pertencêra ao seu julgado, nem estivéra unida a outra entidade administrativa do perimetro gayense. Verdade é que foi por curto tempo; e a 10 de novembro de 1837 já os argoncilhenses eram, como pediram, eleitores da camara municipal da Feira. Desde

*

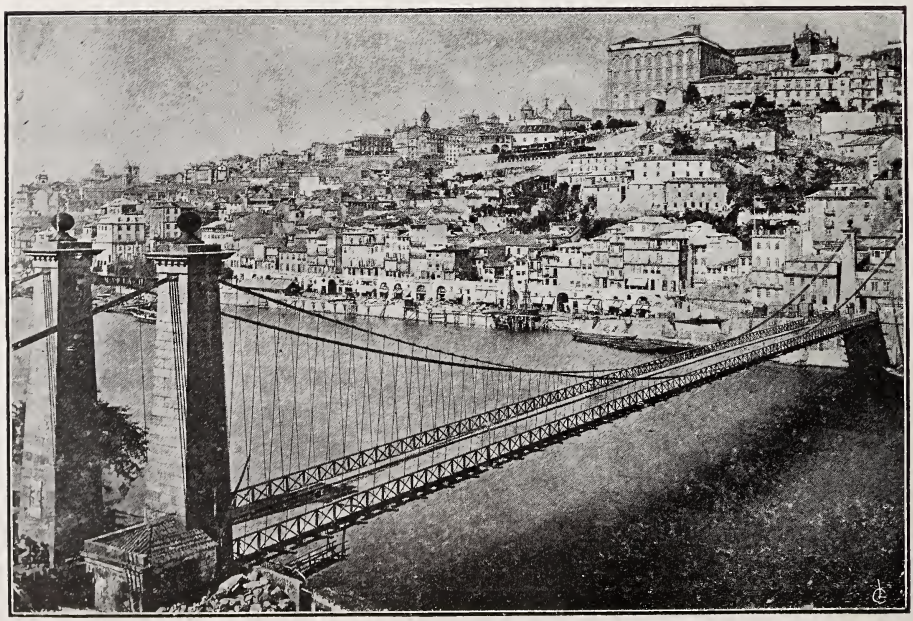
então ficou o municipio de Gaya com as actuaes freguezias, hoje unidas na mais intima solidariedade politica e administrativa.

Assim se constituiu o hodierno concelho de Gaya — o mais populoso dos ruraes, um dos mais opulentos em tradições e em fóros de antiguidade e de valentia.

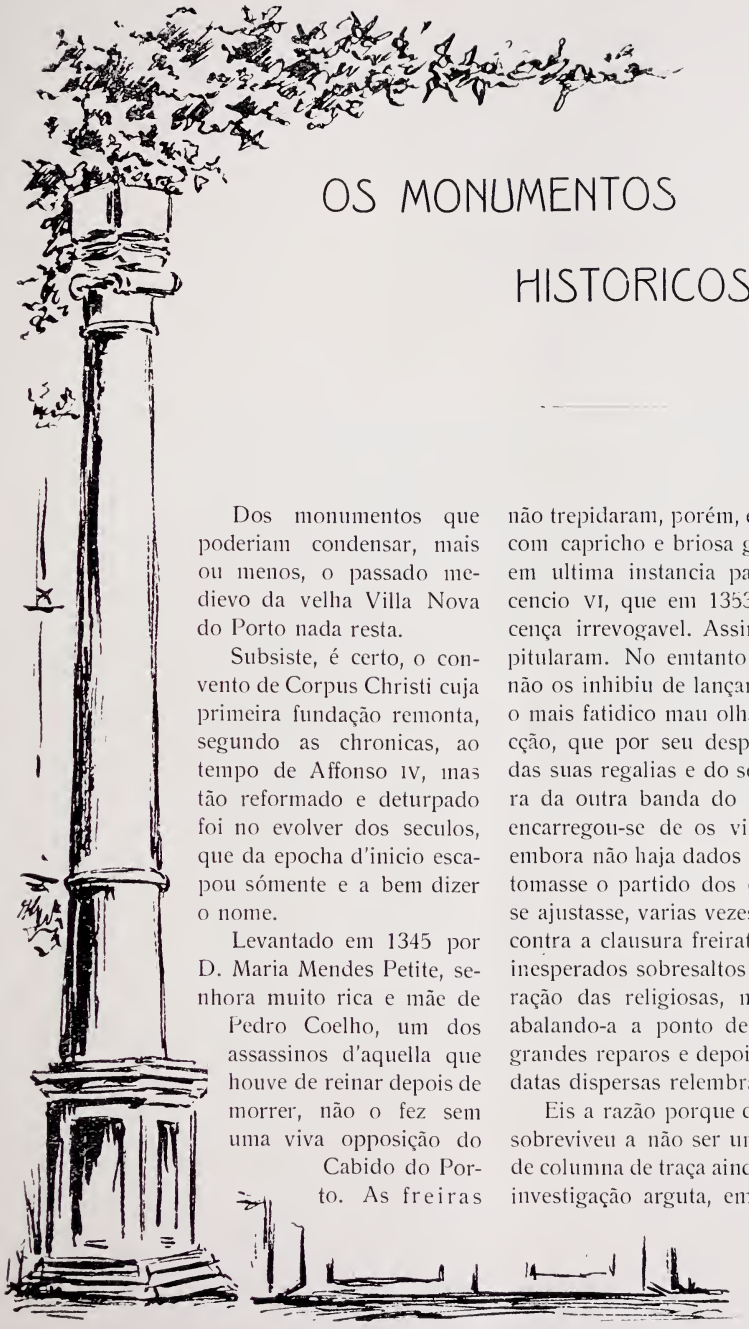
Nos attributos heraldicos do seu brazão, concedido depois de 1850, perpetua-se esse passado nobilitante. No castello ameiado e na aguia legionaria que o encima, allude-se á *Cale* romanisada; na fortaleza de zimborio, ao theatro das façanhas dos *Polacos da Serra;* no escudête central com a legenda circundante — *Mea Villa de Gaya,* á toponimia foraleira de Affonso III; no guerreiro buzinando, á legenda poetica de Ramiro I; na divisa *Nome e Renome,* á pretensão de ter dado o nome ao país e ao renome « com que a fama do seu valor tem sido sustentada ».

Do quadro antehistorico e historico da genese e evolução do concelho gayense ficam ahi só as linhas geraes, mas definitivas e seguramente documentadas. Com ulteriores dados ou em mais opportuno ensejo se traçarão outras secundarias e complementares.

José Fortes.



Antiga Ponte-Pensil que a actual Ponte D. Luiz I substituiu



OS MONUMENTOS HISTORICOS DE GAYA

Dos monumentos que poderiam condensar, mais ou menos, o passado medievo da velha Villa Nova do Porto nada resta.

Subsiste, é certo, o convento de Corpus Christi cuja primeira fundação remonta, segundo as chronicas, ao tempo de Affonso IV, mas tão reformado e deturpado foi no evolver dos seculos, que da epocha d'inicio escapou sómente e a bem dizer o nome.

Levantado em 1345 por D. Maria Mendes Petite, senhora muito rica e mãe de Pedro Coelho, um dos assassinos d'aquella que houve de reinar depois de morrer, não o fez sem uma viva opposição do Cabido do Porto. As freiras não trepidaram, porém, e mantiveram o pleito com capricho e briosa galhardia, recorrendo em ultima instancia para o pontifice Innocencio VI, que em 1353 lhes concedia a licença irrevogavel. Assim, os capitulares capitularam. No emtanto a auctoridade papal não os inhibiu de lançarem do alto do Burgo o mais fatidico mau olhado sobre a construcção, que por seu desprazer e com offensa das suas regalias e do seu pundonor, se alçara da outra banda do Douro. Este, porém, encarregou-se de os vingar. Com effeito, e embora não haja dados para affirmar que elle tomasse o partido dos conegos ou com elles se ajustasse, varias vezes investiu com sanha contra a clausura freiratica, lançando não só inesperados sobresaltos na quietude e no coração das religiosas, mas damnificando-a e abalando-a a ponto de obrigar, primeiro, a grandes reparos e depois a reedificações, que datas dispersas relembram.

Eis a razão porque da obra medieval nada sobreviveu a não ser um capitel e uma base de columna de traça ainda romanica, que uma investigação arguta, embora rapida, lobriga n'uma loja com negrume d'antro e decorações de tecido de aranhiço e um panno

Pateo do Convento de Corpus-Christi

mente desgrenhado, procura occultar dos olhos dos homens tão desoladora ruina.

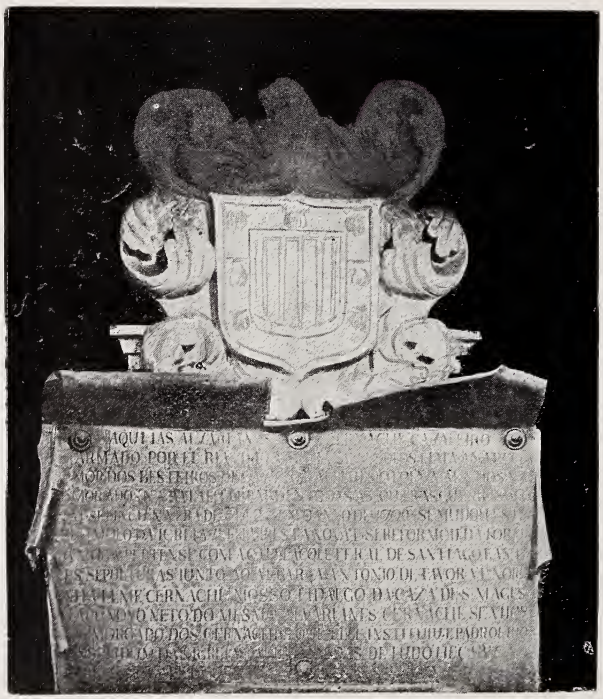
O resto do convento é um conjuncto architectonico, irregular, banal e frio, de que uma parte se encontra destruida pelos effeitos d'um incendio e a outra num estado de claudicante decrepitude.

Nada de notavel para o registro que não seja qualquer pobre peça do mobiliario historico, um ou outro caixilho entalhado, certas esculpturas sem merito artistico.

A igreja, para a qual dão os coros superior e inferior de tectos horizontaes, divididos em caixotões, nada a recommenda a não ser a sua planta octogonal, que suscita a lembrança de outros exemplares disseminados pelo paiz, a tela do altar-mór, quatro imagens de madeira em que sobresahe a de Santa Rosa, galante obra plastica pintada a estofo, e um tumulo brazonado e com inscripção.

de silharia siglada, na parede septentrional do arruinado claustro, onde tambem jaz uma ingenua Virgem gothica esquecida n'um nicho.

O claustro sem telhado e pavimento superior conserva apenas a duplice columnata sobriamente dorica. D'uma inexcedivel simplicidade estructural, sem pretensões no seu commedimento, é singelamente encantador pela harmonia e pela justa proporção estabelecidas entre os seus elementos componentes. Nas quatro faces desamparadas e mantidas em pé, por um milagre d'equilibrio, principia tambem o descalabro. Um silvado, selvatica-



Tumulo de Alvarianes, Alferes da Ala dos Namorados

No rigido carneiro de granito erguido sobre as humbreiras d'uma porta rasgada numa das faces do polygono, segundo a legenda aberta numa folha de cobre doirado e subposta ao brazão

.. IAS ALVARIANES CERNACHE CA

VALEIRO ARMADO POR EL REY D. JOÃO CUIA ALMA DEOS HAIA ANADEL MOR DOS BESTEIROS DE CAVALO E ALFERES Q FOI NA ALA DOS NAMORADOS NA BATA LHA.REAL E EM TODAS AS OUTRAS GUERRAS O COAL SE FINOU NA ERA DE 1442. NO ANNO DE 1706 SE MUDOU ESTE TUMOLO DA IGREJA VELHA P^a ESTA NÕVA E SE REFORMOU DA FORMA ANTIGA

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

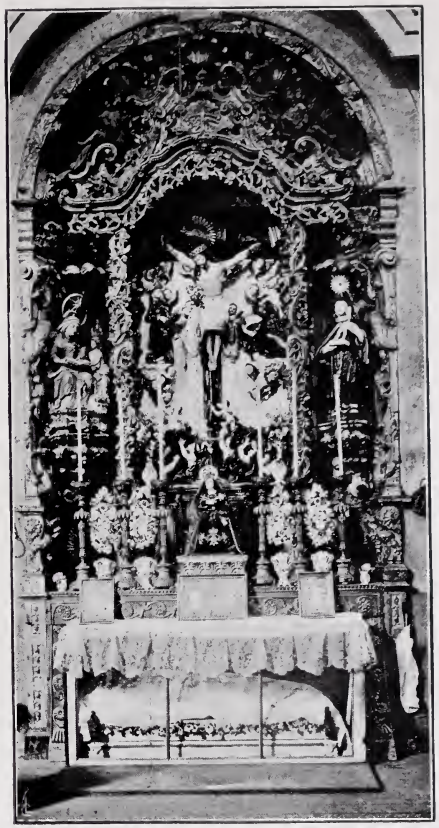
Tão hirta é a homenagem que se desenha sobre o escuro vasio e prestada por Antonio de Tavora e Noronha Leme Cernache que mais parece ter sido feita para jactanciosamente se dizer *nono neto* do valoroso *Alferes* da *Ala dos Namorados*...

Ao sahir por um dos arcos inverosimeis da frontaria, achavascada e inexpressiva, que se encolhe ao lado da portaria, com o seu arco de volta inteira, não deixa de considerar-se o silencio pungente que alaga o pateo de paredes salitradas e escaroladas, onde outr'ora soou o galanteio poetico dos outeiros e tão açodada e enthusiasticamente reinou o bulicio irrequieto e contente das festas dos abbadessados...

Vadiando pelos meandros de Gaya o farejador d'arte nada mais saboreia que o conspecto do altar da Confraria do Santissimo Sacramento, gracioso specimen do seu genero, em talha do sec. XVIII; os dois *panneaux* d'azulejos, tambem da decima oitava centuria, com scenas da vida de Santa Marinha; uma ou outra habitação de pilastras doricas, varanda de solida grade de ferro e cachorros de granito sob a soleira, typo architectonico da mesma época; o tosco pelourinho, e, mais alem, o ponderado e leve troço d'aqueducto que, subito, accorda a grata reminiscencia do congenere de Villa do Conde.

Agora, e visto que a penna erudita, conscienciosa e brilhante do sabio José Fortes conduzirá o leitor ao nobilitante Museu Azuaga, cumpre deixar a villa e subir á eminencia da Serra do Pilar.

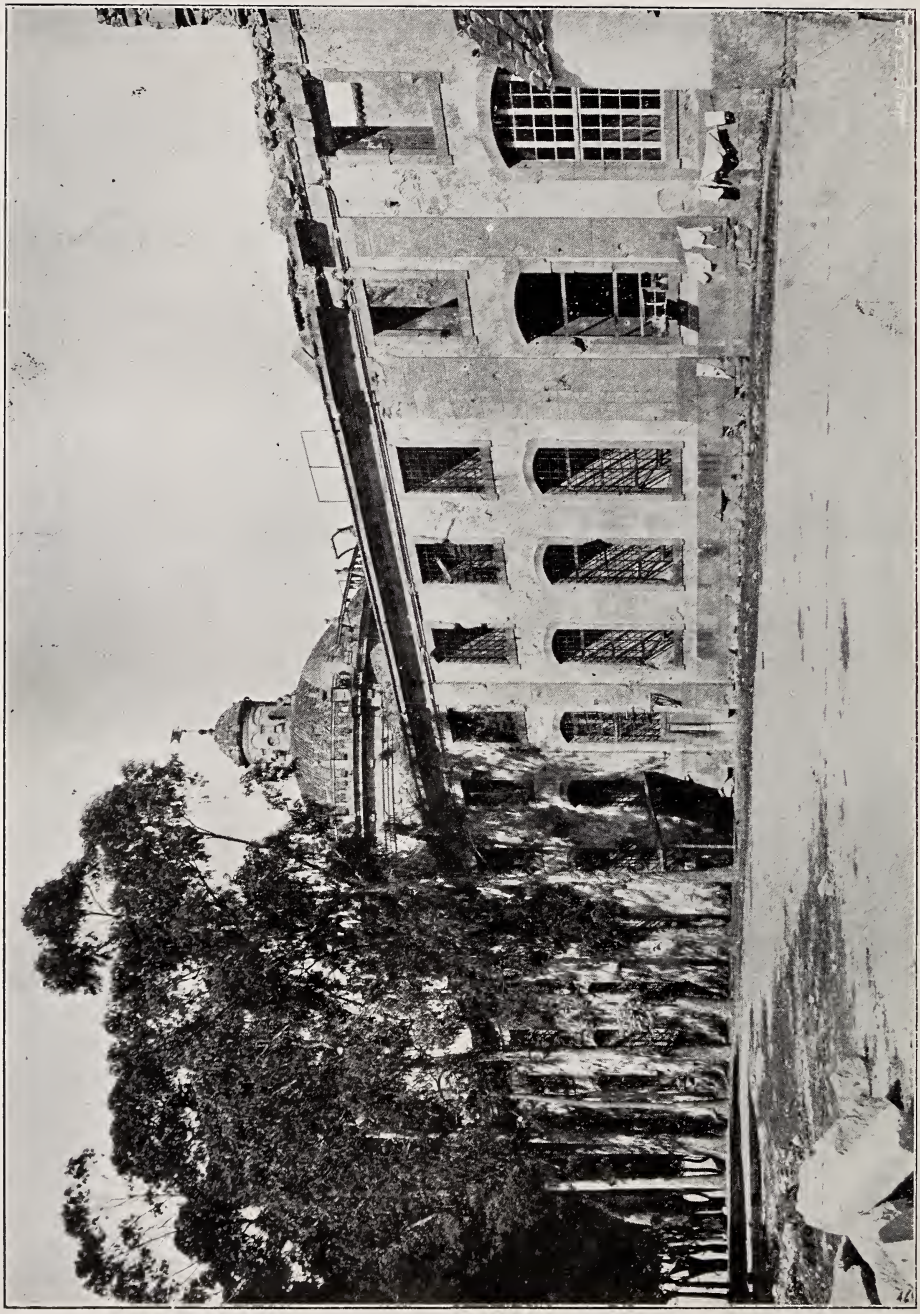
No plató da antiga serrania de Quebrantões e a leste d'um sombrio macisso d'eucalyptos e australias levanta-se o famoso mosteiro dos agostinhos, que placidamente desfructa a adoravel curva do rio verde glauco — tantas vezes barrento! —, resvalando para o mar, coalhado d'embarcações, no sopé da bizarria scenica da *Invicta*, cujos derradeiros planos se recortam nas transparencias da abobada.



Altar da Confraria do Sacramento

Muito conhecido pelo papel que desempenhou na invasão franceza e nas luctas liberaes e fratricidas do segundo quartel do seculo XIX pouca importancia se lhe tem ligado e pouca vulgarisação se tem feito do seu valor artistico, assaz apreciavel, e cujo conhecimento critico apenas se deve, ao que parece, a dois extrangeiros: o allemão Haupt e o inglez Watson.

O desmazelo e o abandono em que se en-



Mosteiro da Serra do Pilar (face sul) — *Cliché do ex.mo sr. Marques Abreu*

contra, justificam, porem, a ignorancia que seu respeito existe. Mais benevola attenção merecia o monumento altaneiro d'uma inegualavel singularidade architectural, que decerto a teria n'um outro paiz não tão inestheta e vandalo como o nosso.

Ácerca da fundação da igreja correm os mais inexactos e levianos esclarecimentos, aliás facilmente reductiveis aos termos da verdade com a leitura breve do que respectivamente expõe D. Fr. Nicolau de Santa Maria, na sua *Chronica dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho*. Parte I. Liv. VI pag. 341-343.

Mosteiro da Serra do Pilar: porta do Claustro
Cliché do ex.mo sr. Marques Abreu

O mosteiro da Serra foi um desmembramento do de Grijó. Com effeito, havendo-se resolvido mudar este para sitio mais elevado e visinho do Porto, sendo seu prior D. Bento Abrantes, ex-conego professo de Santa Cruz de Coimbra, o rei D. João III mandou principiar a nova edificação monachal no planalto fronteiro á cidade, quando corria o anno da graça de 1538, e depois dos consentimentos de D. Balthazar Limpo, que dirigia a diocese portuense, e das bençãos de Paulo III, que occupava o solio pontificio. Em 1542 a obra findava para ser inutilisada cincoenta e seis annos mais tarde. É como conta D. Nicolau de Santa Maria, que tambem priorou os monges de Quebrantões: *Sendo Prior deste Mosteiro da Serra o Padre D. Accursio de Santo Agostinho pellos annos de 1598, como era de generosos espiritos, pareceõdolhe a Igreja do Mosteiro pequena e acanhada fundou de nova outra Igreja com titulo de nosso Padre Santo Agostinho; o corpo desta nova Igreja he circular na forma de Sãta Maria Redonda de Roma toda cercada de capellas e será acabada hũa das melhores do Reyno e junto á Igreja fundou o mesmo Prior hua fermosa Claustra da mesma architectura e forma circular e redonda, toda de abobada, que vai virando na mesma forma com grande arte, traça e invenção, de que se admiram todos os que sabem de architectura; tem esta Claustra em roda muitas e grãdes colunas e no meyo hũa fermosa fonte de agoa, dourada em partes, muy alegre á vista.*»

O illustre chronista escrevia isto nos meados do seculo XVII, quando o templo ainda não era completo. O claustro, a ser verdadeira a data d'uma das almofadas do attico, só se concluiu em 1692 e não em 1602 como erradamente se tem generalisado. As denuncias do

estylo concordante com aquella data não escaparam, porem, á sagaz observação de Haupt, assim como a incompatibilidade constructiva do mosteiro com o anno de 1540 e snbsequentes do seculo decimo sexto foi argutamente assignalada por Watson.

A igreja da Serra do Pilar é um cylindro colossal d'alvenaria, agradavelmente proporcionado, sem monotonia de linhas, antes com realce de perfis pelas nervuras estructuraes de granito que accusam a sua osteologia externa.

A sua planta, àparte a analogia da de Santo Amaro reproduzida por Haupt, constitue no nosso paiz um paradigma singular que todavia não é um producto esporadico na architectura, mas apenas o emprego das formas herdadas da antiguidade classica, usadas no byzantino e no romanico — relembram-se na Hespanha os dois typos de Salamanca e Segovia — e resurgidas na Italia com a Renascença.

Oito pilastras duplices resaltam verticalmente da circumferencia e como que a exercer uma funcção d'apoio e resistencia marcando outros tantos tramos em que se divide o interior; a meia altura corre horizontalmente uma cornija parallela ao envasamento basilar e á platibanda d'acroterios, sustida por consoles e de que emerge a cupula encimada pelo lanternim. São estes membros architecturaes de granito que formam o arcabouço externo da construcção alem do portico lastimosamente ultrajado. Este compunha-se de quatro columnas jonicas, duas por banda, ladeando a porta de volta perfeita, almofadada e subjacente ao nicho d'onde certamente doutorou ás gentes, em tempos idos, a imagem de Santo Agostinho.

Quatro janellas, abertas nos respectivos extremos diametraes, illuminavam o interior.

N'este depara-se uma elegante e alterosa rotunda com a sua cupula ousada.

O desleixo, porem, a que está votada, a sordidez que exhibe e a escassa luz que n'ella penetra, actualmente, arrefecem, de subito, a boa impressão colhida, ao entrar, no desafogo do airoso recinto.

Não fallando nos espaços destinados á capella-mor e ao portico seis capellas se cavam na espessura da muralha circular, as quaes são divididas umas das outras por duas esguias pilastras intervalladas, que se consideram copias grosseiras de S. Vicente de Fóra.

Em cada um dos intercolumnios ha trez encasamentos sobrepostos com santos de pedra de modelação dura que uma hedionda pintura torna ainda mais rìgida.

Da dilatada cornija, assente em modilhões, ergue-se a magnifica abobada espherica, disposta em tabellas, até ao lanternim que a corôa. Na mesma cornija poisa um ediculo com o Salvador por sobre o arco triumphal da capella-mór abobadada em berço repartido em caixotões.

Trez altares e dois pulpitos de talha em madeira, do renascimento portuguez, assim como as cadeiras coraes com sobria decoração da mesma epocha eis o que ainda pode demorar o exame do observador, que passará por ultimo ao claustro d'uma originalidade surprehendente.

De forma circular e redonda, como o escrevia D. Nicolau, é d'uma tal serenidade e d'um tal rythmo estaticos, no isolamento melancolico das coisas abandonadas, que encanta e commove.

A sua nave continua tem uma abobada de pleno cintro, cuja armação de filetes graniticos, longitudinal e transversaes, firmando-se estes nas cornijas, se enche com tijolo e se apoia na parede circundante e nas trinta e seis columnas jonicas d'um modulo correcto e muito bello.

Em roda abrem-se quatro capellas circulares, despidas, musgosas, bafientas.

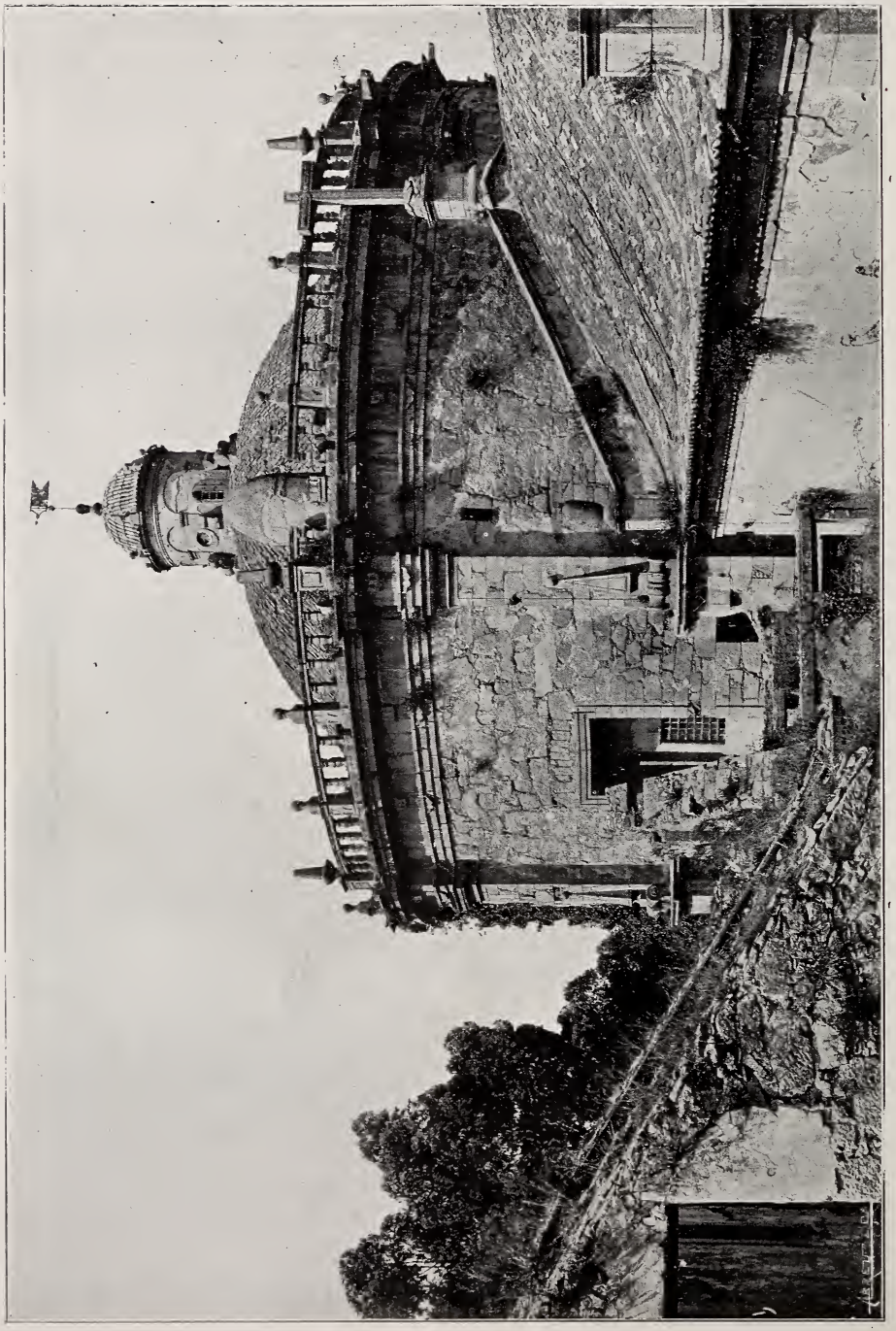
No alto, rematando a harmoniosa galeria, recorta-se o attico *barroco* onde se lê, nos pontos divisorios dos quartos do circulo: ANNO DOMINI NOTRI 1692.

O pateo de cujo lagedo rompem varias arvores de fructo está já desprovido *da fermosa fonte de agoa, dourada em partes, muy alegre á vista.* A lympha já não cae lépida e cantante no seu fino murmurio, quebrando o recolhimento beatifico de tão lindo circuito.

O convento, actualmente convertido em quartel d'artilharia, além d'uma parte desprezada e em ruinas, é uma vasta molle cheia de

Mosteiro da Serra do Pilar: Ruinas que o tempo sublimou da sua melancolica belleza
(Cliché do ex.mo sr. Marques Abreu)

banalidade e sem merito. Apenas a sacristia, sem cobertura e afogada em hervas parasitas, nas suas linhas emphaticas, e a torre discreta e quadrangular encarapuçada por um marabú, merecem uma vista d'olhos, antes de se dizer adeus ao mosteiro, cujo reboco pardacento vae cahindo e deixando ver a ossatura da alvenaria alem de augmentar a severa tristeza que o envolve por detraz do arvoredo verde sombrio...



Mosteiro da Serra do Pilar. (face do nascente) — *Cliché do ex.mo sr. Marquês Abreu*

Se de Villa Nova de Gaya e do seu arredor se faz uma digressão pelo concelho, sómente o mosteiro de Grijó é digno d'uma visita, pois que o aformoseamento do progresso deturpou por completo a fabrica romanica do mosteiro de Pedroso, cujo delineamento no emtanto subsiste, com os additamentos da sua solida galilé e da sua torre a neiada, como nos tempos guerreiros da Meia Idade.

De resto nem a descripção d'outro que não fosse o monumento de Grijó se poderia seguir, porquanto como se disse, d'elle se desmembrou o da Serra do Pilar.

gundo os pulverulentos in-folios, data do seculo X. Na era de M.CXXXI, ou seja o anno de Christo de 1093, Sueiro Fromariguez, porem, *tratou de fazer a Igreja maior e mais capaz por ser muito pequena a que seus tios fundarão.* Mas D. João Peculiar, d'origem franceza e arcebispo bracharense, pelo que se deduz de D. Nicolau de Santa Maria e da *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* de D. Rodrigo da Cunha, fez no sec. XII a terceira reedificação, que perdurou até ao anno de 1574 em que o Prior D. Pedro do Salvador, a 28 de Junho, *vespora dos*

Mosteiro de Pedroso

Exceptuadas uma larga noticia historica publicada por J. P. da Silva Ventura, no *Boletim da Associação dos Archeologos e Architectos Civis Portuguezes* e uma monographia inédita que existe, ha annos, em poder da Commissão dos Monumentos Nacionaes e se deve ao notavel homem de sciencia Ricardo Severo, o nunca assás benemerito director da *Portugalia,* ninguem ainda se occupou d'elle. Por isso, alem dos banhistas de Espinho e Granja que em dias inoccupados se dão o prazer e o devaneio d'uma curiosa passeiata, poucas mais pessoas o conhecem neste paiz de lusitanos.

Ora o mosteiro de Grijó é um d'aquelles que mais fundas raizes mergulha num remoto passado. A sua primeira fundação, se-

Santos Apostolos, S. Pedro e S. Paulo, lançou a primeira pedra do actual edificio, isto é, oito annos depois de publicada a Bulla de Pio V, que desaggregou de Grijó o mosteiro de Villa Nova.

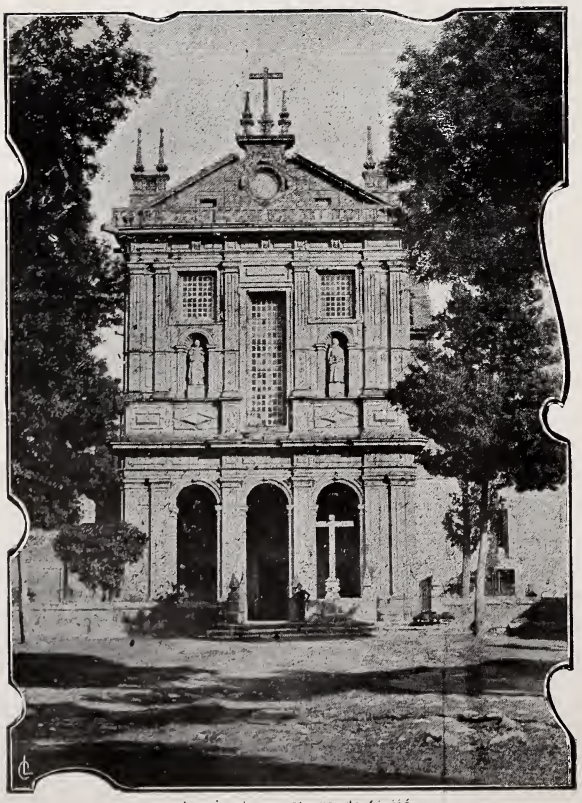
Não se espere encontrar, pois, como de facto se não encontra, alguma sobrevivencia constructiva da alta Idade Média. Tudo se subverteu.

O que escapou foi essa peça preciosa, sob todos os pontos de vista, da iconographia funeraria portugueza que é o tumulo de D. Rodrigo Sanches, *filho natural,* como o virtuoso D. Nuno, *de D. Sancho I e de hũa fidalga principal e de grande fermozura, chamada D. Maria Paez Ribeira.*

Não só não se encontra no sitio que ori-

ginariamente se lhe destinou — *a sepultura alta de relevo q lhe mandou fazer sua irmãa Dona Constãça Sanchez á parte do Evangelho da Capella mór da Igreja do dito Mosteiro de Grijó,* mas perdeu-se tambem o *Epitaphio* admiravel, uma joia litteraria, cujos dizeres felizmente D. Nicolau de Santa Maria fixou. Assim resava a inscripção tumular:

Quem tegit haec moles fertur Dõnus Rodericus
Regalis proles, et dapsilitatis amicus.
Belliger insignis fuit hic, cunctis et amandus,
Laudibus ex dignis, alter fuit hic Rotulandus.
Hic nunquam maestus, sed in omni tempore laetus;
Vitam incestus, actus, verboque facetus.
Promissor verus fuit, hostibus is, et severus
Plebs simul, et clerus fleat hunc et miles hiberus.
Quapluris fulsit armis ideo mage fulsit,
Pluribus indulsit, et in hoc pietate refulsit.
Omnimoda laude dignus fuit hic Rodericus,
Cunctis pacificus, humilis, probus, et sine fraude.
Prima sit undena, bis tertia scripta sequatur,
Ex hinc vicena quater, et quater accipiatur.
Post octava datur, ter scribitur. Era notatur.
Obiit vj Nonas Julij.



Igreja do mosteiro de Grijó

O douto chronista dos Conegos Regrantes refere já comtudo que o sepulchro do insigne varão, outro Rolando, não ficou na Capella mór da Igreja nova por ser grande, transferindo-se as suas cinzas *para outro mais acomodado.*

Em má hora se tomou esta resolução, porque o excellente cenotaphio ficou exposto ás sevicias dos vandalos, que, durante annos sem conta, experimentaram a resistencia do calcareo com as laminas das suas navalhas de faquistas ou salteadores e com as suas cabeças de barbaros.

Hoje, embutido num arco aberto na parede sul do templo e norte do claustro, acha-se resguardado por uma rede d'arame como doce que carece de preservar-se das moscas. Apenas se divisa portanto uma das quatro faces historiadas e a estatua jacente.

Esta é cheia de nobreza e modelada numa plastica já segura, malleavel e expressiva, que revela mesmo uma cuidadosa delicadeza de factura.

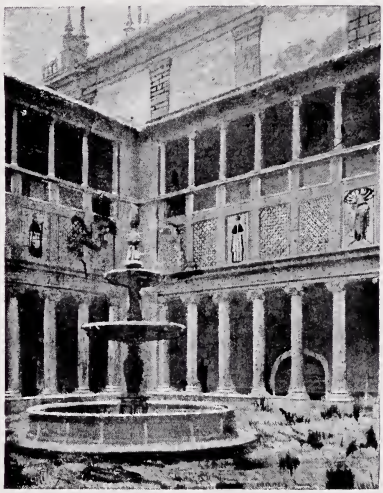
O nobre guerreiro repousa magestosamente no somno igualitario da morte sem manifestar dor ou queixume pelo inglorio fim que no desafio lhe deu D. Martinho Gil de Soverosa; o seu rosto oval é imperturbavel e a sua cabeça, com cabello penteado e frisado de galanteador, descança num coxim ladeada por dois anjos decapitados, um dos quaes ostenta uma phylactéra e o outro uma figurinha nua — symbolo da sua alma immaculada? Dos hombros cae-lhe o manto que permitte ver a loriga cingida na cintura e as mãos apertando contra o peito a Valorosa espada; os pés, com as esporas de cavalleiro afiveladas, adossam-se firmemente a um suppedaneo. Um grupo de figuras, sobre que um anjo distende as azas, completa a composição da tampa do moimento.

Na face longitudinal, visivel, o baixo relevo representa o apostolado disposto em ediculosinhos

divididos por columnelos, com graciosissimos capiteis, tendo ao centro o Salvador, sentado num throno como rei do mundo, dentro da ellipse, com os emblemas dos evangelistas.

Capiteis e troços de fustes da antiga fabrica sustentam desviado do solo o esplendido mausoléo, que aguarda indefinidamente uma sensata e intelligente junta de parochia que o exponha, com veneração e recato, num logar onde possa ser admirado em toda a sua plenitude.

Feito nos meiados do seculo XIII, é um documento de primeira ordem para o estudo da evolução da arte nacional, o cofre de pedra d'Ançã d'um tom quente de patine, onde se guarda o corpo do gentil filho da *Ribeirinha*.



O formoso Claustro do mosteiro de Grijó

Mas antes de penetrar na igreja seja licito devassar um portal, que se abre a sul do adro para um espaçoso terreiro, limitado em frente e a poente pela habitação do proprietario e suas dependencias e a norte e leste pelos muros do demolido casario monastico. Á direita de quem entra estende-se um jardim d'um arranjo muito cuidado no meio do qual se levanta um chafariz *rocaille*, que pela bocca de tres golphinhos subjacentes á esphera, onde poisa altivamente a aguia real, deita a agua que vem cascatando por successivas taças; por sobre a entrada e parallelos arcos abatidos corre e logo angúla uma varanda ou galeria que escapou do aluimento.

As breves columnas são simples, a cornija é lisa. No emtanto este detalhe architectonico revela tanto commedimento, tanto aconchego, tão discreta acolhida, nas suas linhas sobrias e bem proporcionadas, que appetece ficar e d'ali receber os beijos desfallecentes do sol moribundo, sentir a elegia do crepusculo e adormecer bemaventuradamente com as coisas, na profunda paz da noite, sob o curioso pestanejar das estrellas e ao carpir do fontenario que tem no alto a aguia real...

Ao fundo do adro levanta-se a fachada do templo, bem desgraciosa, que não acredita muito o seu delineador, d'uma renascença abastardada e quasi insensivel não obstante os effeitos paciente e laboriosamente buscados.

Nos intervalos das pilastras e correspondentemente aos trez arcos do portico, uma disforme janella ao centro, e, por banda, outras janellas pequenas abertas sobre ediculos onde se perfilam em plinthos os masmarrachos de S. Pedro e S. Paulo. Para cima da segunda cornija um remate extravagante. No vestibulo, uma abobada de trez tramos com artesoados em curvas abatidas e nas paredes azulejos de faixa e contrafaixa, azues e brancos, do seculo XVII.

O interior de planta cruciforme, mas desproporcionada, é amplo e desafogado no pé direito; ao longo da nave profundam-se, por lado, trez capellas com altares de talha em madeira dos seculos XVII e XVIII; fechadas por balustradas de pau preto com applicações metallicas que cerram tambem aquella pela testeira e a apartam do curto transepto, onde se alçam dois enormissimos altares da renascença portugueza sobrepujados por dois quadros em madeira de colorido brilhante.

No centro do cruzeiro, ponto de intersecção, ainda se adoptaram as nervuras estrictas de superficie plana, como derradeira homenagem a um principio esthetico e constructivo cujo dominio findara; por cima do arco triumphal um encasamento com a figura do Salvador e o pelicano — seu symbolo — rasgando as proprias carnes para alimentar seus filhos.

A Capella Mór tambem d'abobada semicilindrica em caixotões de granito, com a pesada decoração da epoca, é revestida d'azulejos polychromicos do mais bello, complexo e faustoso padrão do genero tapete e cercadura do sec. XVII. Na parede da banda do evangelho está mettida a urna de madeira com as cinzas de D. Rodrigo Sanches; o altar prinpal compõe-se d'uma talha, onde se manifestam os themas ulteriormente correntes e fixos.

No coro pode observar-se a que decadencia chegou a esculptura em madeira na dissolvencia do renascimento tanto nos cadeiraes como no *lambris*.

As janellas do frontespicio e as das fachadas lateraes abundantemente alagam de luz o vasto recinto, onde apesar da arte ser dessorada e quasi inerte ainda ha muito de valioso e apreciavel.

Passando pela sacristia forrada a azulejos de tapete e cercadura de dois desenhos diversos, um dos quaes muito lindo, topa-se com o claustro.

É uma imponente quadra com o senão d'um ligeiro exagero na altura para as suas dimensões. Não exhibe um grande esforço de composição, nem é um organismo onde avultem complexidades estructuraes. Sinceramente singelo valorisa-se pela sua eurythmia e pelo seu acabamento.

A galeria inferior com as suas columnatas jonicas, supportando os architraves ornamentados, tem uma abobada ininterrupta de pleno cintro. Como esta pela sua profundidade provocasse externamente uma larga banda de muralha, vasia e monotona, desde o friso inferior até ao nivel do pavimento de tijolo da galeria superior, o architecto attenuou o mau effeito, cobrindo-a de *panneaux* d'azulejo de faixa e contra-faixa, azues e brancos e brancos e verdes, e historiados com figuras polychromicas dos evangelistas, doutores da igreja e outros santos e supprimindo o balcão de cima substituido pelos simples parapeitos assentes nas bases das columnas, cujos capiteis, bem como os ornatos dos architraves, foram carinhosamente esculpidos.

Ao meio do pateo, exhausta, e como que envergonhada da sua inutilidade, apruma-se a esbelta e gracil fonte, por igual, da Renascença.

É finda a visita e concluido o relato do que se contem no mosteiro de Grijó erguido no ameno recolhimento d'uma paisagem amavel, fecunda e sadia, que plenamente se desfructa do varandim da frontaria.

Jamais se dará por perdido o fugaz minuto de contemplação, d'esse doce panorama envolvente. Num vasto circuito fechado por veneraveis paredes e que tem por centro o ponto d'observação, estende-se uma terra plana e pingue, onde medram searas extensas de milho viçoso, que arruamentos, claros e fradescos, umas das outras dividem. Os edificios senhoriaes, á luz intensa do sol, gosam com modorra esta fartura rural. Para alem do emparedamento da clareira cultural e poeticamente virgiliana, cingido aqui e ali por fofas latadas, recuam pinheiraes que se dilatam numa ondulosa e unida massa verde-metallica até aos confins do horizonte visual, onde o ceu e a terra serenamente ligam, salvo para o occidente em que, após a tira sombria de pinhal, se desdobra a superficie movediça, faiscante e argentea do mar Atlantico.

Debruçados do alto peitoril do cenobio podiam os monges, nas horas enternecidas e melancolicamente melodiosas da saudade, ver passar as asas brancas das velas, fendendo as ondas do oceano e desapparecerem nos longes como chimeras perdidas...

MANUEL MONTEIRO.

Praia de Villa Nova, frente á Rua Direita

CERAMICA

Gaya está empoleirada numa das mais bellas e luzidas situações da margem esquerda do Douro.

Sobranceiramente, estende as suas ricas vestes pela costeira até á praia do fundo e serpenteante rio, olha com altivês a capital activa e alegre, com vigor risonho da sua industria ceramica.

De tradição, um castello romano e um alcaçar mourisco, marcam-lhe duas civilisações, inda agora insinuantes, que ali espargiram essas camadas invasoras que sobre ella estacionaram.

A sciencia das sensações trazida pelos romanos deu áquella industria, a um tempo, a justificação organica das fórmas e a delicadeza do porte; os musulmanos deram-lhe os captivantes adornos, relevados e em mosaico, geometraes, e o colorido de côres vivas inalteraveis.

Gaya teve para a ceramica esse poder inicial; e tal base justifica a perduração dessa sua industria ainda hoje robusta e, se não a mais antiga ali, com certeza a mais caracteristica e interessante.

A falta de documentos não permitte fazer a longa historia da sua producção da mais primitiva até á actualidade, pois que a absoluta escacês de provas só termina no seculo XVIII.

Mas não se desconsolem os filhos da artistica e florida Gaya, porque não é sómente no seu velho centro ceramico que se dá o lastimavel facto; mais ou menos, por todo o país elle se repete, não obstante Portugal ter tido, em todas as épocas, um movimento, neste ramo industrial, bastante desenvolvido. As innumeras contingencias a que está sujeita uma peça de louça, a fragilidade da substancia de que é constituida, são razões que até certo ponto desculpam o seu desapparecimento. A mais, as invasões estrangeiras, o tumultuoso viver dos habitantes de Gaya, durante alguns periodos, motivado pelas guerras civis, devem ter acabado com muitas mostras preciosas, que faltam agora, para affirmar o importante labor das mais primitivas officinas de Villa Nova.

A actividade dos ceramistas de Gaya liga-se intimamente com o movimento dos es-

tabelecimentos congeneres da sua vizinha cidade do Porto. Com raras excepções, uns e outros compartiram os mesmos progressos, triumpharam conjunctamente, os seus artifices trabalharam simultaneamente, num e noutro lado do Douro, uma só firma, um só proprietario, um só gerente ou mestre exerceram a sua directa influencia nos dois lados do rio e, até, nos periodos mais criticos e desalentados, se resentiram as suas producções, como irmãos bem unidos, na labuta solidaria e assidua em que sempre se encontraram.

E tão estreita foi ella que, num mesmo deposito no Porto, á rua da Esperança, se exhibiam cordialmente, ufanas, as lindas faianças da cidade e as de Gaya. As d'aqui desciam a collina, passavam o Douro como que a tomarem um banho mais, para entrarem na Capital muito asseadas, no brilho do seu esmalte, por cuja transparencia deixavam vêr as risonhas e bem matizadas decorações de conjuncto encantador; emquanto as da cidade, muito sécias, as esperavam e recebiam com apertados abraços, de *chi-coração,* familiares.

É pois difficil, se não impossivel, tratar da industria ceramica de Villa Nova, sem que o Porto nos appareça, a reclamar a parte que lhe toca; nem tocar sob o mesmo ponto de vista, na capital do norte, sem que a laboriosa Gaya se aprume orgulhosamente. [1]

Fim do sec. XVIII — Gaya, F. Rossi (?) — Prato de faiança, decoração polichroma — Diam. 0,36 — Nossa collecção — Lisboa

Apontadas estas circumstancias, o leitor não estranhará topar, numa noticia sobre o concelho de Villa Nova de Gaya, tanto em evidencia a Cidade Invicta.

O documento mais erudito da faiança portuense — da louça decorada polychroma sob coberta vitrea — até hoje encontrado é do principio do seculo XVIII (antes de 1735). Uma caneca, fórma cylindrica, com asa e, na volta do medalhão que, em parte, a ornamenta, com as imagens de S. Bento e Santa Escolastica, a inscripção:

DA PRIMEIRA
FABRICA
EM MASSARELLOS
PORTO. [2]

O cuidado que a fabrica tem de se fazer lembrar *(primeira em Massarellos)* prova evidentemente que havia outra ou outras, no mesmo genero e adiantamento, a ponto de se confundirem, em Massarellos e quem sabe se em Gaya.

Fosse como fosse, o que se deve ter como certo é que, tanto esta como a *Fabrica Nacional,* [3] ou *Fabrica Real — Porto,* que produziu ainda mais notavelmente do que aquella, devem ter influido no progresso das fabricas de faiança de Villa Nova, se é que, ao tempo, ellas não estavam em egual estado de apuro, como acima notámos.

De um pouco mais tarde, do meado do

1 Quando tratámos do movimento ceramico do Porto, na nossa obra *Ceramica Portugueza,* juntamos nesse capítulo tudo que podémos colher com respeito a Gaya. Vide pags. 109 a 136.

2 Detalhadamente descripta, esta peça na *Ceramica Portugueza,* pags. 110 a 113.

3 *Ceramica Portugueza,* pags. 113 e 114.

Fim do sec. XVIII — Porto ou Gaya, Rocha Soares ou F. Rossi (?) — Jarra de faiança, decoração polychroma — alt. 0,20 — Collecção do Snr. Dr. Oliveira, de Vianna do Castello.

seculo XVIII, ha attestados que mostram quanto esta presumpção é fundamentada.

D'este periodo em diante, mercê de documentos archivados, noticias colligidas e dispersas, sabe-se, com mais ou menos seguridade, o numero de officinas que produziram faianças e outras classes de ceramica. Enumerando nestas as que na actualidade estão em activo movimento, contam-se quatorze laboratorios, com titulos designativos, nomes de proprietarios, mestres e, mesmo das fabricas extinctas, bastantes specimens, que figuram nas differentes collecções de louças portuguezas constituidas e existentes no país e outras, ainda, em museus e collecções estrangeiras.

Fim do sec. XVIII — Gaya, F. Rossi (?) — Caneca de faiança, decoração polychroma — Alt. 0,23 — Nossa collecção — Lisboa.

Fim do sec. XVIII — Porto ou Gaya — Travessa de faiança, decoração, relevo e polychroma — Dim. 0,35 × 0,31 — Collecção do Snr. H. Pinho da Cunha, Lisboa.

AS FABRICAS — FABRICA DA QUINTA DE VALLE DE AMORES. — Sabe-se que, em 1787, ainda existia esta fabrica produzindo faianças e que era seu proprietario e mestre João Bernardo Guedes.

FABRICA DE SANTO ANTONIO DO VALLE DE PIEDADE. — Fundada no ultimo quartel do seculo XVIII por Francisco Rossi, passou, por morte deste, para o Barão de Massarellos, que a arrendou a Francisco da Rocha Soares, o qual a manteve até 1833. Foi das fabricas de Gaya a que produziu melhores faianças. Durante a sua larga existencia, foi dirigida por differentes proprietarios acompanhando sempre a evolução do progresso e obstando, por vezes, á concorrencia estrangeira.

*

Fabrica do Cavaco.— Pertencia o seu fundador á familia do Barão de Sarmento e data o seu inicio de 1787 (?).

Em 1834, trabalhava em louça de pó de pedra por conta de Manuel José Soares. Teve mais tres proprietarios: João da Rocha Soares, em 184...; um tal Baptista, Passos & C.ª, e, posteriormente, Joaquim Nunes da Cunha, que transferiu para esta a sua fabrica da Fervença por lhe ter sido expropriada.

Fabrica do Monte Cavaco. — Fundada pelo Padre Gualter da Piedade Queiroz, filho de um italiano, de appellido Queriol. A maior parte dos seus productos eram vendidos nas lojas da Cordoaria.

De 1861 a 1883, pertenceu a Angelo da Silva Macedo.

1905 — Fabrica das Devezas — Gaya — Jarra de faiança, decoração relêvo esmalte branco, parte lisa, esmalte azul — alt. 0,84.

Fabrica do Cavaquinho. — Foi fundada em 1789, no edificio e officinas da velha fabrica da louça de faiança da Quinta de Valle de Amores, para producção de *louça de pó de pedra*.

A escriptura de concordata social para a fundação d'esta fabrica foi assignada em abril de 1789, pelo mestre e proprietario, João Bernardo Guedes e os demais societarios, entre os quaes figura o Dr. Domingos Vandeli.

Entre os bellos productos expostos no Museu das Janellas Verdes, ha um prato, cuja inscripção allude á fabrica do Cavaquinho que, como factura, polychromia e esmalte, é de primeira ordem. [4]

Fabrica da Fervença. — Fabricou muito bôa louça, durante o largo periodo de 1820 a 1857. Foi fundada por Manuel Nunes da Cunha, a quem succedeu Joaquim Nunes da Cunha, que a transferiu para a fabrica do *Cavaco*, segundo ficou dito.

Fabrica da Bandeira. — O periodo mais conhecido da laboração d'esta fabrica é o que vai de 1844 a 1882; mas é quasi certo que ella já funccionava nos ultimos annos do seculo XVIII.

Em 1903, encontrámos exposto no Museu Municipal Azuaga, de Gaya, um gomil de faiança, decoração polychroma com as iniciaes *F. B.* e esta peça é sem duvida do ultimo quartel d'aquelle seculo.

Foram seus proprietarios: Gaspar Gonçalves de Castro e Candido Augusto de Sá Castro. Em 1881, ainda este ultimo occupava dezoito operarios no fabrico de faiança, para a qual se servia dos barros de Lisboa e Avintes.

Fabrica do Senhor d'Além. — Não se sabe a data da fundação. Em 1881, pertencia á firma João Antunes de Sousa Braga & Irmão. Produzia faiança, com os barros de Lisboa e Avintes.

Fabrica da Afurada. — Não é conheeida a data da fundação.

Ahi pelo principio do seculo passado trabalhava lá um tal Jeronimo, escultor barrista, que, juntamente com a louça de faiança, cozia figuras de *costume*, sem esmalte (biscoito).

A morte deste artista motivou o encerramento da fabrica, ha já muitos annos.

Fabrica do Candal. — Não ha noticia da data em que foi fundada. Sabe-se que, no meado do seculo passado, produzia faiança

4 Sobre este prato e o documento acima citado, vide *Ceramica Portugueza*, pags. 116, 124 a 127.

por conta do escultor barrista, Felix d'Araujo, por cuja morte fechou.

FABRICA DA TORRINHA. — Fundada por Manuel José Soares em 1844. Por morte deste, dirigiu-a sua mulher, Margarida Soares Rêgo.

Fabricou louça preta com a qual concorreu á Exposição Internacional do Porto, em 1865. A viuva Soares, ainda representava esta fabrica em 1883.

FABRICA DAS DEVEZAS. — Fundada por Antonio de Almeida da Costa em 1865, tem actualmente como titulo: « Fabrica Ceramica e de Fundição das Devezas », e funcciona sob a firma Antonio Almeida da Costa & C.ª

É, sem duvida, uma das mais bem montadas e dirigidas fabricas do país. Além do fabrico, em grande quantidade, de material ceramico de todos os generos para construcções, produz bôa louça e magnificas peças ornamentaes, cujas fórmas, modelação, pintura e esmalte lhes garantem logar muito especial entre a nossa ceramica artistica. O numero dos seus operarios eleva-se a perto de 700 creaturas de ambos os sexos e a sua producção annual é representada por cêrca de 200:000$000 reis.

Fim do sec. XVIII — Gaya, fabrica da Bandeira ou F. Rossi ?—Prato de faiança, decoração polychroma—Diam. 0,21—Collecção do Sr. M. Cabral—Porto

Desde 1882, tem a Fabrica das Devezas obtido recompensas em todas as exposições a que tem concorrido com os seus productos, tanto dentro das nossas fronteiras como no estrangeiro.

As materias primas empregadas são quasi todas nacionaes, servindo-se dos barros de Lisboa, de Agueda, de Mogofôres, de Gandra e de Telheiro.

FABRICA PEREIRA VALENTE. — Fundada em 1881, proximo á estação das Devezas. Produz louça de faiança bastante variada, com o aspecto da faiança fina, mas differe desta pela coberta plumbifera. Emprega um pessoal de 60 operarios, tem aproximadamente 15 rodas e 14 tornos. A producção annual regula por 20:000$000.

Em 1887 obteve, na Exposição de Ceramica do Palacio de Cristal Portuense, premio de 2.ª classe.

FABRICA DE QUEBRANTÕES. — Perto da Serra do Pilar, em frente da Ribeira. A fabrica de louça de faiança já aqui existia em 187... instalada no antigo hospicio que foi vendido ahi por 1834.

JOSÉ QUEIROZ.

RIO D'OURO

Não podêmos penetrar terras gayenses sem saudar o seu rio d'ouro, sua primacial estrada e primacial origem da sua fortuna.

Da Barca d'Alva á Cantareira, o Douro não faz senão trabalhar como um moiro para grangear cabedaes a Gaya.

Humilde no berço, qual serrano saído menino e moço a agenciar a vida por esse mundo de Christo, o Douro vem por ahi abaixo juntando todas as migalhas, poupando quanta gotta d'agoa, correntes menos acaudaladas, extravaganciando, lhe jógam, chegando, ao termo do seu trilho, abastado e poderoso, a ponto de Frei Novaes ter ouvido falar d'elle nesta castelhanada: *yo soy el Duero, que todas las agoas bebo.*

E não só a agoa, como tudo quanto póde haver á mão o Douro carréga para Villa Nova; os vinhos melhores do Pinhão e da Regoa, a laranja do Tua, a boa batata, a castanha, a cebola, toda a comedoria ribadoira, o olhinho da panéla é para Gaya que, antes do Porto escolher a sua fructa, os seus farinaceos e os seus legumes, tira ella a melhoria da ração, ainda quentinha do lume da terra.

É o seu fiel recoveiro, o Douro, esforçado e videiro que, mal pousa a canastra do pão, péga no cesto da exportação e, como quem atira beijos nas pontas dos dêdos, arreméssa com um amarrado de cortiça, com uma braçada de tóros de pinheiro ou um armazem de vinhos para os porões dos calados que por ali encavalitados, desde *Valle d'Amores* aos desembarcadouros da *Praia,* deram a Mons Link a impressão de ser o Douro *une belle rivière couverte de navires.*

Mercê d'esse braço de agoa, que é o seu braço direito, Gaya está a dois passos d'uma cidade sem habitar a mesma casa, conseguin-

do essa paz armada d'um casal de noivos que visinham da sogra em predios contíguos com uma serventia praticavel que é uma communicação e uma ponte levadiça.

Andam uma temporada muito amigos, muito unidos; resolvem ver-se a toda a hora, passar juntos os dias hora na casa de um, hora na casa de outro e aliga-se Gaya — a casa da esposa —, com a Cidade, a casa da sogra. P'ra dar a volta pela rua é preciso pôr o chapéo. Um aborrecimento! O melhor é rasgar a parêde de meação e lançar um arco: e de margem a margem, uma *Ponte de Barcas* faz das duas residencias duas álas de um só edificio.

Mas um dia o Douro vem mal humorado de casa, ou correu-lhe torta a vida, ou presentiu que a sogra — a Cidade —, foi metter onzenices nos ouvidos da mulher — a linda Gaya —, dizendo-lhe que o rio vário se detivéra mais do que era preciso em frente á villa do Pinhão ou que disséra uma graça á Regoa, e elle zanga-se, deita as mãos a uma ou duas barcas e rompe a intimidade, jurando ser p'ra sempre, numa cheia de furias.

Depois, fazem-se as pazes, o Douro volta á sua bonacheirice de ser forte, reata-se o rosario de barcas, e, em remorso de se desavirem, até combinam substituir élo tão fragil por um nó cego, um nó de ferro que só uma dobadoura d'annos desatasse: e á *Ponte das Barcas* succede a *Ponte Pensil*, coisas de que só os velhos livros e os homens velhos se alembram.

A novidade ha-de suppôr que o burgo e a villa foram assim sempre allianҫados pelo arco-iris da *Ponte Maria Pia*, e pelos dois taboleiros da *Ponte D. Luiz I*, como ha-de entresorrir-se do aprêço em que o paterno mercador do sec. XIX tinha os economicos passeios de barco até Oliveira e até Sant'Anna. Pois fiquem os móços sabendo que foi moda, pelas calmas tardes de maio a agosto, ir rio acima, fazer aguada no Areiinho, e aproar ás margens de Gaya, a folhear-lhe os enlevadores refugios e a comer uma rabada de sável.

E ainda hoje, ás segundas-feiras, por meio do dia, os cahiques de toldo, bicudos como gondolas, uma barqueira forçuda e cantadeira a cada rémo, não teem mãos a medir, passando do *Caes das Padeiras* ou das *Escadas da Ribeira* para a outra banda os ranchos de operarios que com as suas Nathercias demandam aos retiros faceis do Areiinho o florído isolamento da Ilha dos Amores.

O mais, toda a santa semana, o rio labuta, ponte acima, ponte abaixo, numa freima de millionario que nunca está saciado d'oiro.

Solidaria com as alegrias e as lagrimas da cidade, ou não estivessem ligadas por estreitos laços de parentesco, ellas cambiam de

Ribeira: Carregamentos de molliço e toros de pinheiro

Rio Douro na altura do Pinhão, onde alvejam as casas das principaes quintas : a de Teage Roope, a do Rincão, etc.

YO SOY EL DUERO, QUE

aspecto e de côr, de margem para margem; todavia, o rio que as desuniu é quem as concilia, imprimindo aos dois cáes, com leves discordancias, uma semelhança congenita.

Bucolica aqui, rural adeante, barqueira Douro abaixo, quando a margem de Gaya chêga ao Canidêlo já o boné de duas palas ou o encebado chapéo do cahiqueiro se transmudou na boina ou na carapuça do pescador da Afurada.

Do Candal ás linguêtas do *Ribeirinho* é a zona trafegueira.

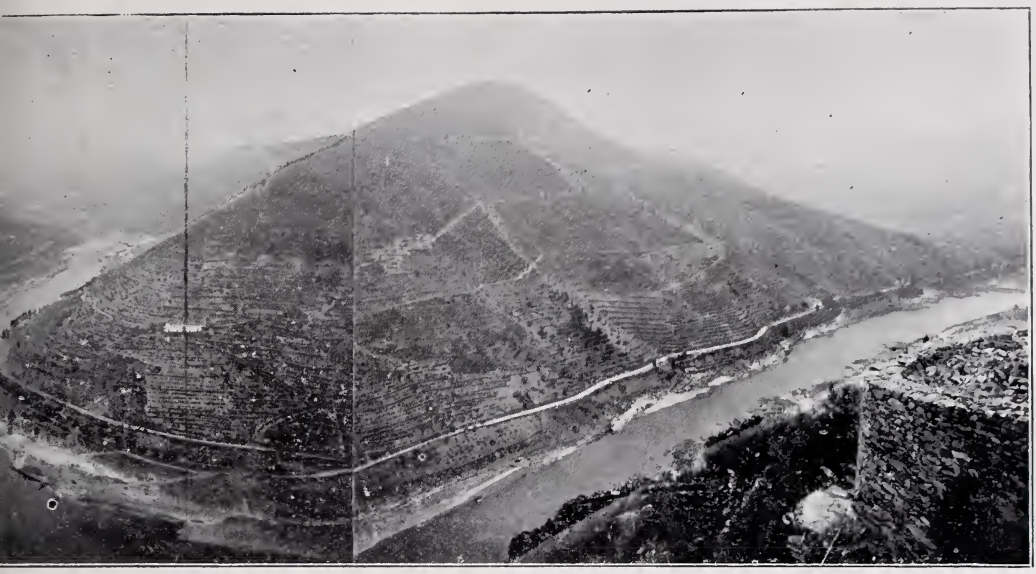
Vapores carvoeiros insurreccionam o silencio com o fragôr dos seus guindastes transvasando o minerio para as barcaças ou para os vagonêtes do ascensor da Calçada das Freiras que se debruçam do cáes.

Carris de mulherio correndo descalço pelos pranchões lançados da margem para a borda das barcas carrêam caixas de vinho; carros de bois, com meia-roda n'agoa descarregam para embarcações intermediarias as nossas matas; de pé sobre um estrado de molliço que exagera as dimensões da nave, um hercules fere um tridente nas mólhadas do moliço e remessa-as para terra; e por entre esse formigueiro de botes e de cahiques, um rebocador curveteia, empurrando os transeuntes da estrada liquida com o seu silvo impertinente e escoucinhando uma vaga que um barqueiro, a côtos, grimpa socegadamente, indifferente á exaltação momentanea das agoas.

Por entre as espias dos « estrangeiros », a sereia d'um velleiro português levanta o seu alado ferro, para levar á sirga das suas bençans a barca aventurosa.

O seu olhar cégo de illuminada não vê que além, d'aquellas janelas abertas na ócca das residencias da Bandeira, do Rei Ramiro, do Candal, já não miram a sua amurada as donas que a ficaram encommendando ao Senhor da Bôa-Viagem, quando da primeira rota, porque em vez d'ellas habitam as recolhidas vivendas os motôres e as reservas da ambição.

O seu ouvido de sphynge é surdo áquelle fragor de ferros que guindam e descem mercadorias, a este rodar do calendario d'um seculo hostil á poesia, esquecido e indifferente a que se vão enchendo de teias d'aranha aquelles refugios de Gaya, bordados de flôres e cercados de teixos que mãos vagarosas espontaram.



TODAS LAS AGOAS BEBO

Cliché E. Biel

E continúa, impassivel e orgulhosa, a passeiar a sua véla...

Até ao risco da *Ponte D. Luiz,* subindo, de mistura com a meuçalha dos transportes fluviaes, pintados ao azul inverosimil dos embarcadiços, a reticulação dos mastros e das chaminés cujos bôjos de ferro falam o diccionario das seis linguas; d'esse risco para cima, só se vê a flotilha nacional, cujo capitão de bandeira é o arráis do *Barco Rabêlo,* petiscando umas achas debaixo da nêgra panella de tripé, p'ró comer da ninhada que, debaixo da apègada ou na chilreira, rabeia estimulada pelo sol e pelo cheiro da marezia.

É o transatlantico ribadoiro que para a Regoa, para o Marco, para a Pesqueira faz a recovagem da fructa e do farinaceo, madeiro tosco que um encerado, passado por uma verga cambada, segmenta longitudinalmente em cume de tenda nomade, que uma véla grosseira tíra e um rapazola, ruço, de dentuça amarella e cabello empastado do suor e do pó da carga, guia com uma longa trave, em cauda de cetaceo, mixto de rêmo e de leme, de cima da apégada.

Com esse transporte pittoresco e primitivo, vingando-se do fundo chato a que o força o pouco calado de Cima do Douro na bojuda largura do *Rabêlo,* cruza um barco, longo como mão ducal, atochado de trouxas de lavadeiras e canastras de padeiras de Avintes.

Do sol nado ao sol posto a azáfama ribeirinha não tem uma trégua: os guinchos dos noruéguêses, despejados pelos carrejões que em quatro dias mudam um porão de bacalhau para os armazens da Fonte Taurina; as altercações dos barqueiros praguejando contra um cabo ou o embate d'um cahique; a céga-réga das carrejônas, os silvos dos vapôres, o raspar das espias nas roldanas, os apitos dos contra-mestres, o bater desencontrado de centenas de rêmos na agoa, o marulho da correnteza, e tudo isto disputando, avolumando, exacerbando-se, aggravando-se, dá ao rio uma excitação de dóca.

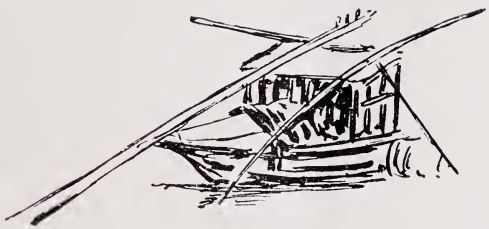
Ao empardecer do dia, a faina esmorece, e o rio até ahi febril e falacioso espreguiça-se na serenidade *lazzaronica* d'um canal passeado por trovadores.

De longe em longe o Douro, que calça de beijos os sopés de Gaya, enamorado e dominado pela propria paixão, tem a sua hora torva de ciume, enraivece, e, num impeto de sansão que não sabe tentear o pulso, vinga-se

Margem de Gaya: Um carro de bois mettendo carvão — *Cliché do ex.mo sr. Marques Abreu*

em tudo quanto seu seio abriga, despedaça os laços mais caros, as amarras dos navios. E todos os cordoeiros juntos, a ennastrar linho de dia e de noite, não logram socegar-lhe a furia, nem ha cáes que se opônha á sua cheia avassalante que derruba paredões, apeia edificios, traga escunas, e pega em hiates e os vae pousar em cima de telhados como nessa cheia de 1821 fez a um bergantim inglês arrazando com elle a casa do despacho do cáes da Alfandega.

Como todos os valentes, o Douro tem bom coração e, passado o repente, retorna á sua mansa resignação de escravo, sempre prêso da esculptura das suas ribas, rojando riquezas de nababo ás tranças de Gaya, turvando-se em agoas barrentas se a vê chorar qualquer tempestade, recuperando a limpidez se a fortuna a acalanta, segredando-lhe a serenata do seu perpetuo passionario, doce poeta que se fez barqueiro para poder transportar a amada na sua gondola, principe que um amor fatal encantou em mãe d'agoa, reprezada nos fragarêdos do alto Douro e debordada de magoas que ahi correm soluçando a caudal das suas desgraças e amores affogados num rio d'ouro...



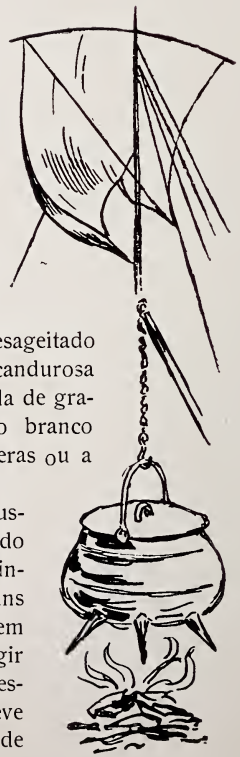
TERRAS GAYENSES

Quem nas avistar e considerar do rio, ha-de tel-as por simples linguêta a que barqueiros amarrem espias.

Vae-se a ver essas terras gayenses conteem tractos de terreno para semeadura, isolamentos enlevadores para mansão de poetas ou de monges, espaço para uma expansão industrial se espreguiçar á vontade, certa de se encontrar apoiada por agoas trabalhadeiras prestas a lhe tocar os engenhos e fecundar os lavradios do seu perimetro de roseiras e milharaes.

A espaços, a costeira descança a tomar fôlego, e uma quinta córta o pendor com os seus taboleiros florídos, — a dos Cruzios, a do dr. Mourão, a de Campo Bello, os parques de *Grades Verdes*. Ou então, os braços arromangados do gayense, affeitos ao attricto do tolête, encaibam uma roçadoira ou uma enxada no rêmo e desventram dos torrêsmos as lavoiras de Coimbrões, de Perosinho, de Villar, de Canélas, de toda a zona sêcca de Villa Nova, o nucleo que nem o mar nem o rio alcançaram conquistar ás suas graças e ao seu poder.

Enxuto o lôdo ribeirinho, ao tempo que a visinhança do rio vae esquecendo e a distancia desproporcionando o embarque, o cúme vinicola dá em desapparecer, o commercio capitúla e a vida virgiliana sôlta o seu canto victorioso.



Em logar do desageitado trapiche, levanta a candurosa casa de quinta, cercada de grades ou de seu muro branco bordado a fôlha de heras ou a madresilva.

Pela villa, a Industria, mais alentada do que o commercio, ainda aguenta mais uns metros essa carreira em que a terra entra a fugir para o seu natural destino agricola. A breve trecho, porém, deixa de

A mulher da «Magdalena»

Leiteira de Gaya

ouvir-se as explosões dos motores, e ao fragôr da tecelagem ou das serrações da tanoaria que a mechanica arrebatou á sua tradição de morosidade manual, succede o manso ranger da nora d'uma casa de lavradores, com sua meda de palha ao canto da eira, e uma moça alegrando o quadro com o rubôr do seu saiote ou o sortido vergel do seu lenço de ramagens.

Para lá do triangulo determinado por Santo Ovidio, pelas Devezas e pela Serra, respira-se a vida rural.

Deixa de cheirar ao tanino da aduéla, para rescender a fêno e resinas.

Sorri, então, a quinta, em que o grangeio é apenas o caro entretenimento do proprietario que a manda amanhar pelo prazer de comer nabiças da sua quinta e de enfeitar a mesa com as suas flôres, disfructos que já se topam mesmo por entre os adóbes fabrís e os toneis da villa.

Rendendo ás vezes mais do que esse recreio campestre do portuense preponderante nos fundos ou nos linhos, agacha-se um beiral de pequeno proprietario, breve mas prospero trecho da georgica gayense.

Empós, a exploração agricola em todo o seu proveito e grandêza, com uma razoavel ferra de gado bovino que a feira semanal dos Carvalhos ou de Santo Ovidio se regála de avaliar em vinte ou trinta moedas, e com um commercio lacticinio que surte o sertanejo e ainda amamenta a cidade.

De modos que onde quer está uma téla feita, sem o pintor ter se de fadigar na composição do assumpto ou na harmonia das côres.

Pois que é essa tira de aqueducto, nas alturas do *Sardão,* com uma corcova de sêrro por fundo, a folhagem rasgando arcaria no monumentoso murado, e duas figurinhas rusticas guardando a mansidão das rêzes num verde de campina reconciliadora, o que é isso senão uma téla feita, com todos os valores de luz, de tom, de arranjo e de poesia?

Um caminho do Candal ou da Raza, qualquer contracurva de estrada, um covêlo de encosta, é um apontamento de album, um retalho de descriptiva: ou sombra melancolica d'um carvalho ermando num atalho, ou bica de fontenario pranteando suas queixas aos passeantes, ou uma confluencia de carreiros que dão a suggestão de um isolamento de cerca mostense, ou uma sèbe de amoras silvestres atalayando uma esculptura viva.

Por sobre esses esboços, as vastas, folegadas descripções pantheistas em que o espaço se descoima de barreiras e o horizonte só se extingue com a faculdade visual.

E a miude! onde menos se espera surpresar grandes longes. Assim, quem, desinteressado já da paisagem, por essa monotona estrada de Santo Ovidio aos Carvalhos, sair a feira para ascender á torre da Capella da Senhora da Saude, pouco mais contará divisar do que fragmentos da baixa proxima.

Afinal, se ha surprêza rija e se ha pantheismos grandiosos em derredor do Porto, é um d'elles esse lance d'olhos da Senhora da Saude, cuja ascenção a suavisam pedras e laijas

LAVADEIRAS de Villar de Andorinha

castrejas, symbolo denunciador do substractum, pouco fundeiro, do paganismo sobre que assenta a crôsta do christianismo.

Traçando com o olhar a rosa do sol á roda da cúpula da torre, achegados á cruz na baixa do castro, campos de milho, chãos de ribeira e fertilidades lavradias prolongam ao norte a ridencia do valle; umbélas mareadas

de pinheiros, generosas hospitalidades de carvalhaes e sobreiros defendem a cultura e o homem das ventanias do sul.

Cêrca, o *Mosteiro de Pedroso,* monumental testemunha do sec. XVII, que a furia da modernisação e do branqueamento da pedra começou por lhe tirar a *patine* e acabou por lavar a picarêta, destruindo-lhe a authenticidade com o safar dos signos dos obreiros, flagicio exterior a que correspondeu egual ferocidade no interior onde á sobriedade da caixilharia das portas os barbaros decoradores sobrepuzéram requifes de cimento como esses lavrados de canela com que as cosinheiras portuguêsas regavam o arroz dôce. e, para coroação da obra, apearam o tecto em severos caixotes de bô castanho para lhe imbutir o nefando estuque, especie de machina infernal com que os mestres d'obras francêses dos fins do sec. XVIII arrazaram os azulejos muraes dos nossos solares [1], os tectos de talha, toda a severidade da casa portuguêsa resistente como os caracteres que a povoavam.

Nos plainos mais recuados, abalando do norte, na direcção dos ponteiros do relogio, á rebrilhação doirada do sol a escuridade das telhas de Gondomar, toda ella uma officina caseira de filigranistas; as agoas faiscantes do Douro, a corcóva de Crestuma e S. Martinho de Arnellas; rodando do nascente, as campinas de Aveiro que nesse dia ennevoado e nessa hora em que a crepitação da luz estival arrebata a deslimpidez da nevoa e da distancia, parecem de todo embriagadas da luz irisada que os sóes das suas dunas desprendem; dois riscos de estrada real guiamnos para a freguezia das Vendas de Grijó; flécha o sul, dominando prenuncios do concelho da Feira, o granito d'um telegrapho antigo signalando noticias do convento de Grijó e das terras da Sermonde; e ao encaminhar-nos para os poiaes do ocaso, os saibros da Granja e o mar de Espinho debruam, a lhama, o matiz dos pinhaes.

Por fim, fechando o circulo, do poente para o norte, Serzêdo, Grades Verdes envolvendo Arcozêlo, Golpilhares, o castro de Perosinho, Perosinho, a serra de Canélas, o esfumado do Porto, e Gaya mais cá.

É um avistadouro ambicioso que alembra, pela mégalomania do horizonte, qualquer d'esses disfructes do concelho de Barcellos, de Espozende ou a Penha, d'onde é faci ver as ruinas do castello de Faria abater a pluma do seu fêltro cavalheiresco ante as brancuras extaticas do Sameiro.

Ahi, nessa capellinha da Senhora da Saude que uma pobre mulher rodeava de joelhos estremes na terra e na pedrilha, com um filho acavalado no quadril e a superstição no espirito; nesse ascensorio se tem a singular e mixta impressão de que a terra gayense é maneirinha e breve, e, logo, de que é immensa.

Ella começa, com as suas repousadas campinas, com os seus claros-escuros d'agoa e de mata, por nos amaciar a vista, encruada do sol que nem que viesse de pousar numa esteva ardente. Ao relanço, tudo parece findar breve, ali a nossos pés e aos pés da crença, entre um verdor de granja e a audacia d'uma vertente. Depois, a gente vae-se costumando, andando, andando, e lá descortina mais um souto, e mais a sombra d'umas pedras historicas, e mais uma povoação notavel, e mais o termo d'um concelho estranho, e mais um monumento esboçado na indecisão da distancia; e quando tudo se nos affigura rematado por uma franja de pinheiraes ou atado pela fita d'um carvalhal, — a toalha ondeada do mar da Granja, esmaltado ao sol de fôgo, destingindo o azul do céo de Portugal, clama de lá: aqui ainda é Gaya, quanto mais Portugal!

---

1 O *Solar de Pinteus,* da familia Vaz de Carvalho, nos arredores de Lisboa, hoje na posse do illustre escriptor Senhor Christovão Ayres, casado com uma senhora d'aquella casa tão illustre, é,—depois do *Mosteiro da Costa,* em Guimarães, e sobrelevando a este o ser residencia particular, — onde ainda hoje se attesta mais prodiga riqueza de decorações a azulejo: salas, corredores e até cosinha e socalcos da quinta murados a azulejos de tapête e de figura. Mas de grande parte da casa, parêdes dos corredores e de salas inteiras foi arrancado o painel de azulejo para o mestre estucador mostrar as suas habilidades. A sala de jantar, octogonal, com uma taça em marmore, a meio d'uma das parêdes longitudinaes, onde um veio d'agoa sussura, construida para reconfôrto do Senhor D. João V, que ali foi caçar, tambem está despiedosamente desnudada do seu formoso *lambri* de azulejo de que por um ou outro recanto do jardim ha ainda memoria.

Aqueducto junto ao *Sardão* — *Clichè do ex.mo sr. Marques Abreu*

E não sómente se avista o *habitat* natural; vislumbra-se tambem o habitante.

Terras de congostas e de plainos, de seccadal e de rios, de milheiraes e de praias, com pontos dominantes mas sem a altitude que estica as pernas do serrano e o faz alto e sêcco de carnes e de genio, — geraram um homem meão, forçudo, dono d'uns peitoraes d'aço e uns bicipides aos quaes se póde amarrar a boia d'um fundeadouro. E d'esse razoavel exemplar phisico, o meio, com angulos de costa, reintrancias de margem e ondulações

O Porto avistado de Gaya

gracís de ravina, subindo da beira-rio, tenazmente, pacientemente pela quebrada arriba; o meio fez um temperamento brusco como as suas encostas, e affavel como as baixas dos seus vales, d'uma multipla capacidade e multipla actividade, tanto deitando a mão a um rêmo como a uma rabiça, tanto dando para o commercio como para a industria, entrando no rio e no mar com a mesma familiaridade que trata a eira.

Como a sua terra que tão depressa está no cómoro d'um monte como debruçada de uma reprêza, o gayense, habituado á grande area do seu concelho, tão depressa é visto em Pedroso como nos apparece á porta dos seus paços municipaes ou na Praça da Batalha, no Porto; e tanto póde ajoelhar em riba d'um sêrro para uma golphada de metralha, (campanhas da Liberdade, na Bataria da Serra do Pilar) como ajoelhar em oração e arvorar em um relevo de terreno um *Monte da Virgem*.

O portuense, se é forçado a ir a Villa Nova, dispõe-se a uma travessia de lamas e a transpôr distancias continentaes; porque o portuense é creatura localisada na sua loja, para quem o mundo se confina ao seu balcão, e para quem saír a porta da rua assume vulto de entreprêza ou recreio de menção.

O villanovense atravessa o rio duas vezes por dia, rega de manhã as suas flôres no alpendre da Granja ou nos canteiros da sua quinta da Bandeira, e toma chá ao meio-dia no seu escriptorio dos Queimados ou da Calçada das Freiras, considerando-se tão perto da Praça D. Pedro como da Fonte do Cabeçudo ou do Campo de Manobras.

É virtude provinda da topographia da sua

Mulher de Valladares

terra que,—numa superficie avantajada para concelho que não é cabeça districtal, mas que se accomóda todavia numa area restricta, — possue o resumo dos melhores creadores do caracter: o mar e a serra. E a attenuar-lhe a acção deprimente do iodo e a braveza stoica, e sobria até á miseria, do serrano, o gayense conta com o formigal do rio e com os seus chãos pingues e já extensos.

Assim o vêmos lidar na faina embarcadiça e exportadora, afincar-se a um balcão e só se afastar da costaneira para ir votar ou para ir acompanhar os mortos, dois deveres de cidadão conservados por elle com a religiosidade dos pequenos povoados, meter-se ao mar e viver d'olhos pegados ás suas terras de pão, sempre com a mesma robustez e um equilibrio de faculdades que não é facil topar em filhos d'outro qualquer concelho.

E bem assim o conhecemos enfronhado na industria ganadera, nas industrias accessorias do seu commercio vinicola, nas tecelagens, na serralharia e na pesca.

A mesma orologia que lhe determina a distribuição das suas actividades, cria a multiplicidade dos seus typos: atarrécado, á borda d'agoa; brunido e tostado do ar, nos poeticos ambientes ruraes, nos seus nucleos piscatorios; dando á luz delicados e formosos exemplares como o da mulher da Magdalena que é em creança um anjo e uma perturbação pagã em adulta.

Ver na pedra d'um rio uma lavadeira de Villar d'Andorinho é ter a illusão de que hemos deante dos olhos um cartel de costumes portuguêses, tanto a paisagem parece um scenario procurado e as figuras recortadas por um estheta para o movimentar com o seu flagrante regional.

Uma simples leiteira, uma fructeira, valorisadas pela sua chita de raminhos, o chapellinho de maçanêtas calcando o lenço cahido em pontas de manto ou apanhado na nuca em toucado alsaciano, não se acredita que seja uma mulher do povo que á sua vida vae, mas uma dama que teve o capricho de se adaptar áquella fantasia, que a finura do rosto e a louçania discreta do olhar para logo denuncia ser um disfarce.

Primeira e acima de todas, está a mulher da Magdalena, um typo de belleza com delicadezas de anatomia fecunda, venus popular cuja pupilla parece ter fixado apenas as expressões estheticas da vida.

É inconfundivel mesmo para quem nunca a viu, porque é a unica mulher que numa feira da villa, num mercado da cidade ou numa romaria, entre centenas de centenas de mulheres detém a nossa admiração.

Uma manhã, caminho de Coimbrões, uma creança de dez annos descançava numa soleira, ao lado o açafate,—tão indispensavel á sua adressagem como a saia, como o chapéo, como o corpete. Era uma carnação de esculptor sacro, uma figurinha de seraphim destacado d'uma banquêta de talha renascença, um d'estes mimos de pelle que só a belleza phisica constantemente polida pelo sol meridional póde criar:

— D'onde és, menina?

— Da *Madanella.* [1]

Não podia ser d'outro reino, d'outra provincia, d'outro concelho, d'outro rincão.

---

1 — No foral de Affonso III, o inventario das freguezias da area, que veio a ser o actual concelho de Gaya, chama á de Magdalena — *Madanella.* E digam agora que o dizer do povo, que faz sorrir a superioridade dos meios-eruditos, não tem seus enraizados fundamentos!

Bemdita terra gayense que tudo conténs! a força dos teus homens e dos teus caracteres, a riquêza do teu sólo, a gracilidade das tuas mulheres!

Já não admira que tu sejas uma alcôfa de artista e hajas creado uma dymnastia de esculptores! Não tens tu para lhes amestrar a vista uma perenne suggestão de coisas bellas, da pureza das linhas dos teus typos á ondulosa graça do relêvo da tua geographia phisica? E não teve ella para fundador d'essa escola de esculptura um genio como Soares dos Reis, figura immaculada de artista que nunca mercadejou, nunca atropellou o paciente labor da obra prima com a ambição cerceadora do tempo e do cuidado, alma que ficará sempre como modêlo do que de sacrificio e de aspereza e de desambição, e de extenuante e teimosa persecução na limpidez da obra de arte, tem de ser amassado o caracter e o talento dos que, com verdade, quizerem merecer o nome d'artistas e merecer a gratidão do povo que elles immortalisem?

Como a sua plethora de esculptores, está explicado o seu passado ceramista que ponteou de olaria toda a margem ribeirinha desde *Valle d'Amores* a *Quebrantões*.

E, pois que a graça é uma modalidade da força, explicada quéda por que ella acendeu tanto rastilho de peça, tanto fôrno de ceramica e tanta alampada de mosteiro, por que o gayense foi soldado, artista e monje.

Tudo quanto o bafo das suas agoas e das suas terras tóca, se dignifica.

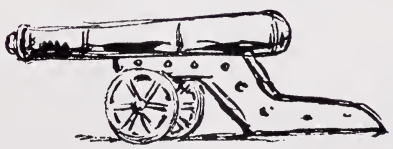
O proprio panorama do Porto, de nenhum ponto da cidade tem a poesia que assume avistada de qualquer eminencia de Gaya. É um presepe que os olhos mais costumados a vê-lo, se não cançam e se não furtam á tentação de recapitular, mal transposta a ponte.

De gatas, como creança que aprende a andar, a cidade marinha pela encosta, endireitando-se ao ganhar o planalto, deitando lá-cima um corpo de mulher feita. Primeiro arredonda timidamente o burgo em redor dos muros patriarchaes, acolhidinha aos braços da sua Sé. A pouco e pouco foge-lhe o mêdo e de passo que perde a fé, e se affasta dos templos para se achegar das fabricas, ganha ambição, frémitos de independencia e de dominio, delongando-se numa sotoposição amphytheatrica de casaria que acéna brancuras hospitaleiras ao olhar que a demande.

Depois de mirado o rio esverdinhado ou barrento, erguêr a vista para a collina da Cidade é sentir o sol n'alma. A construcção, solidariamente encostada uma contra outra, annuncia-nos que nesta cidade de pedra nos esperam corações d'ouro que serão para nós solidarios tambem, pois que a brancura da casaria, entremeando aquelle sorrir de ravina, alembra um lenço branco a acenar p'r'a amigos.

De noite, a dominante agulha da Torre dos Clerigos funde-se na escuridade, mas as luzes que pontilham o pendor sussurram-nos serênos aconchegos de lar.

E, ao ouvirmos Gaya referir-se assim ao nosso berço, mais enternecidamente prêsos nos ficamos a essa linda terra gayense, tão leal que não encobre a ninguem as lindêzas alheias . . .



*

FEIRAS E ROMARIAS

Nucleo rural, não podia Gaya ser deshérdada da nota rubra das Feiras; não podia faltar-lhe a Romaria, ou ella não fosse um trecho de Portugal, o país das romarias e das procissões.

A feira é o balcão do commercio agricola, onde permuta toda a pequena e candurosa industria caseira, desde o pão pôdre e os biscoitos azêdos e as mantas, á loja ambulante dos feirantes de profissão que andam de feira em feira com o estabelecimento de fazendas ou ferragens em riba d'um macho.

Vencida pelo commercio estavel das lojas na cidade, a feira mantém nas povoações ruraes toda a sua velha e tradiccional importancia.

Para o lavrador, para a moça de lavoura, para a doceira da provincia, a Feira é o dia grande, o dia d'azáfama, de vestir camisa lavada que a caminhada d'algumas leguas ensopará de suor e de canceira.

Gaya, além da sua annual e typica *Feira das Nozes*, em Arnellas, por 21 de setembro, lá tem as suas feiras semanaes de Santo Ovidio e dos Carvalhos.

E tanto o homem como a mulher rural apresentam-se na feira com o fato de vêr a Deus e á Joanna: elle, gravemente encastoado na sua castorina prêta, debruada a grossa fita de lã e o seu chapéo de redondel; ellas, com as saias ensacadas, os seus paletós aos ramos, os seus lenços vermelhos como uma canção, risco e côres a dizer com a

ardencia do sol peninsular, e o seu chapelinho de maçanêtas a dar-lhe um ar casto de bonécas.

Quer vá mercar, quer vá vender, a mulher gayense apparece na feira como apparecerá na missa parochial ou no arraial da festa: asseada, os fólhos das camisas engommados, as suas fibulas nas orelhas, seus grilhões prendendo a cobiça dos conversados, as sete moedas d'ouro do dote ao peito ancho de criadeiras.

Só por isso tem a feira assegurado o seu aspecto festivo e alacre, o aspecto que caracterisa toda a lida rural.

Ande nas mondas ou ande nas cavas, rôta e poeirenta, ou enxarcada das régas, a população dos campos dá-nos sempre a impressão de que arromangou os punhos da camisa ou ensacou as saias por um entretenimento dyonisico de gente pagã, em cuja alma o sol e a terra cantam a sua ballada nupcial.

Mas em manhã de feira, então, a parca agua que cáe nos cabellos das moças, frisa-os e encréspa-os, inculcando logo o serem medrados ao sol, annelados pelo calor da vida ao ar livre. E se é no verão o calor, se é no inverno a reacção do frio, aviva-lhes as faces de duas rosêtas de pêro-pipo, que desafiam ao beijo e á mordedura do pômo edenico.

Costumadas á disposição consciente e arrumadeira das talhadas de terreno, este para o nabal, aquelle p'ró feijão, a couréla ali adeante para o repôlho, as feirantes dispõem-se em sabias fachas parallelas, deixando espaços aos pés dos

Aspectos da Feira dos Carvalhos

compradores, raruados que são para aquelles recintos circumscriptos audazes avenidas.

Na fila das padeiras, branqueja a toalha alvissima que fórra o açafate e em que pousa a regueifa, o pão pôdre e o biscoito; na rua das verdureiras as mólhadas de hortaliça, a que se segue a fructa, os grosseiros ramos de flôres, creados pelas clareiras da horta, repolhudas e degeneradas, os cavallêtes das ferragens, com a taxa para os tamancos, a foice, a rosêta da espóra e o podão.

Para o lado opposto as mulheres dos linhos e dos riscados, dos nastros, das agulhas e dos botões de páu.

E a monte, a feira de gado, agitada, verbosa, entremeada d'um bivaque de varapaus ferrados.

Um formigueiro de gente vae e vem á sua vida, a mercar, a perguntar o preço do cereal ou da junta de bois ou a procurar um conhecido de outra freguezia que ficou de ir aos Carvalhos naquella feira.

E por traz dos saquiteis do feijão e do milho, dos cestos de dôce, das varas de teias, dos mólhos de hortaliça, as vendedeiras aninhadas, passivas e radiosas como orientaes supportando o olhar avaliador de recrutadores d'um sultão.

Não terá essa Feira dos Carvalhos a extensão e a profundidade economica das feiras d'outro qualquer concelho, da de Guimarães, para não ir

— Outros recantos da Feira dos Carvalhos.

— Escarapinzeiras trabalhando ao ar livre.

mais longe. Mas tem, sobre o mercado vimaranense, o esplendor das bellezas feminis que povoam o quadro.

A mulher de Guimarães, a mulher do povo, tem já a sua graça phisica desfeita pela escravidão minhôta, é já a filha de uma mãe que substituiu o homem nos trabalhos grosseiros da lavoura, é a mulher de um «senhor» tão egoista como o pae.

Na sua mascara, enrugada e ensombrada de tristeza, no seu olhar medroso, no seu dorso derreado, no seu andar de vencida ha a melancolia, a resignação da creatura domada ao seu destino de escrava, conformada mas deformada.

Na mulher que honra as feiras de Gaya ha ou a moça em cujo peito canta victoriosa a vida, ou a anceã em cuja fronte descança a serêna conformação de uma existencia que satisfez as ambições de rapariga.

Na môça um arraiar d'alegrias; na velha, um entardecer socegado de outomno que, ao vêr-se despojada das fôlhas, revive a suave poesia da illusão de que retorna ás suas primaveras em que poucas ôlhas ainda a vestiam.

Trecho de Gaya, dominado pelo zimborio da Igreja da Serra do Pilar onde os romeiros vão ouvir missa e cumprir dividas votivas.

Escondidas d'esses saudaveis exemplares da mulher portuguêsa, envergonhadas ou despeitadas talvez d esse reflorecimento da raça,

A romaria da Senhora do Pilar no Campo de Manobras

num caminho que liga a feira a Pedroso, dous esquelêtos de mulher trabalham no meio da estrada, ao ar livre, plena rua, a sua escravisante tarefa de tecelôas.

A capellinha do Senhor da Pedra

Na romaria do Senhor da Pedra: o arraial

São *escarapinzeiras* [1], desgraçadas que por cada gaspia de escarpim, — o relaxado chinelo de liga —, ganham uma triste moeda de dez reis! e ellas coitadinhas, ainda teem de rogar o industrial com os empênhos que nas fôlhas se conta que volitam em tôrno d'uma vaga de Conselho d'Estado.

É a sombra maldita da Industria a empardecer as côres gárrulas da vida agricola! uma sombra entre aquelle vigor de vida ru-

1 *Escarapinzeiras*, como ellas se intitulam, vem de *escarapim* ou *escarpim*. Rebello da Silva, na *Mocidade de D. João V*, diz *escarapim* e d'ahi se devêra formar *escarapinzeiras* que as mulheres dos Carvalhos adoptaram. O sr. Candido de Figueirêdo, porém, regista apenas a fórma *escarpim*. N. do A.

Senhor da Pedra: as merendas no pinheiral

Romaria do Senhor da Pedra: os inverosimeis chapeus de papel; o fatal homem dos sinos

ral que por'li vae tumultuando o ar, desencaminhando o ouvido para os ruidos cada vez maiores ao passo que a tarde cresce, invadindo os talhos, as mercearias, as estalagens e as vendas do logar, onde se vae sellar um contracto graúdo de gado, onde nesse dia da semana o campo se surte de assucar, de café, de arroz, de carne, uma alegria de cirio e uma balburdia de estação de caminho de ferro.

Superior a esse negocio — onde apparecem todos e tudo, inclusivé, unica nota antipathica, o carrinho do ourives prestamista que á feira vae vender os penhores caducados —, e superior a essa multidão, só o negocio e a multidão das romarias.

Gaya tem pelo menos duas romarias que o Porto adoptou e a que nunca falta: a do *Senhor da Pedra*, a da *Senhora do Pilar* e a *Senhora da Saude* (Carvalhos).

A do *Senhor da Pedra* é talvez a mais typica de todas as romarias em volta do Porto; aquella em que o romeiro se recruta em todas as classes, em cujo pinheiral estendem o guardanapo da merenda todas as camadas sociaes, desde o lavrador ao empregado commercial e ao proprio negociante estabelecido, e aquella tambem em que o povo mais se adensa e diverte.

Romaria do Senhor da Pedra: a porta-bandeira d'um rancho de romeiros

Certo anno, de sol mais quente, a romeira do *Senhor da Pedra* teve a extravagancia de tirar o seu lenço de sêda e se abrigar com o chapeirão do homem; e o homem acabou por, contando já com o despojo, fabricar e munir-se de chapéos historiados de papel, em que a fantasia attinge a altura das torres e a alacridade dos sinos.

Plêno estio, plêno solsticio, o esteirão enfeitado da mulher, de grande aba apanhada por um cócar de flôres silvestres, evoca o chapéo do soldado português do Ultramar, e dá á romeira um aspecto marcial de vivandeira, animando o ardor dos ranchos de ro-

Senhor da Pedra: as danças

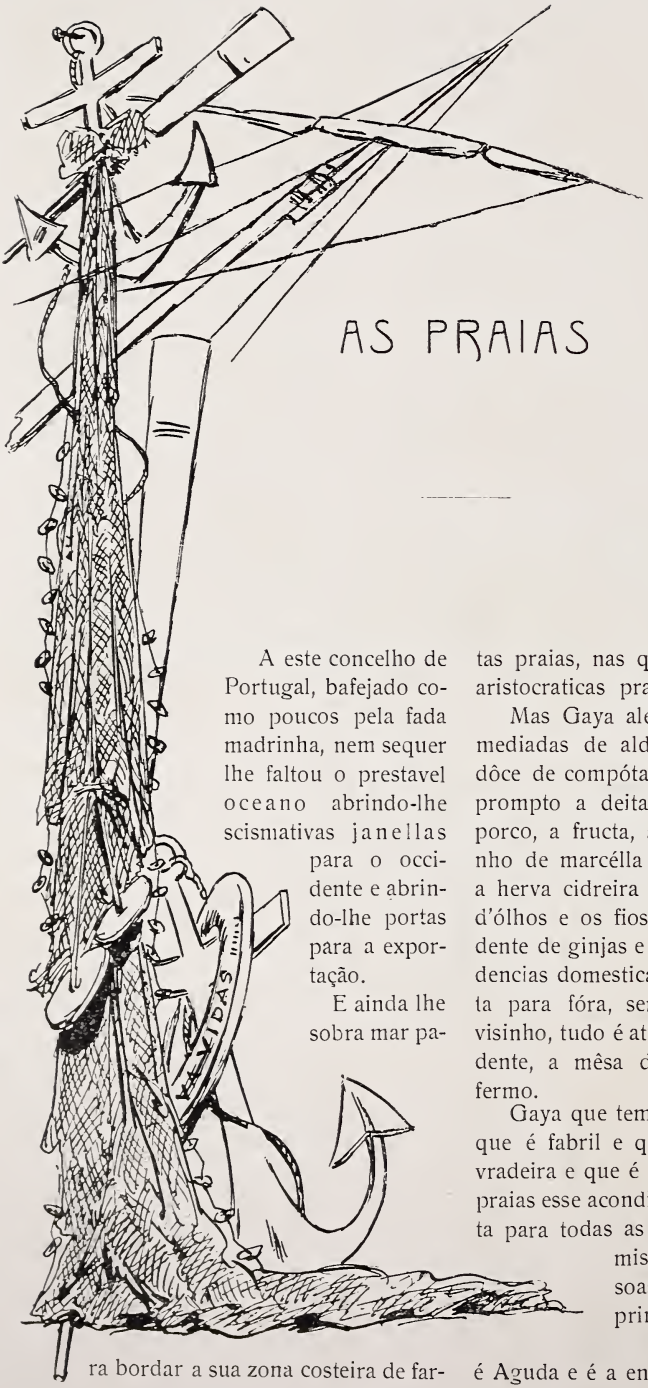
meiros, com o seu porta-estandarte e sua afamada cantadeira.

Linda, desde o arraial á beira-mar, com o vestigio perfumado da lenda na concavidade da ferradura do burrico da Virgem aberta no mesmo rochedo onde está erigida a Capellinha, com as suas danças de roda, as suas corridas de cavallos ás segundas-feiras, os seus merendeiros no recato sombreiro do pinhal, os descantes pelas estradas bailando o caminho a pé, ou no tejadilho dos *chars-à-bancs*, — a romaria do Senhor da Pedra, é uma estuàda de paganismo por entre os mysticos fervores do christianismo.

Ouvir da beira-rio, passar no dorso da collina, a romagem que volta, de ramo de camarinhas na fita do chapéo, adormecendo a tarde no desgarre melancolico da sua canção pagã, é ouvir os canticos do paganismo desvendando-se das quebradas dos montes e entrelaçando-se nas litanías dos primeiros sacerdotes da Roma Christã.

E a romaria da *Senhora do Pilar*, onde vae a costureirinha portuense e o estudante, o caixeiro, o operario, o patrão, e toda a popu'ação rural das vinte e tres freguezias de Villa Nova, é o dia em que se cálam as melancias e em que, por vezes, brota do coração do povo qualquer canção inédita que a alma do povo para logo adopta e edita.

Festa do povo, o povo se encarrega de lhe tecer a letra e a musica dos seus hymnos, alegre escravo que até folgando trabalha para a gloria collectiva, accrescentando cada anno mais uma pagina ao *folk-lore*, mais uma canção ao seu poema melancólico e fatalista!



AS PRAIAS

A este concelho de Portugal, bafejado como poucos pela fada madrinha, nem sequer lhe faltou o prestavel oceano abrindo-lhe scismativas janellas para o occidente e abrindo-lhe portas para a exportação.

E ainda lhe sobra mar para bordar a sua zona costeira de fartas praias, nas quaes se conta uma das mais aristocraticas praias portuguêsas: a Granja.

Mas Gaya alembra uma d'essas casas remediadas de aldeia, em que ha de tudo: o dôce de compóta e o bragal de linho sempre prompto a deitar um hospede, a carne de porco, a fructa, a vinha do Senhor, o chásinho de marcélla para as dôres de estomago, a herva cidreira para o catharral, as couves d'ólhos e os fios para os curativos, a aguardente de ginjas e a arnica, uma d'essas previdencias domesticas em que, sem se saír a porta para fóra, sem se ir pedir nada a um visinho, tudo é attendido,— o apetite e o accidente, a mêsa do hospede e a cama do enfermo.

Gaya que tem área sêcca e área molhada, que é fabril e que é embarcadiça, que é lavradeira e que é mercadora, resume nas suas praias esse acondicionamento de riqueza presta para todas as emmergencias: praias para misantropos, praias para pessoas de proposito, praias para principes.

É Lavadores, é Valladares, é Aguda e é a entrunfada Granja.

Bairro Japonês, entre a Aguda e a Granja.

—

Uma rua da Granja.

Lavadores, que fica ali por traz do Cabedello, é uma d'essas bemdictas e já raras praias obscuras, embiocadas num pinheiral, que pelo país fóra offerecem aos nervos esfalfados o refugio das suas calmas noites.

Nem rumores de trens nem timbre de viação electrica, nem apitos de locomotivas, nada, nenhum echo das *saladas russas* dos meios de transporte.

Uma que outra fabrica, longe do nucleo, grandes muros de habitações privadas, ausencia de hotel e de *panamás,* solidão de ilha, mar biscainho, torres de espuma, um trecho de Wagner ao natural, — eis Lavadores.

Tem o bom senso de não dispôr de hoteis, quem quer ir para lá que alugue casa. Por signal que ha casas magnificas, quasi todas habitadas todo o anno por caracteristicos bretões — seus preferentes inquilinos — que não se temem das lamas dos caminhos e ao cabo do dia regressam á altiva costa de Lavadores, gastando duas horas no percurso por agua e areaes, de barco e a pé, para dormirem seis num intelligente propósito de darem ao cerebro o plêno repouso que só existe longe das turbulencias urbanas e aos pulmões novas e abundantes provisões d'oxigenio e iodo.

Um trecho da praia da Aguda

Outro trecho da praia da Aguda

De manhã, tomam o seu banho de mar, mesmo de inverno, nádam uma hora, barbeiam-se, fazem as honras do almoço, acendem um cachimbo, arregaçam a sua calça cinzenta ou azul marinho, e repetem as duas horas de areal e de cahique que os separam do escriptorio onde elles chêgam a tempo e horas, como se morassem no mesmo predio.

Nem pelas horas uteis do dia, quanto mais ao socegar da tarde, por Santo André do Canidello, que é a terra gayense que o mar bravio de Lavadores corteja, a freima das poucas mas consideraveis fabricas chega aos alcantis da praia.

É, em summa, um sanatorio para nevrasthenicos, bem difficil de substituir por qualquer outra d'essas praias em que vae repartida a occidental praia lusitana.

Fala-se desde já em ruas, póde mesmo dizer-se em avenidas. Por emquanto afortunadamente Lavadores é ainda uma mansão onde se vêem apenas cortinas de cassa branca e trepadeiras de rosas-chá emmoldurando as janelas como frestas de invisiveis monjes.

Valladares lá está tambem, ainda modesta, encolhida e calma.

Mas falta-lhe a grata braveza de Lavadores, e cresce-lhe já a freguezia que a facilidade de communicações para ali encarreira mais.

A Aguda, que os estranhos ao concelho nunca haviam ouvido nomear, apresentou-se um dia com os seus *chalets* á beira da linha ferrea, como um sujeito que de repente regressa rico do Brasil e obriga toda a gente a saber-lhe o nome, a admirar-lhe o predio, a discutil-o, tanto mais quanto mais inesperada foi a sua apparição.

Conserva, é uma boa verdade, a virtude das praias pouco queridas da população fluctuante de agosto e setembro, das praias que o monoculo da reportagem balnear ainda não corrompeu.

Mas pouco poderá viver quem rão vir nomes de maiores-contribuintes partirem dos registos elegantes das gazetas para as areias da Aguda.

Assemblêa da Granja

D'ali a perder de todo a sua alma, a deitar-se nos braços perdidos da peccadora moda, é um passo.

Se ella guardasse o risco da vivenda solar que edificou Lavadores, aquella candura de terra de provincia, de praia pobre, aquella casaria singela, irmã da casóta do pescador,

Granja: mulher ensaboando no chafariz

a Aguda resistiria á desnacionalisação e á invasão dos barbaros — o *panamá*, o *cotillon* e a assemblêa.

Assim, não tardam a amanhecer, para a sua telha marselheza, os dias aziagos em que o janóta a tomará.

Então, não sendo facil no mesmo concelho, lado a lado, crearem-se duas praias como a Granja, ella, a Aguda, passará a viver, como Espinho, com a Granja na garganta.

E não terá as preferencias sybaritas do bretão e do poeta de que se preza Lavadores, nem o favor mundano que distingue a Granja.

Lavadores e a Granja são os dois extremos da dizima-periodica do progresso balnear de Gaya.

Lavadores é a mansão, o refugio, o céo!

A Granja é o adorado inferno das elegancias, com as suas ruas areadas e varridas que nem aleas de jardim particular, sebes de hortensias g adeando as escadas exteriores dos *cottages,* vastos *stores* protegendo discretamente os terraços, murosinhos de tijôlo evocando trechos de arrabalde italiano, musselinas, flôres, silencios de palacio, principesinhos de bibe passeados pela mão estrangeira de mestras loiras, a breve tregua da finança e do salão da capital!

Afortunada terra! que, depois de arrumar por Valladares e pela Aguda a sua ponderada burguezia, ainda dispõe d'um refugio como Lavadores, para offerecer a um idealista

Moinhos da Granja

que para lá queira ir embeber-se de inspiração ou a um bretão materialista que vá simplesmente digerir o seu *rost-beaf* e envolver o leito num cortinado de iodo, e ainda póde apresentar ao apetite biqueiro de Lisboa uma praia de sangue azul como a Granja.

AS BELLAS ARTES

em VILLA NOVA DE GAYA

A SUA ESCOLA DE ESCULPTURA

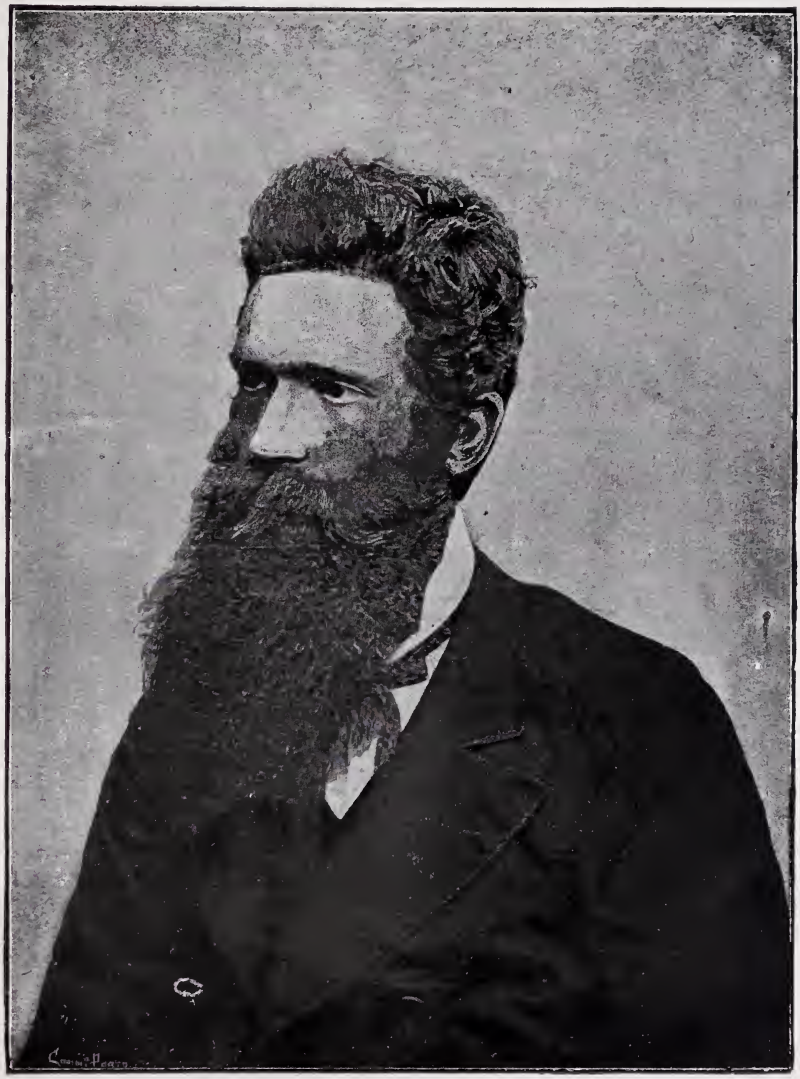
Circumstancias ainda não definidas fizeram com que Villa Nova de Gaya occupe um logar proeminente, senão superior em importancia e extensão aos outros centros artisticos do país, no actual movimento da Arte em Portugal. E, se ainda se não fala da *Escola de Esculptura de Gaya,* que eu saiba pelo menos, se ninguem por emquanto aventou essa maneira de dizer, tudo entretanto me leva a crêr que dentro de alguns annos assim se dirá, por um facto de consagração semelhante ao que tão conhecido tornou o sitio de Barbison, da floresta de Fontainebleau.

Com effeito varios artistas notaveis procedem já de esse logar fronteiro ao Porto, com nome bastante illustre para poder parecer ousado o que acabamos de dizer.

A esta palavra — *Escola* — não quero eu porém dar uma significação mais ou menos estreita, suppondo a existencia de um codigo imposto de regras de Arte, de fórmas geraes de sentir artistico, de um systema inevitavel de composição e ordenação da obra a produzir. Nada de isso. O que penso é que houve ahi uma idéa-mãe que fez surgir um sentimento esthetico muito intenso e muito nobre dentro do qual muitos espiritos apparecem animados de grande enthusiasmo e de grande respeito pela Arte, estabelecendo continuidade de acção e como que constituindo uma familia só; e que, nesses espiritos, nem a influencia da idéa-mãe prejudica as caracteristicas pessoaes que os distinguem, nem tão pouco essa influencia se encontra diminuida, ou enfraquecida no momento presente. Antes parece cada vez mais intensa e vasta. Novos membros dessa familia se revelam todos os dias, fazendo suppôr uma longa e fecunda vida a essa cadeia de illustres artistas que já hoje são uma gloria nacional.

Antonio Soares dos Reis (1847-1889) foi o elo inicial da cadeia, o mestre fundador da escola. Mas, como explicar o apparecimento de um tal artista num tal logar? como entender a transformação de esse marçano de mercearia nascido em Gaya que quasi sempre ahi viveu, que chegou a ser o mais forte temperamento do seu

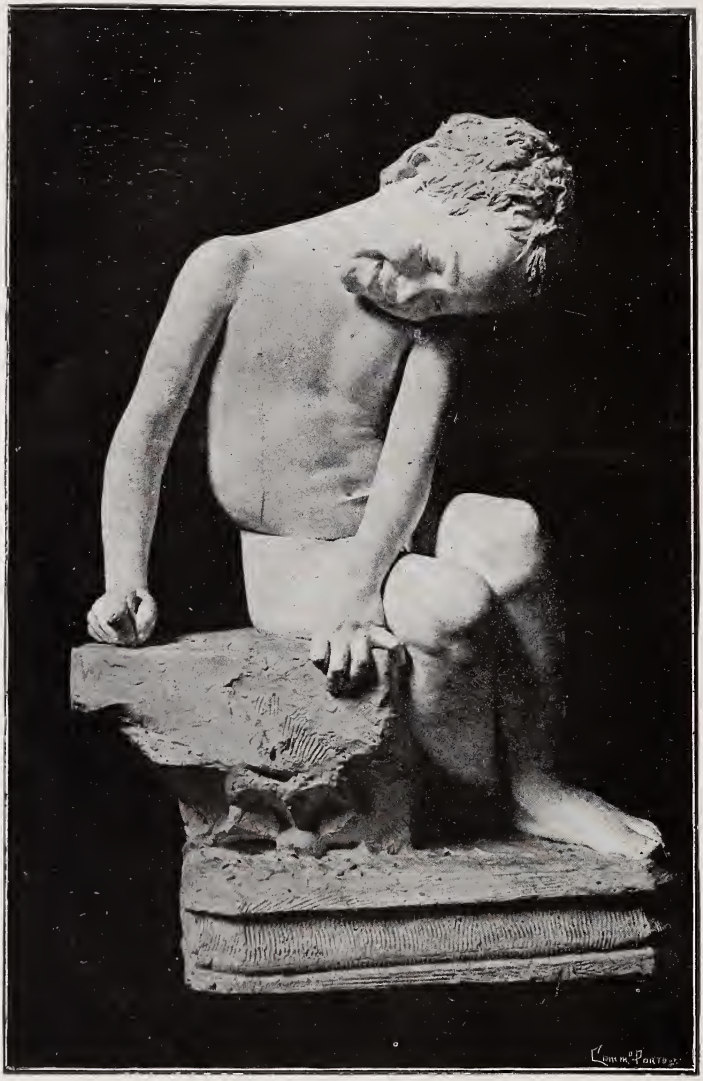
curso em Paris, segundo affirma o illustre Mercié, um dos seus condiscipulos, e deixou entre elles a respeitosa saudade e a magua ascendencia e hereditariedade; limitou-se á educação technica que recebeu nas Bellas Artes. Conhecemos os seus mestres, mas igno-



SOARES DOS REIS — Aos Trint'Annos de idade

mais profunda pelo seu fim prematuro, como me revelou um outro, o notavel esculptor americano, S.t Gaudens?

Não conheço os antepassados de Soares, nem sei que o estudo da sua origem artistica haja sido levado até á investigação de sua ramos a quem elle devia o seu genio creador. Porque não ha que oscilar: Soares produzia genialmente; era, por indole caracteristica, um esculptor; a sua concepção determinava-se de uma fórma espontanea, rapida, sempre esculptural. Seria, pois, para desejar que o es-



O Artista na Infancia (Gêsso)

absoluta independencia da influencia escolar recebida no Porto. Assim temos de o considerar, attentando no valor da esculptura que ahi o precedeu e na fórma por que elle indicava a imagem rapidamente vista no seu completo movimento, fixando-a já no desenho em que marca os principaes planos, já no barro e numa primeira impressão que é já uma obra esculptural. E tal era a consciencia que punha nessas notas ou impressões artisticas, que todas ellas nos apparecem com a sua assignatura, sendo que as *maquettes* do barro passaram pelo forno e se conservam integralmente. Como esculptor elle é, ao mesmo tempo, discipulo de duas escolas — a franceza e a romana. Soares esteve em Paris desde 1867, creio eu, até 1870; e em Roma desde então até 1872, anno em que definitivamente regressou a Portugal. A guerra franco-prussiana terá sido o motivo porventura unico da mudança. Essa dupla iniciação foi porém, quanto a mim, fecunda em parte, tanto para a sua obra e para a larga missão que elle se foi traçando, como para a concepção de um ideal artistico e de um ideal de *belleza pagan* devéras notavel.

tudo da sua ancestralidade, como hoje já se usa dizer e bem, ao que parece, fosse feito de uma fórma conscienciosa e se apurassem as circumstancias de herança que determinaram o caracter do seu talento.

Caso pouco vulgar em esculptores, Soares desenhava como um verdadeiro mestre. Ahi vê-se a influencia dos Correias, mais tarde desenvolvida e completada em Paris. O seu valôr como esculptor, esse é que se revela em

Soares foi effectivamente o iniciador de todo um grande movimento de arte. Infeliz-

mente para elle e para o país, o mercado português era ao tempo refractario a comprehender um tão grande artista, e talvez até a acreditar na possibilidade da sua existencia entre nós. A sua vida correu, por isso mesmo, numa serie de dolorosas desillusões; as encommendas não affluiam. E as poderosas faculdades creadoras, que um nobre estudo largamente fecundára, permaneciam quasi inactivas, por falta de incentivo do nosso atrazado meio social. Por isso mesmo tambem o seu espirito, sempre timido, concentrado e irritavel, succumbindo como os de Camillo e Anthero do Quental, só viu a libertação na morte. E Portugal contou mais um suicida de genio.

O Conde Ferreira (Gêsso)

Pouco numerosa como foi a serie dos seus trabalhos, pois que conta apenas 45 numeros e 17 annos de vida artistica, desde 1872, regresso de Roma, até 1889; ella encerra comtudo algumas obras primas verdadeiramente notaveis e sufficientes para fazerem a reputação de um grande artista. Além de alguns medalhões excellentes de amigos de Soares, citaremos especialmente as estatuas — *O desterrado* (1872), *O artista na infancia* (1874), *A Saudade* (1875), *O Conde Ferreira* (1876); o baixo relevo *A morte de Adonis* (1881); os bustos de *Domingos de Almeida Ribeiro* (1876) e *Joaquim Pinto Leite* (1879); mas acima de tudo quanto fez, o busto de *Mrs. Leech* (1888), conhecido pelo nome de *O busto da inglêsa*.

Como artista creador, Soares teve para mim todas as caracteristicas de um espirito progressivo e notavelmente pessoal; e embora

*

muitos vejam na estatua nua *O desterrado* a sua obra capital, eu julgo essa opinião por completo errada. Ahi, Soares revela-se apenas um lyrico e um elegiaco, tratando de uma maneira magistral um sentimento unico, rudimentar, encerrado numa fórma academica. Ao passo que, no *Busto da inglêsa,* elle symbolisa, na fórma mais elegantemente inedita e triumphante, toda a complexidade e elevação da alma britanica. Entre os dois pontos extremos da sua vida creadora, o inicio ainda preso á licção recebida na escola e a obra final que denuncia a posse mais completa de um talento original e riquissimo, encontram-se as *etapes* successivas em que a personalidade do artista se foi gradualmente emancipando e elevando, á maneira que se lhe deparavam casos não anteriormente tratados e portanto não diminuidos por quaesquer influencias estylisticas.

O Desterrado (Marmore)

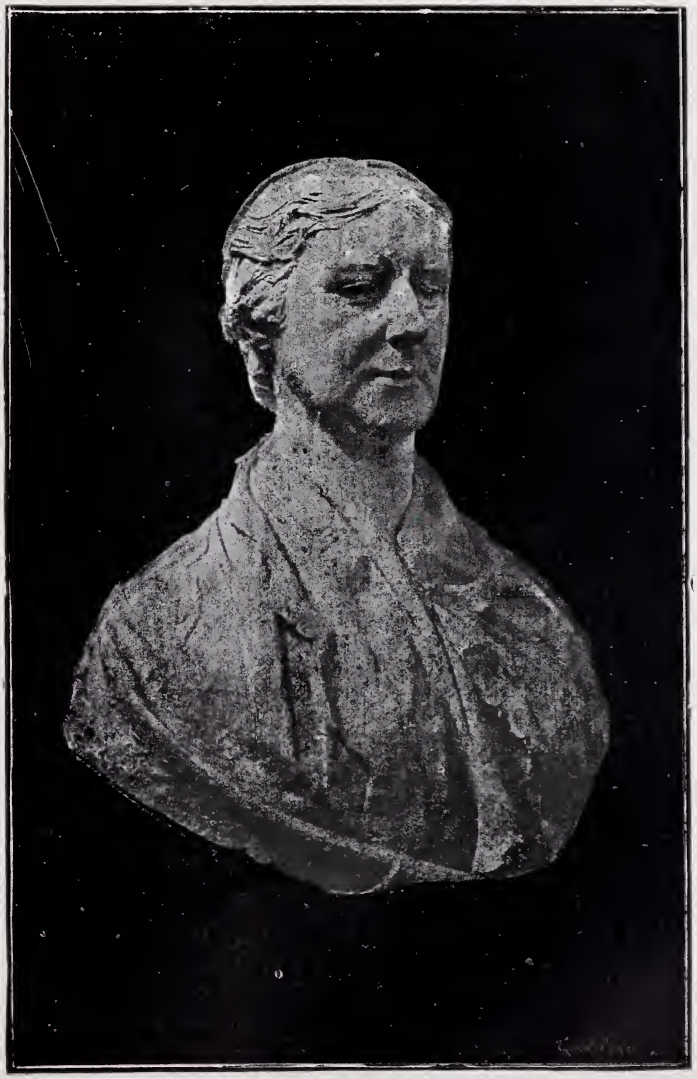
Mas a sua poderosa personalidade não se revelou sob esse unico aspecto. Soares foi, como professor, um verdadeiro fundador de escola, um apostolo dos mais nobres intuitos artisticos. E a sua influencia perpetua-se nos seus numerosos discipulos, já sob o aspecto esthetico e do respeito pelas cousas da Arte, já sob o da funda saudade que em todos soube crear o mestre, o amigo e o conselheiro mais largamente desinteressado que jamais houve. Devemos pois assignalar a passagem de Soares dos Reis pelo nosso meio artistico, e principalmente ao norte do país, talvez

como o facto mais importante a considerar até hoje para a historia do movimento da arte em Portugal.

De entre os discipulos de Soares, pintores, esculptores e architectos, porque elle teve-os de todo o genero, como centro de attracção e de difusão de conhecimentos que conjunctamente foi, citaremos em primeiro logar Antonio Teixeira Lopes (1866), já pela importancia da sua obra, já porque habita em Villa Nova de Gaya; e já porque, como professor notavel que é, não podemos deixar de vêr nelle o continuador da acção educadora do autôr do *Desterrado*. Thomás Costa, outro esculptor e discipulo de Soares, que actualmente habita em Lisboa, após haver vivido largos annos em Paris, nem se dedica ao ensino, nem se liga á terra de Gaya, embora pertença á sua escola de esculptura. Sómente a este titulo devemos pois lembrar o seu nome.

Teixeira Lopes é hoje um mestre consagrado: como productor, um artista infatigavel, tendo já produzido uma obra consideravel e accentuadamente pessoal; como professor, um espirito emancipado de tyranias academicas, adoptando as mais modernas e arrojadas normas pedagogicas, e concorrendo singelamente para a revelação mais flagrante e completa da personalidade dos seus discipulos. É pois um pedagogista avançado e, á maneira de Rubens, um amigo leal dos seus alumnos. Por isso mesmo é profunda e de larga fecundidade a sua influencia escolar.

Não vém para aqui fazer a exposição comparativa dos methodos de ensino de Soares e Teixeira; é esse um assumpto de caracter muito especial e que reclama maior desenvol-



Busto da Inglesa — Retrato de Mrs. Leech (Gêsso)

vimento do que esta noticia comporta, tanto mais que não é precisamente um estudo de crítica pedagogica o que aqui devemos fazer. Apenas direi que, a meu vêr, Teixeira é o digno successor de seu mestre na obra educadora para que foi escolhido e nomeado por acclamação do conselho da Academia de Bellas Artes do Porto. Não queremos comtudo deixar de fazer a comparação do genio creador dos dois grandes esculptôres portuguezes, no intuito de marcar as suas mais importantes caracteristicas differenciaes.

Antes, porém, de mais nada, cumpre-nos falar do esculptor que é Teixeira Lopes. Embora nascesse na região do Tua, confluente importante do Douro já em Tráz-os-Montes, Antonio Teixeira Lopes creou-se e formou-se em Villa Nova de Gaya, inicialmente junto do pae, conhecido esculptor e ceramista, e mais tarde sob a direcção de Soares dos Reis. Concluido o curso na Academia do Porto, foi para Paris, onde conquistou o primeiro logar no seu curso da *Ecole des Beaux Arts,* escola por onde já haviam passado seu pae e o seu mestre Soares. Em 1890 regressava a Portugal e estabelecia-se em Gaya, onde vive e tem o seu magnifico *atelier.*

Não passou portanto por outra qualquer escola. Dado este facto, não é para admirar que a influencia da arte francêsa seja muito mais sensivel em T. Lopes do que foi em Soares dos Reis. Para isto concorre ainda o feitio mental do discipulo que accentuadamente se revela desde a entrada na escola de Paris. Teixeira não *sympathisava* geralmente com o *nú* pagão que era o ideal supremo de Soares; não o *sentia.* E, embora inicie a sua vida artistica por uma magnifica estatua núa, *Caim,* só passados muitos annos é que consegue vêr o *nú* de uma maneira triumphante e grandemente luminosa, na *Verdade* do Monumento a Queiroz.

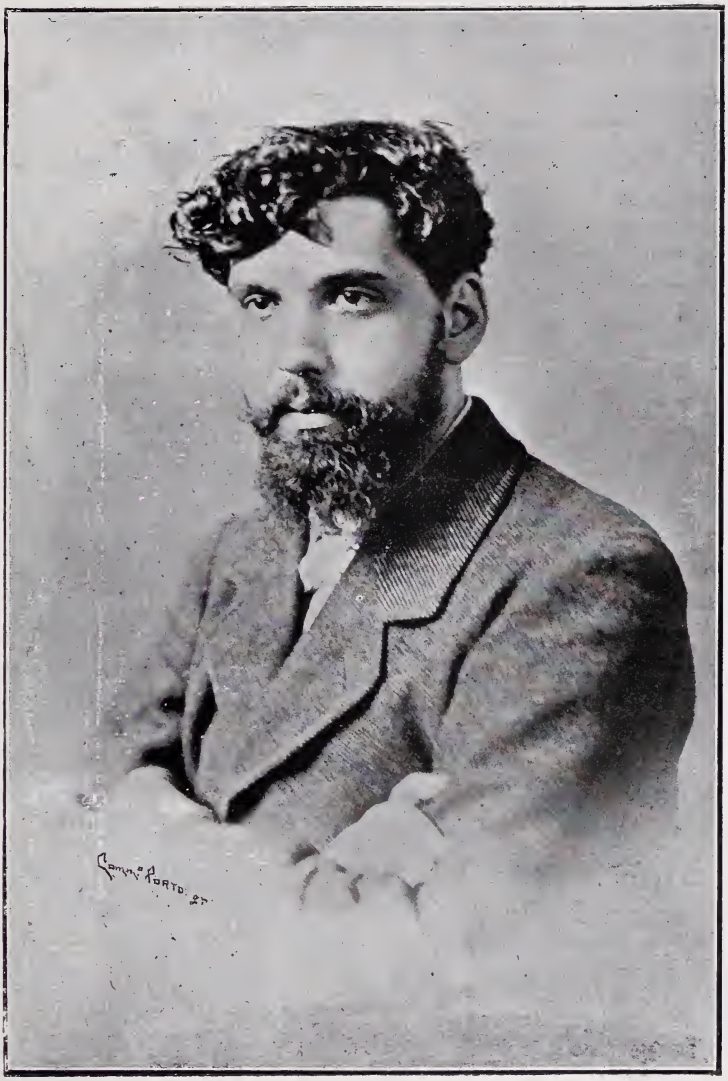
Como dissemos, a obra do nosso esculptôr é muito grande e conta trabalhos importantissimos, alguns dos quaes já em 1900 o fizeram emparelhar com os mais notaveis esculptores presentes na Exposição de Paris. Sem contar variados retratos e outros trabalhos menores, bastam as estatuas, ou grupos — *A viuva* e *O Caim* (1890), *Santa Izabel de Portugal* (1895), *A Dôr,* estatua jacente (1896), *A Historia* e *Santo Isidoro* (1898), A *Caridade* (1899) e o *Monumento a Eça de Queiroz* (1903) para se comprehender o excepcional valor de essa obra.

A evolução do espirito de Teixeira Lopes fez-se diversamente da do seu malogrado mestre. Vinte annos os separavam, justamente os mais fecundos do movimento geral das ideas e systemas estheticos. Demais, Soares dos Reis desbravára e preparára o terreno em que os discipulos e os artistas que lhe succederam encontraram facilidades, themas a tratar, monumentos a construir que para elle não existiram. Teixeira tem podido portanto revelar-se com uma amplidão e variedade de aspectos que o auctor do *Desterrado* desconheceu; não, comtudo, sem deixar de encontrar por vezes, da parte do meio e de alguns agrupamentos artisticos, uma oposição que não deve ficar ignorada. Teixeira foi *vencido* nos concursos de monumentos em que se apresentou, sem que de ahi resultasse grande brilho para a Arte portugueza, verdade seja. Esses precalços nunca, porém, geraram nelle o desalento que se apoderára de Soares; são uma menor parcella de desillusão em meio da vida de triumphos justamente merecidos que o seu incessante trabalho lhe vae conquistando.

Desde a elegiaca *Viuva* e o nú logicamente torturado do *Caim* até á luminosa figura da *Verdade,* no Monumento a Queiroz, o auctor da *Santa Isabel* conseguiu percorrer todos os estadios da esculptura, cujos polos extremos — o mysticismo mais intenso do mundo christão e a serenidade luminosa, olympica do idealismo pagão — attingiram nas suas obras expressões egualmente elevadas e sinceramente sentidas.

Diversos são porém os temperamentos artisticos desses dois grandes esculptores. Soares vê plasticamente, extra-litterariamente; vive em contacto o mais intimo com o mundo das formas; os seus divertimentos são essencialmente plasticos — os fructos e flores do seu jardim, o culto da archeologia que de continuo estudava e desenhava. Soares pensa plasticamente, com o temperamento definido de um esculptor. Teixeira é por essencia um

litterario; sente e vê em primeiro logar litterariamente as ideas e as correspondentes commoções; diverte-se ouvindo musica, para o que tem no seu *atelier* um piano e um orgão,



TEIXEIRA LOPES (1898)

ou recitando longas tiradas lyricas; desejaria poder escrever e ser actor.

A imagem plastica nasce portanto no espirito de Soares ao mesmo tempo que o penetra a commoção esthetica; são, por assim dizer, contemporaneas uma da outra. Ao passo que em Teixeira, a imagem surge lentamente do fundo da commoção que, com grande energia, se apoderára da sua alma.

No mundo geral das artes este caso repete-se frequentes vezes e encontra os seus typos capitaes, a meu vêr, em Mozart e Beethoven, o mais musico dos compositores e o mais sublime dos musicos.

Disparidade alguma ha porém entre esses dois mestres sob o aspecto da sua carreira de professores, salva a que procede do adiantamento do ensino nos ultimos quarenta annos; e, ao que acima dissemos relativamente a Teixeira Lopes, temos pois aqui de juntar apenas o documento vivo, citando o nome de um dos seus mais distinctos discipulos o *Sr. José de Oliveira Ferreira* que, associando-se a seu irmão *Francisco*, architecto, obteve a primeira classificação no concurso para o monumento da Guerra Peninsular que vae construir-se em Lisboa, no Campo Grande.

Notemos o facto de estes dois artistas, nascidos ambos no Porto, terem fixado a sua

residencia em Villa Nova de Gaya, para o que tiveram apenas que atravessar o rio. Ribeirinhos, da ruidosa freguezia de São Nicolau, preferiram passar para a margem esquerda; e lá estão, tranquilamente, fóra do bulicio da cidade, trabalhando na grande Arte. Estamos pois na terceira geração de artistas, e esperamos que se continuará. [1]

Nessa terra de Gaya, para que tudo concorra a confirmar a existencia da sua *Escola de esculptura,* não falta, na serie dos temperamentos artisticos, o *termo* excentrico, o revoltado contra a consagração e contra as inevitaveis inferioridades de um meio social, porque humano, e de um meio portuguez, por muito atrazado, ou rudimentar.

Augusto Santo (1868-1907) foi esse ambicioso, esse revoltado. Nasceu em Coimbrões, concelho de Gaya; e Coimbrões é uma especie de centro *beocio* de fabricação de alambasados *santos* de barro, iconographia tosca e bem mais digna da nossa commiseração do que foram para os esthetas gregos as figurinhas de Tanagra. Descenderia Santo de alguma de essas familias de ingenuos e broncos santeiros-barristas, tão conhecidos nas nossas feiras do norte pelos seus pittorescos productos?... Sabe-se que cursou as Bellas Artes do Porto e que tambem esteve em Paris, protegido por um seu conterraneo.

De uma cultura litteraria muito superior á geral dos nossos artistas, Santo foi talvez de entre elles o que mais sentiu as difficuldades e importancia do problema estructural que encerra o plano de toda a obra de arte, e a necessidade do poder constructivo para o resolver.

Segundo me affirmam alguns dos seus companheiros de palestras litterarias, Santo via grande, grandemente estructural, em desproporção com o meio e na persistencia de uma absorpção bohemia que acabou por lhe falsear o talento, inutilisando-o para a producção corrente. Lembra o caso de infecundidade personalisado por M. Henri Lavedan no symbolico Denys Hélou, auctor da grande obra que talvez haja de sair um dia, para esmagar tudo e todos.

Santo viveu no mais desordenado romantismo e, como muitos dos romanticos, morreu de fome e miseria, morreu de phtisica, não querendo que lhe tirassem de casa a ultima obra em que trabalhava com o mais afincado amor, e cujo preço lhe teria por muito tempo aliviado a crueza dos soffrimentos.

É pequena a quantidade dos trabalhos que deixou. Entretanto quero crêr que, pelos themas escolhidos, elles merecem um estudo especial conscienciosamente effectuado; porque se trata da obra de um intellectual que, embora mais ou menos delirante, presentiu e sonhou porventura diversamente dos artistas seus conterraneos.

Independentemente, porem, de quaesquer considerações theoricas, esse caso sem duvida pathologico carece de ser devidamente estudado. A sêde de cultura mental que Santo possuia denuncia, no seu espirito, a existencia de curiosidades de ordem superior geralmente muito raras entre nós e ainda mais entre os artistas não litteratos. Infelizmente elle parece ter sido um insatisfeito, cuja commoção se dispersava facilmente, e cuja intelligencia divagava na multidão de aspectos successivos que elle não conseguia condensar num symbolo unico, intensamente expressivo e capaz de absorver a nossa attenção. Santo não se contentaria com tão pouco.

E, comtudo, a verdadeira capacidade creadôra do symbolo tal qual acabo de indicar, exige a mais superior cultura do espirito. No conjuncto de obras esculpturaes que appareceram na Exposição de Paris de 1900, uma houve que muito se fazia notar, por isso mesmo que assim fôra concebida. Era a estatua em pé do *Puritano* que o esculptor americano S.t Gaudens, atrás citado, expunha á entrada do *Petit Palais*. Um homem de aspecto torvo, vestido á maneira inglesa do seculo XVII, com o chapeu de aba larga derrubado para a frente, os olhos no chão, um

1 Ha ainda a citar uma outra influencia do mestre Teixeira Lopes; é a que se faz sentir na esculptura polychromica ou colorida, vulgarmente chamada arte dos *Santeiros*. Essa influencia procede das estatuas *Santa Izabel, Santo Izidro* e outras ainda que teem servido de modêlo a varios artistas de Gaya e até do Porto, creio eu.

livro (a biblia) seguro com força na mão esquerda contra o peito, e um bengalão na direita, caminhava com passo decidido, batendo rijamente com os seus grossos sapatos no chão. Tinha todo o aspecto da dureza estreita da alma posta ao serviço de uma idea violenta, de cujo triumpho se não duvída. Era tremendo de intolerancia. Podia dizer-se delle que *marchava para a frente*.

E, como Teixeira Lopes me apresentasse ao seu illustre auctor e eu lhe falasse precisamente de essa obra, perguntou-me elle o que eu pensava acêrca della. Respondi-lhe que a tinha como gerada na evocação de uma notavel e muito complexa epoca historica e capaz de nos levar a nós outros a evocá-la tambem atravez do symbolo achado.

— Gosto da sua critica, respondeu singelamente.

Acceita-la-ia Santo? E veria elle o symbolo sob um aspecto tão humano, tão simples e tão profundo? Penso que não.

Contam-me que, em 1902, Joaquim Leitão aventára a idea de se levantar no Porto um monumento a Camilo, porque era necessario pagar uma divida, ainda hoje lamentavelmente em aberto. Reuniu-se para esse fim com varios jornalistas e escriptores seus companheiros e collegas; e como a subscripção a obter devesse ser particular apenas, e popular, viram elles desde logo que o monumento se limitaria a um busto sobre um pedestal. Augusto Santo foi o esculptor escolhido para esta obra que não podia deixar de ser gerada sob imposições de caracter litterario. A idea sorriu-lhe. E, possuido de estranha animação expoz logo ali aos seus amigos qual o valor da obra Camiliana e da figura do seu auctor. E achou mesquinho um simples busto.

Caim (Marmore)

Sahiu então da sala da Redacção onde se achavam e, ao cabo de tres horas, voltava

para implorar, ao menos, uma estatua: Camillo ficaria de pé, de botas á frederica, sobrecasaca abotoada e chapeu alto de aba direita. E abalou com a promessa que se trataria de arranjar dinheiro para a estatua. Mas, á uma hora da noite, voltava novamente. A estatua de Camillo, que afinal não passava da concepção de Rafael Bordallo no *Album de Glorias,* havia de assentar num grande bloco cerrado de baixos relevos em que se evocariam as scenas capitaes e as mais notaveis figuras da obra do romancista. A estatua teria pois o dobro do tamanho do que primeiro disséra.

E ficou-se a esperar pela chegada do dinheiro, e da inspiração que lhe fizesse encher a grande estructura imaginada, cuja *maquette* já não cabia no seu modesto atelier.

S.t Gaudens conseguira concentrar num bem modesto e unico symbolo uma bem mais complexa idea; e Villa Nova de Gaya tem pois a lamentar a perda de esse espirito desvairado por um sonho irrealisavel.

Antonio Fernandes de Sá (1873) nasceu, em Avintes, tambem no concelho de Gaya. Fez o curso das Bellas Artes no Porto, foi nosso pensionista em Paris, onde estudou com Falguière e Puech, e já foi recebido e premiado no *Salon*. É pois um artista distincto, o que de sobejo attestam as obras até hoje produzidas. E é incontestavelmente um esculptor. Bastam a sua estatueta *Ganimedes* (1898) e o busto denominado *Desafio* para assim o devermos considerar.

Entretanto, alguma cousa me desnorteia na sua apreciação, que devo aqui referir, porque marca a physionomia artistica d'este esculptor gayense com um caracter differencial torturado. Eu julgo vêr nas suas obras produzidas após 1903, ou 1904, o resultado de uma lucta entre influencias artisticas diversas e não dominadas.

Educado esculpturalmente por Falguière, que era um respeitador dos *canones* classicos, Fernandes de Sá assistiu em Paris ás luctas artisticas ahi travadas entre os admiradores d'este mestre e os do Rodin. A estatua de Balzac foi causa principal, ou determinante d'essa campanha. Rodin é um impressionista, o chefe da escola dos impressionistas da esculptura, ou o esculptor genial que até ao presente, nesse grupo de artistas, absorve as attenções do publico e dos criticos, embora na Italia esse movimento tenha alastrado talvez com mais intensidade do que em França e se contem artistas notaveis dentro delle, como seja, por exemplo, o principe russo Troubetskoi, ali educado.

Sem aspirar a novidade com taes referencias, faço-as para dizer que Fernandes de Sá pretende, quanto a mim, introduzir esse mesmo movimento em Portugal. Tal foi a impressão que, em parte, me deixou o seu *Camões* e que se me afigura augmentada na gravura da *maquette* para a estatua do *Fernandes Thomás* destinada á Figueira da Foz. E ella radica-se no meu espirito, não só pela fórma como o artista ultimamente encára a modelação, como ainda pelas situações escolhidas para essas obras, situações fugidias e talvez discutiveis dentro da capacidade expressiva e esthetica da esculptura.

Além de que, tenho para mim que a influencia de certos artistas é nefasta aos que pretendem seguir-lhes as intenções, ou imitar-lhes a sua technica. A influencia de Miguel Angelo, todos a reconhecem como tal; e pelos mesmos motivos o foi a do Hugo na poesia e a de Rubens na pintura, e é tambem a de Wagner na musica, quando procurem imitar a riqueza do seu processo expressivo e se não limitem a seguir a sua esthetica.

Com Rodin dar-se-ha o mesmo facto desde que se queira *fazer grande*. Troubetskoi é um impressionista; mas afóra o busto de um guerreiro em tamanho maior do que o natural, todas as suas obras expostas em Paris, 1900, eram de pequeno tamanho e, na sua maioria, de genero elegante, gracioso: pequenas estatuetas, figurinas femininas, e o delicioso grupo de uma creança beijando um cão que estabelecia um contraste de expressão devéras impressionante com o *Beijo* de Rodin.

Enganar-me-ei apreciando assim o esforço de Fernandes de Sá? Não terá elle o intuito que eu lhe attribuo?

As suas futuras obras no-lo dirão.

Mas, qualquer que seja a interpretação de um tal esforço, certo é que este esculptor

procura dar uma nota nova dentro do grupo de Villa Nova de Gaya. Escusado será dizer que todos os meus votos são sempre favoraapreciar justamente todo este movimento de arte nosso contemporaneo. Outros o farão, quando a distancia no tempo tiver collo-

Santa Izabel de Portugal (Gêsso)

veis ao artista que assim proceda, ou sinta, e que sempre lhe agradecerei o prazer inedito que elle me dê.

Por emquanto não podemos comtudo cado os varios valores nos seus justos planos.

E então certamente se falará da *Escola de esculptura de Gaya.*

O Pianista Arthur Napoleão

Parece que Villa Nova de Gaya com justiça reclama para o seu torrão *uma boa metade* deste notavel e glorioso musico. É certo que Arthur Napoleão nascêra no Porto, em

José d'Oliveira Ferreira
O esculptor

Francisco d'Oliveira Ferreira
O architecto

1843, e de pae portuense; mas sua mãe era de Gaya. Assim no-lo dizem: José Antonio Monteiro de Azevedo, cavaleiro da ordem de São Thiago, na sua *Descripção topographica de Villa Nova de Gaya,* e Manoel Rodrigues dos Santos, condecorado com a medalha das campanhas da Liberdade, algarismo 3, que acrescentou essa *Descripção* « com muitos additamentos e noticias interessantes » e a publicou em 1861, dando ainda em 1881 uma 2.ª edição da mesma obra, mais acrescentada com extensa « noticia dos mais importantes acontecimentos do seculo presente, que supposto respeitam ao Universo inteiro, e a toda a Nação Portugueza, tambem Villa Nova de Gaya teve parte nelles, como alli se verá; etc. »

Arthur Napoleão começou a estudar no Porto com seu pae, que era professor de piano. Foi de uma extraordinaria precocidade. Aos 7 annos de edade dava o seu primeiro concerto no theatro de S. João. Em 1852 tocava em Lisboa e logo em seguida em Londres. Nesta capital estudou algum tempo, talvez mais de um anno, com Charles Halley. Foram ainda seus mestres Henri Herz,em Paris, e Thalberg, provavelmente, na Allemanha.

Durante annos percorreu as capitaes e principaes cidades da Europa, dando concertos, numa continua serie de triumphos. E a nossa *Descripção* cita o artigo de um jornal londrino, o *Musical Union,* em que, depois de o compararem a Mozart na precocidade genial e de dizerem que Arthur se acha ali ha mais de 12 mezes, como que censuram a Côrte ingleza por ainda o não ter ouvido. E cumpre notar que essa revista era ao tempo dirigida nada menos do que por Sir John Ella, dizem-no as minhas informações particulares.

Numa carta a Liszt, de Janeiro de 1857, Hans von Bülow fala da presença do « petit Arthur Napoléon » em Berlin. Logo nos referiremos a este caso que encerra dados sugestivos para o estudo do temperamento artistico do nosso grande pianista e da forma como seu pae o educou, bem como para julgar da evolução por que o seu talento mais tarde havia de passar.

Em 1858 começou as suas viagens ao Bra-

Projecto do Monumento á Guerra Peninsular, pelos irmãos FERREIRAS

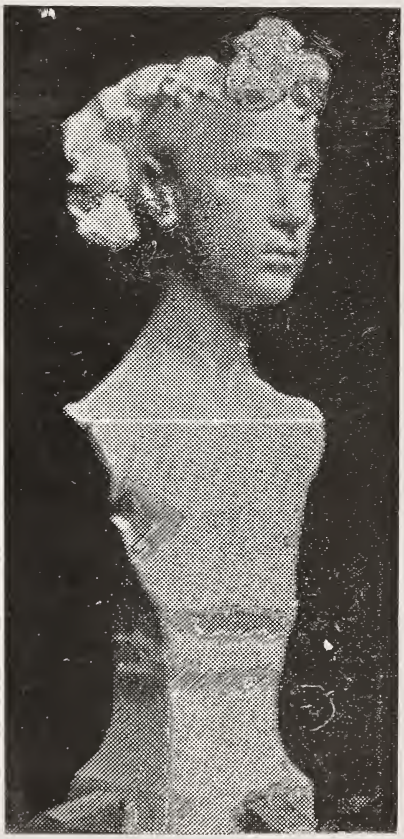
sil e outros paizes da America. Desde 1864 a 1868 essas viagens tomam grande incremento e estendem-se tambem á Europa Central, constituindo talvez a serie mais importante dos seus concertos. Termina então a carreira de concertista, que se estabelece no Rio de Janeiro e ahi se casa passados dois annos.

A partir dessa data Arthur Napoleão raras vezes appareceu em publico e só em alguma festa de caridade, ou de artista seu collega; ou ainda quando qualquer grande pianista visitava o Brasil, como succedeu com Saint-Saëns e Vianna da Motta que, nos seus concertos, executaram varias composições a dois pianos com o nosso illustre compatriota.

Em 1889, Arthur tocou em publico em

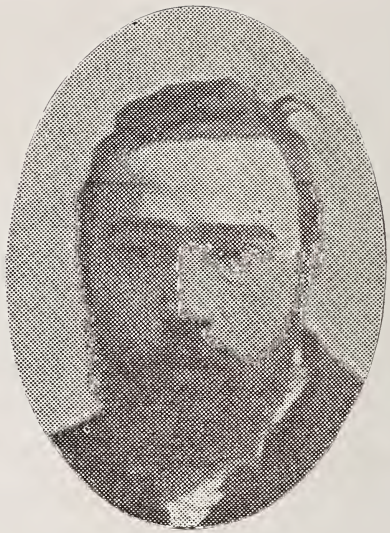
Lisboa e no Porto. Foi esta a sua ultima apparição entre nós como pianista, penso eu.

Falemos agora do temperamento do nosso grande pianista Napoleão, que é o de um verdadeiro concertista para grande publico.— Elle possuia em elevado grau as respectivas qualidades typicas: uma impetuosidade já magistral aos 14 annos de edade *(Musical Union)*, uma graça inexcedivel que Cyriaco de Cardoso definia chamando-lhe o *Sarasate do piano*, um som maravilhoso, amplo e



Sphynge
Ultimo trabalho de AUGUSTO SANTO

formosissimo, assim caracterisado por Vianna da Motta ao falar das suas execuções a dois pianos no Brasil. Nessé intuito de concertista brilhante o educou seu pae; e denuncia-o não só a escolha dos mestres por elle



O esculptor AUGUSTO SANTO

feita para o filho, com excepção de Charles Halley, porventura a mais sólida das influencias educadôras que lhe formaram o seu talento profissional, como tambem o repertorio dos seus concertos. Arthur tocou todas as mais brilhantes e difficeis *Fantasias* de operas conhecidas, o genero de 1830 a 1860, e *perpetrou* elle proprio varios de esses trechos. Herz, Thalberg e os *tours de force* do Liszt das referidas *Fantasias*, das *Rapsodias* e dos *Concertos* constituiam o fundo do seu repertorio de então.

Mais tarde, quando emancipado da tutela paterna, penso eu, quando já aos vinte e cinco annos de edade os ingleses o consideram um «first rate artist», esse repertorio enriquece-se com as producções mais elevadas de todos os grandes musicos; e nas suas composições originaes aponta-se, com reconhecido valor, uma *Transcripção* da *Ouverture* do *Tannhäuser*. Elle é então um interprete enthusiasta de Beethoven, Mendelssohn, Schumann, Chopin, Rubinstein, Grieg, Saint-Saëns, Liszt etc., de todos os grandes musicos emfim.

Varios factos nos levam a acreditar que a evolução do seu temperamento assim se fizéra. Arthur é uma muito nobre e fina organisação artistica para se confinar na direcção brilhante e superficial que dominava o pe-

FERNANDES DE SÁ — *Rapto de Ganymedes*

queno centro em que seu pae professava e formava o seu *Credo* artistico. Quando entregue a si e ao convivio dos mais notaveis musicos da Europa, essa organisação revolta-se e abraça o vastissimo campo da grande musica.

Em 1857, na carta de Bülow atrás citada, vejo o pae de Napoleão filiado na escola pianistica e musical opposta á de Liszt, de quem Bülow e Tausig eram ao tempo os mais notaveis discipulos. Num concerto, o genro de Liszt tocára a notavel *Sonata* deste ainda hoje quasi incomprehendido compositor. Uma parte do publico manifestou-se ruidosamente contra essa obra original, profunda e arrojada como poucas; e o pae do « petit Arthur » foi visto na sala, associado aos ruidosos manifestantes e sendo um delles. Assim o diz Bülow, dando talvez a perceber que isto teria resultado de desejo, no pae de Napoleão, de responder a qualquer critica do terrivel Tausig.

Em 1868, como dissémos, Arthur Napoleão abandona a carreira de concertista, abandona o grande publico. Tinha completado então vinte e cinco annos de edade. Em 1889, descreve-m'o alguem como um adorador enthusiasta de Schumann; era incansavel em revelar todas as riquezas musicaes da obra deste admiravel compositor. Em 1900 ouço-o na sua casa de Paris e elle mesmo me affirma que o seu espirito se transformára e o seu modo de ser de pianista seguia tambem uma evolução parallela. Ouvi-o em Chopin e pareceu-me que elle quizera penetrar fundamente a alma do grande polaco e chegára á execução differenciada d'este auctor, e portanto á de cada um dos auctores estudados.

ARTHUR NAPOLEÃO

E devo dizer que, na curta audição que me dedicou, julguei vêr tudo isso revelado com intensa personalidade.

Abandonemos pois a primeira metade da sua vida artistica ao Porto e, á falta de melhor hypothese, filiemos a segunda metade na sua ascendencia de Villa Nova de Gaya. E nesta teremos a *boa* ou a melhor das metades.

Seja porem como fôr, Arthur Napoleão possue uma grande alma de artista, uma valente e sempre juvenil alma de artista, porque elle é dos raros que, como Verdí, partiram da arte mercantil e evolucionaram no sentido da arte superior e eterna; e porque, na segunda phase da existencia, é tambem um verdadeiro *enfant de ses œuvres*. E, quer elle seja de Gaya, quer seja do Porto, eu é que muito folgo em ter ensejo de prestar, ainda que tardiamente, a minha sincera homenagem a esse nosso grande pianista que, sobre ter um tão raro talento, possue ainda o da maior bondade a favor dos collegas que reclamam o seu auxilio, a favor de todos quantos se acercam delle.

É um alto e generoso espirito. Vale.

Como succede com outros musicos, com o celebre compositor Philidor (1726-1795) [1] entre outros, Arthur Napoleão é um eminente jogador de Xadrez, collabora em varios jornaes da especialidade e corresponde-se com as maiores celebridades mundiaes respectivas, tornando-se, pelos seus problemas, conhecido até como inventor e contando por esse facto varias distincções honorificas.

Lisboa, novembro de 1909.

ANTONIO ARROYO.

---

1 Segundo rezam as chronicas, Philidor tornou-se muito conhecido ao tempo por uma *Analyse du jeu d'échecs* e era de uma força notavel, como jogador. Parece-me digna de citação esta face do modo de ser mental do artista, cuja afinidade com a arte professada não se attinge bem, ao contrario do que succede com o *divertimento* preferido por muitos outros, o de Beethoven por exemplo. O de Soares dos Reis e o de Teixeira Lopes estão neste ultimo caso.

Mercurio: esculptura em bronze, vista de escôrço

Museu municipal Azuaga

Gaya possue já um museu. Excellente sintoma de progresso...

Mas o incipiente estabelecimento scientifico, vindo, por graciosa doação parcial, das antigas *collecções Azuaga,* resente-se bastante da origem humilde: não tem tido uma orientação conveniente, definida e franca; não comporta ainda numerosas séries locaes.

O antigo chefe da estação ferro-viaria das Devezas, o generoso doador Marciano Azuaga, era sobretudo um funccionario zeloso, modesto e lavado de vaidosas pretensões scientistas. *Colleccionava* apenas, como grata diversão aos exhaustivos deveres officiaes. Sem ideal scientifico, sem preparação especial, sem ensanchas pecuniarias, sem plena liberdade de deslocação, fazia o que podia em tão angustiosas estremas — adquiria indistinctamente, quasi sempre a titulo gratuito, tudo quanto se reportasse ao passado, a curiosidades naturaes, á ethnografia nacional ou exotica, á zoologia, á geologia, ás artes industriaes, ao armamento do velho portuguez como do cafre ou do hottentote, á ceramica, á numismatica, etc.

Entre o signal de partida badalado a um

comboio e a communicação telegrafica lançada á estação proxima, elle achava sempre meio e tempo de arrancar ao visitante fortuito a dadiva ou a promessa de objectos interessantes ás suas queridas *collecções* variegadas. Fosse o que fosse: um bicho ou um machado neolithico, um prato de velha faiança ou uma azagaia africana...

Collecção, pois, de curioso pobre e insipiente, heteróclita, sem equilibrio, pittorescamente desordenada, — eis em summa o casco de que se constituiu ha poucos annos o Museu municipal.

Sem valor?

Não; de modo algum.

Se lhe falha a quantiosa representação regional, archeologica e ethnografica — unica mira a que deve apontar — é ao menos abundosa em especies multifárias. E quem se dér a estudá-la, verba a verba, não se despedirá sem ter inscripto no canhenho d'algibeira uma nota valiosa ou sequer sem se haver quedado com detença ante uma que outra peça de importancia scientifica ou artistica. Experimentem, se os não amedronta a aspereza das costeiras gayenses...

Com a ambiciosa universalidade da *collecção,* compacta e entanto muito incompleta, emparelha a simpathica desordem da disposição expositiva.

Sem casa propria; occupando um burguesissimo andar perdido entre as ingremes ladeiras da meia encosta villanovense; sem mobiliario apropriado, os objectos exhibem-se numa curiosa e indisciplinada confusão — no fundo de velhas montras, a correr com os rodapés, a trepar pelas paredes, a invadir os tectos, acotovelando-se numa desesperada lucta pelo espaço defficiente, em promiscuidade descerimoniosa, interpolados, dispersos, deslocados!

De quem a culpa?

Do benemerito doador que á generosidade da offerta quiz additar a obsequiosidade da disposição, orientada a seu modo... Não se lhe queira mal por isso. Antes se renda aqui um sentido preito á sua memoria veneranda, como o concelho de Gaya lhe é e seja sempre gratissimo.

Mercurio: dorso da esculptura

A indigencia de collecções locaes e o arbitrio expositivo começam de resto a ser temperados pela excepcional dedicação e superior

criterio do presidente camarario, Snr. Joaquim Augusto da Silva Magalhães, a quem já se deve, entre outras acquisições de marca, o opulento espolio d'um velho cemiterio concelhío. E o exemplo d'este villanovense illustre contagía; pouco a pouco veem affluindo outros doadores, a adensarem patrioticamente as especies expostas. Para mais, já se prevê, com relativa segurança, um melhor futuro para o Museu. Adquiriu-se terreno para edificio proprio e estuda-se-lhe o projecto architectonico; assim, não se desinteressando a administração municipal, dentro de curtos annos a installação corresponderá ao alto fim educativo do estabelecimento scientifico.

Com a melhoria da parte material haverá que orientar-se definitiva e precisamente a missão do Museu. Elle não póde continuar a ser o que é consoante o confuso plano do iniciador — simultanea e universalmente archeologico, historico, ethnografico, zoologico, geologico, numismatico, industrial, de bellas-artes... Ou então seja tudo isto, mas abarcando preferentemente, commedidamente, a região em que está, nas suas manifestações e monumentos antigos e actuaes. Visivelmente não deve ser outra a aspiração d'um museu provincial, pena de ser ridiculamente pretencioso e insignificante.

Pela precedente exposição já póde imaginar-se o que seja o Museu municipal Azuaga. Ninguem esperará de resto lêr aqui um catalogo da complexa collecção villanovense. Um inventario descriptivo e critico não é para este logar. Assim, destacar-se-ão poucas verbas para as assignalar á attenção do visitante.

Hoje, ali, superiorisa-se o espolio do cemiterio de Golpelhares, porque é local, porque é abundante, porque illustra largamente a ceramica rustica do seculo IV. Mas repare-se tambem na série dos machados neolithicos e de bronze; na artistica estatueta em bronze de Mercurio — um pedaço de excellente esculptura italo-grega; no valioso collar argenteo, o *torques* de Cortinhas do principio da nossa era; nas pedras insculpturadas em estylo *sabrosino;* numa enigmatica inscripção medieval, lida mas incomprehendida; nos bons especimens das velhas faianças e barros portuguezes; nos curiosos adornos dos nossos maiores; nas armas indigenas e ultramarinas; nas reproducções dos trabalhos esculptoricos de Teixeira Lopes. E do conspecto d'estas e de mais algumas dezenas de cousas bellas ou curiosas ha-de por certo manar uma lição proveitosa, uma impressão grata, uma indicação sugestiva.

JOAQUIM DA SILVA MAGALHÃES
Actual Presidente
da Camara Municipal de Gaya

Em resumo: as collecções, ainda que embrionarias, inicialmente mal orientadas e, em transição, desordenadamente dispostas, representam no momento um apreciavel nucleo. Mas, com o dobar dos annos, poderão valorisar-se muito mais, recorrendo ao precioso manancial soterrado no sólo de Gaya. É seguir o veio revelado agora pelo *polyandrion* golpelharense. Casos similares e parallelos deve havê-los em numero, ahi por toda essa espaçosa area, onde nas eras longinquas, como agora, estuava a forte seiva d'uma vida ardente, no litoral como no interior, no monte como na ribeira. Attendam-se com solicitude as indicações do fecundo Acaso e sigam-nas, que o exito compensará o sacrificio. E sobretudo desvêlem-se pela instituição com carinho, com decidido affecto. Os almejados progressos do Museu municipal Azuaga não seriam então uma utopia.

JOSÉ FORTES.

*

ESTATISTICA E OUTRAS INDICAÇÕES

FEIRAS E MERCADOS

Realisa-se diariamente na villa um mercado de todos os generos alimenticios em dois edificios juntos á margem do rio Douro, na Avenida de Diogo Leite, sendo um destinado á venda de peixe e o outro aos demais generos; e no concelho duas feiras semanaes, sendo:

ás segundas-feiras, no largo de Santo Ovidio, freguezia de Mafamude, de gado vaccum e suino, legumes, hortaliças e alfaias agricolas; e

ás quartas-feiras, no largo dos Carvalhos, freguezia de Pedroso, de gado vaccum e lanigero, hortaliças, legumes, objectos agricolas, ferragens e tecidos.

A primeira é servida pela linha de carros electricos e a segunda por *chars-à-bancs*, que partem de junto do taboleiro inferior da ponte D. Luiz I.

Ha tambem uma feira mensal no primeiro domingo de cada mez, no largo da Povoa, freguezia de Grijó, de gado vaccum e suino, chapéos, ferragens, alfaias agricolas e sementes; e feiras annuaes de sementes, alfaias agricolas e louça, que se realisam a 15 d'agosto no Campo das Manobras, Serra do Pilar, freguezia de Santa Marinha, no Monte de Murado, freguezia de Pedroso, a 9 de setembro no largo da Senhora de Fontes, freguezia de Serzedo, e a 21 de setembro em Arnellas, freguezia de Olival, proximo ao rio Douro. Esta feira é conhecida pela das «nozes», por ser neste genero que se faz maior numero de transacções, indo alli muitos feirantes abastecer-se d'elle, que depois fazem conduzir para outros pontos, especialmente para o Porto.

VIAÇÃO E MEIOS DE LOCOMOÇÃO NO CONCELHO DE GAYA

Além das estradas de viação municipal, é o concelho cortado por outras estradas a cargo do Estado, sendo a mais importante a *estrada real n.º 10 do Porto a Lisboa*, que segue quasi ao centro do concelho desde o taboleiro inferior da ponte D. Luiz I até ao extremo do concelho, na freguezia de Grijó.

A oeste da estrada real n.º 10 é o concelho servido pela linha ferrea da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, em leito proprio e no comprimento de 16,580 metros, passando pelas freguezias de S. Felix da Marinha, Arcozello, Gulpilhares, Valladares, Magdalena e Santa Marinha. No comprimento da linha ha um tunel na freguezia de Santa Marinha, que mede 201,50 metros.

Esta linha tem as

Estações de

Villa Nova de Gaya, na freguezia de Santa Marinha;
Valladares, na freguezia de Valladares;
Granja, na freguezia de S. Felix da Marinha; e os

Apeadeiros de

General Torres, na rua do mesmo nome;
Coimbrões, na freguezia de Santa Marinha;
Magdalena, na freguezia de Gulpilhares;
Mira e Aguda, na freguezia de Arcozello.

É tambem o concelho servido por uma linha ferrea de carros electricos da Companhia Carris de Ferro do Porto, numa extensão de 4,180 metros, cujos vehiculos transitam constantemente entre a praça da Batalha, naquella cidade, o alto de Santo Ovidio e o logar das Devezas; e por um elevador de cremalheira que liga o caes do rio Douro com a estação do caminho de ferro do Norte e Leste, nesta villa, no sitio das Devezas, o qual se utilisa do leito da rua Serpa Pinto, e atravessa a avenida Diogo Leite, no comprimento de 530 metros.

POPULAÇÃO DO CONCELHO — CENSO DE 1900

FREGUEZIAS	POPULAÇÃO			INSTRUCÇÃO			
				Analphabetos		Sabem lêr	
	Total	Varões	Femeas	Varões	Femeas	Varões	Femeas
Arcozello	3:036	1:441	1:595	921	1:388	520	207
Avintes	5:603	2:556	3:047	1:532	2:439	1:024	608
Canellas	1:762	834	928	584	864	250	64
Canidello	2:428	1:197	1:231	856	1:129	341	102
Crestuma	1:032	434	599	271	526	163	72
Grijó	4:174	1:668	2:506	1:044	2:060	624	446
Guetim	569	229	340	181	325	48	15
Gulpilhares	2:201	1:034	1:167	692	1:040	342	127
Mafamude	5:384	2:612	2:772	1:475	2:023	1:137	749
Magdalena	2:102	986	1:116	603	942	383	174
S. Felix	2:812	1:308	1:504	924	1:406	384	98
Olival	1:565	633	932	425	840	208	92
Oliveira	5:170	2:510	2:660	1:723	2:184	787	476
Pedroso	6:535	3:180	3:355	1:974	2:999	1:206	356
Perosinho	1:765	696	1:069	505	947	191	122
Sandim	2:119	886	1:233	563	1:099	323	134
Seixezello	646	294	352	183	322	111	30
Sermonde	351	144	207	113	186	31	21
Serzedo	2:409	1:055	1:354	647	1:207	408	147
Valladares	2:409	1:109	1:300	770	1:073	339	227
Villa Nova de Gaya	14:681	7:313	7:368	4:456	5:607	2:857	1:761
Villar d'Andorinho	1:897	933	964	700	859	233	105
Villar de Paraiso	3:144	1:442	1:702	836	1:472	606	230
Total	73:794	34:494	39:300	21:978	32:937	12:516	6:363

Numero de fogos, 16:239.
Superficie do concelho, 163,50 kilometros quadrados,
Densidade da população, 451 habitantes por kilometro quadrado.

RELAÇÃO DAS PRINCIPAES FABRICAS E ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAES DO CONCELHO

DESIGNAÇÃO	QUANTIDADES EM 1907	QUANTIDADES EM 1908
FABRICAS		
Alcatrão, asphalto e breu	3	3
Alcool	* 3	* 3
Botões ou colchetes	1	1
Botões d'osso	1	1
Cera (vellas)	1	1
Cardação	1	1
Cortiça (de preparar)	5	2
Cortumes (systema de tanagem)	1	1
Farinhas	5	7
Fiação	3	2
Fundição com motor a vapor	2	2
Idem sem motor a vapor	4	4
Idem typographica	—	—
Gelo artificial	1	1
Guano ou adubos agricolas	1	1
Ladrilhos ou azulejos	1	1
Lavar lã	2	2
Louça de barro ordinaria	8	11
Lytographia ou metallurgica	1	1
Manteiga	2	2
Papel para embrulhos	2	2
Productos chimicos.	2	2
Rolhas de cortiça	3	1
Sabão	2	2
Tanoarias a vapor	1	1
Tecidos	9	11
Telha, sendo duas a vapor	13	12
Vernizes	3	3
Vidro	1	1
Total	82	82

* Não estiveram em laboração.

DESIGNAÇÃO	QUANTIDADES EM 1907	QUANTIDADES EM 1908
INDUSTRIAS		
Bombas para tirar agua (fabricante)	1	1
Caixas de papelão	1	1
Colla ou grude	1	—
Ferro em moveis (fabricante)	1	4
Fogueteiro	1	1
Melaço	2	1
Moinhos	77	73
Objectos de latão	3	3
Objectos de palha	3	1
Pinceis	1	1
Serração de madeira ou pedra	1	3
Serralheiros	33	33
Tanoarias	26	26
Tinturarias	3	2
Typographias	3	3
Total	157	153
INDUSTRIAS DE TRANSPORTE		
Ascensor mechanico	1	1
Barcos e outras embarcações (donos)	* 43	* 43
Caes para embarque e desembarque de mercadorias	4	4
Calafates (emprezarios)	4	3
Carros puxados a bois (alugador de)	281	239
Embarcações (arraes)	4	3
Ségeiro	—	—
Seges (alugador de)	3	6
Total	340	299

* Com 154 embarcações que deslocam 3:871 toneladas.

ASSOCIAÇÃO DAS CRECHES de SANTA MARINHA DE GAYA

Iniciada pelo Ex.mo Sr. Dr. Leopoldo José d'Oliveira Mourão, em 11 de junho de 1888, a *Associação das Creches de Santa Marinha* vem cumprindo a sua alta missão caritativa, recebendo diariamente grande numero de creanças que ali encontram agasalho, conforto, hygiene, alimentação e cuidados que só uma boa mãe — e a Creche não é senão o symbolo dedicado da maternidade —, póde prodigalizar.

Fundada modestamente n'um predio da Rua das Costeiras, generosamente cedido pelo Ex.mo Sr. Valente Perfeito, foi mais tarde transferida para a Avenida de Diogo Leite, e d'ahi, em 1897, para casa propria na Rua do General Torres, 133, onde actualmente se encontra, formoso palacete de dois corpos, num dos quaes funcciona o *Collegio Central*, afamada casa de educação dirigida pelo Sr. Osorio de Novaes, com que se honra a villa de Gaya, e onde abastadas e distinctas familias, mesmo de fóra do concelho, internam seus filhos.

Palacête onde estão installadas a Associação das Creches de Santa Marinha de Gaya, e o Collegio Central dirigido pelo sr. Ozorio de Novaes. — Entrada para o Collegio Central pelos portões de ferro da rua General Torres, 133½, rua Fervença, 2

A Creche abriu com vinte creanças, recebendo presentemente trinta e seis, diariamente; e mais longe iria a sua acção beneficente se assim o permittisse o seu rendimento que provém exclusivamente dos seus socios protectorcs e da caridade publica. Em 14 de julho de 1893 tomou esta Associação conta, para administrar, da *Creche da Afurada*, instituida por subscripção publica promovida pelos proprietarios e redactores de *O Commercio do Porto* por occasião da Catastrophe Maritima de 27 de fevereiro de 1892. Para a realisação d'este emprehendimento, altamente altruista, contribuiram grandemente a generosa familia J. H. Andresen, doando o terreno, e o Ex.mo Sr. Joaquim Fernandes d'Oliveira Mendes com a importancia do custo do edificio, dois protectores da infancia para os quaes são poucos todos os louvores. A casa situada no monte das Chãs, sobranceira á povoação, é não só um attestado da alma caridosa da população do Porto e de Gaya, como ainda da benemerencia dos dirigentes do conceituadissimo jornal *O Commercio do Porto*, a quem a Associação das Creches deve inequivocos serviços. A Creche da Afurada, que tem rendimento proprio, recebe diariamente 6 a 12 creanças.

Todas as direcções se teem empenhado pelo levantamento d'essa Associação, sendo coadjuvados pela benemerita inspectora a Sr.a D. Germana Amalia de Queiroz e Silva, d'uma extremosa dedicação.

Na galeria dos benemeritos contam-se já os retratos dos Ex.mos Snrs. Antonio Pinto de Azevedo, Dr. Leopoldo Mourão, Dr. Arthur Ferreira de Macedo, Joaquim Fernandes de Oliveira Mendes, André Michon, D. Modesta Michon, Caetano Pinho da Silva, D. Maria d'Ascenção Mourão e Antonio José das Neves. E estão para ser inaugurados os retratos dos Ex.mos Snrs. Augusto da Rocha Romariz, José P. de Bragança, Francisco de Souza Carqueja, J. Roriz, Valente Perfeito, Bento Carqueja e outros.

Presidindo ás differentes direcções, orgulha-se a Associação das Creches de ter tido os nomes estimados e respeitaveis do Conde de Campo Bello, Rev.mo Dr. Antonio Moutinho, Bispo de Cabo Verde, Dr. Arthur Ferreira de Macedo, Augusto da Rocha Romariz e José Gonçalves da Silva Mattos.

E, d'entre todos os carinhosos patronos da Associação das Creches de Santa Marinha de Gaya, é justo e grato não deslembrar o nome do Ex.mo Sr. José Pinto Amorim da Costa, actual vereador municipal e presidente da Creche, de que é, na verdade, um desvelado protector a quem a sympathica instituição já muito e muito deve.

ESCOLAS

Era interessante e nossa intenção tratar, num capitulo especial, da instrucção no concelho de Gaya. Infelizmente fallece-nos o tempo. Na seguinte edição d'esta obra, em que ficamos já a trabalhar, nos occuparemos de tão momentoso assumpto. Aqui transcrevemos apenas as conclusões que nos seus valiosos *Apontamentos Estatisticos*, o sr. Joaquim da Silva Magalhães, digno Presidente do Municipio, tira das respectivas estatisticas do movimento escolar no concelho:

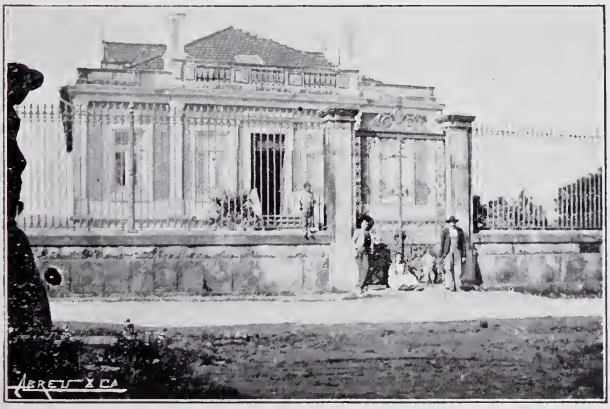
« Como se vê d'este mappa, o numero de analphabetos de 1890 a 1900 augmentou em 5:408, mas tendo tambem augmentado a população em 8:713 individuos, segue-se que n'este numero estão incluidas 3:305 pessoas que sabem lêr e escrever, o que faz baixar a percentagem de analphabetos sobre a população do concelho de 76,069 %, que era em 1890, para 74,416 % em 1900. »

« D'este anno para cá teem sido creadas 10 escolas d'ambos os sexos, tendo tambem augmentado consideravelmente não só o numero de creanças matriculadas nas escolas, mas o numero das que tem sido approvadas em exames de 1.º e 2.º graus; estamos por isso convencidos de que no proximo recenseamento da população a percentagem dos analphabetos deve baixar consideravelmente. Não obstante isto, demonstrado fica pela eloquencia dos algarismos que são insufficientes as escolas existentes n'este concelho e urge que os poderes publicos attendam as reclamações que a Camara tem feito para a creação de mais escolas. »

O Prof. ANTONIO DOS SANTOS POUSADA
Director da Escola de Desenho Industrial
« Passos Manoel » nas Palhassinhas — GAYA

Retrato a crayon, paciente e primoroso trabalho do professor de desenho geral da mesma escola, Manoel Pinto de Macêdo.

QUINTAS E GRANJAS



Palacête do abastado capitalista, ex.mo sr. FRANCISCO VIANNA
na freguezia de Avintes

Quereriamos documentar a paysagem e a fortuna de Gaya, dando o capitulo forte da sua vida agricola, o grangeio, a lavoura e a quinta de mimo. Foram taes as difficuldades que encontramos na elaboração d'este volume que o tempo nos obrigou a publical-o tal como elle vae, promettendo, porém, na nova edição, que fica em preparação, empregarmos esforços para obter uma vasta documentação fotografica das principaes quintas do concelho.

Casa de habitação da formosa Quinta da Portella (Coimbrões) — GAYA
pertencente ao abastado proprietario, ex.mo sr. TIBURCIO MENDES,
quinta que é um modêlo de administração agricola e um panorama de estimação.

Collecção do "Guia Illustrado de Portugal"

GUIAS PUBLICADOS:

Povoa de Varzim — (Guia Illustrado), por Joaquim Leitão, 200 réis, 1907 — Porto.
Caldas de Vizella — (Guia Illustrado), por Joaquim Leitão, 120 réis, 1907 — Porto.
Foz, Mattosinhos, Leça e Lavadores — (Guia Illustrado), por Joaquim Leitão, 300 réis, 1907 — Porto.
Barcellos — (Guia Illustrado), por Joaquim Leitão, 300 réis, 1908 — Porto.
Espozende — (Guia Illustrado), por Joaquim Leitão, 300 réis, 1908 — Porto.
Mea Villa de Gaya — (Guia Illustrado do concelho de Gaya por Antonio Arroyo, José Fortes, José Queiroz, Manoel Monteiro e Joaquim Leitão) 500 réis, 1909 — Porto.

Á venda nas principaes livrarias

FABRICA DO CANDAL de
Francisco Carneiro Aranha
Produz ligas e cordões para calçado **GAYA**

DAVID RIBEIRO DOS SANTOS
Exportador de Vinhos
Rua do Prado *Villa Nova de Gaya*

Collegio Central

DE

OSORIO DE NOVAES

Rua General Torres, 133 e Rua da Fervença, 2

Como se vê na gravura da pag. 96, esta acreditada casa de educação está installada num magnifico palacête de dois corpos, num dos quaes funccionam as *Creches de Santa Marinha de Gaya,* e no outro, o maior, o *Collegio Central.* Dirigido por um professor competentissimo, com raras qualidades de educador, pelo exito obtido pelos seus alumnos nos exames, pela situação invejavel do seu luxuoso edificio, que goza da salubridade do campo, estando a dois passos da cidade, com um soberbo panorama sobre o Douro, fronteiro ao pendor do Porto, o *Collegio Central* vê todos os annos crescer a sua frequencia e o seu nome.

Preferido por familias do Porto e da provincia, o *Collegio Central* é sem duvida das mais importantes casas de educação particulares do concelho de Gaya, para não dizer, a mais importante.

Para instrucções sobre matricula dirigir-se ao director.

—TEM EXTERNATO, SEMI-INTERNATO E INTERNATO—

FABRICA DO PILAR

de **Manoel Milhano Sanches & C.ta**

Avenida Campos Henriques — Villa Nova de Gaya — PORTO — Telephone, 842

Edificio da Fabrica, construido expressamente em vastos terrenos proprios pela firma Manoel Milhano Sanches & Commandita, uma das fabricas mais importantes do concelho, já no tecido de lã, já na fiação de que fornece a Covilhã.

Meias sem costura, cache-corsets de lã, estambre em fio e camisolas de lã. Peças de malha em lã, mescla e branco por encommenda. Fazendas para gerceys de senhora e homem, em todas as côres. Coturnos sem costura, cache-corsets d'algodão, cheviote em fio, fio de bordar em lã.

*

FABRICA A VAPOR DE CAIXAS

DE **MANOEL PEREIRA MATHIAS**

24, Avenida de Diogo Leite, 25

VILLA NOVA DE GAYA

(Representante e depositario dos conhecidos vinhos da Viuva Gomes de Collares)

N'esta fabrica executam-se caixas para exportação de vinho, fructas, cebola, etc. Tambem tem prensa de marcar a fogo para a qual ha um sortido abcedario de metal, á vontade do cliente.

Fabrica a Vapor de Caixas de MANOEL PEREIRA MATHIAS

A DEMOCRATA

Silva Carneiro & C.ª

Rua Moreira da Cruz, 78 — (Proximo á Estação do Caminho de Ferro)

Villa Nova de Gaya

Endereço telegraphico, **Democratica** — TELEPHONE, 160

Fabrica de Licores, Cognacs, Genebras e Aguardentes

Armazem de Vinhos

PHARMACIA MACEDO

R. Barão do Corvo, 269 — Devezas-Gaya

Laboratorio d'analyses clinicas

Annexo á

Pharmacia Macedo

DEVEZAS - GAYA

—

DIRECTOR, *Hygino da Silva*

Preparador do Hystogenol Hygino

e do

Nucleiarrhenal Hygino

Reconstituinte energico empregado nos Hospitaes e Sanatorios. — Especifico das doenças de nutrição e das affecções pulmonares.

CONSULTORIO DENTARIO

DE **HYGINO SILVA**

R. Barão do Corvo, 270 — Devezas — V. N. de Gaya

Clinica de prothese, Prothese dentaria, Prothese orthopedica, Prothese dos maxilares

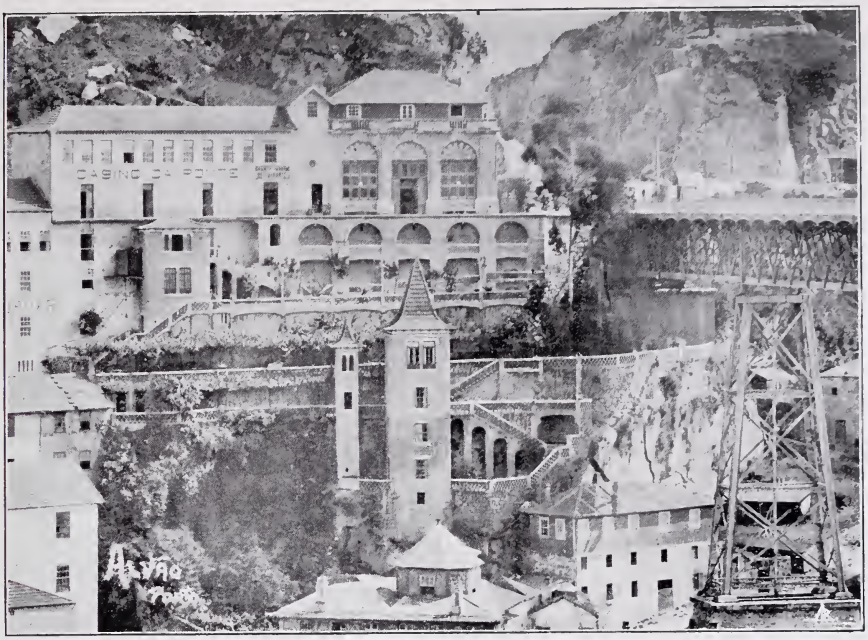
Clinica dentaria e Dentisteria operatoria

Das 11 da manhã ás 4 da tarde

Restaurant, Café, Brasserie, Jardin, Belle vue,

Magnifiques installations éléctriques, Jeux divers.

Telephone, 1118



Vue Général du Restaurant «Casino du Pont» (Prés de la Passage supérieure du Pont D. Luiz I)
PORTO-GAYA

Nous ne pouvons que recommander aux étrangers de visiter ce restaurant. On Joie une vue splendide. Service de premiére ordre, et jeux trés amusants.

Strangers are respectfully invited to visit this restaurant. The view is splendid and the catering first class.

Der Besuch kann Fremden wegen der unvergleichlich schonen Aussicht angelegentlichst empfohlen werden. Prompte und gute Bedienung wird zugesichert.

Tanoaria a vapor VALENTE PERFEITO

Casa fundada em 1874

Medalha d'ouro na Exposição Agricola e Industrial de Gaya e Universal d'Anvers em 1894

Endereço telegraphico **Tanoaria** — Porto — Telephone n.º 184

Usa-se o codigo Ribeiro

VILLA NOVA DE GAYA

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA, VINHOS E TABACOS
E DEPOSITO DE FARINHAS E CEREAES

De *Alfredo Pinto d'Almeida*

70, R. Domingos de Mattos, 74 — Coimbrões — Villa Nova de Gaya = Telephone, 804

Vende bacalhau, assucar, sabão, azeite, petroleo, tabacos, biscouto e bolacha fina, chá, café, manteiga, massas, stearina, arroz, especies, vinhos verdes e maduros das melhores procedencias, aguas-ardentes e licôres. DEPOSITO de sal, batatas, lenha e carqueja.
Algodões de todas as côres, etc. Tem todos os dias carne de porco á venda, garantindo sempre a bôa qualidade e limpeza. — Farinhas de milho, trigo e centeio; ralões e farellos, feijão de todas as qualidades, milho etc., etc. — Preços da praça do Porto

Deposito de pão da padaria « PRIMOROSA »

Officina de Ferrador e Castrador Diplomado

DE

ANTONIO MANOEL VICENTE

DEVEZAS — VILLA NOVA DE GAYA

PADARIA PRIMOROSA

DE

A. P. Almeida & Santos

MOAGEM A VAPOR E DEPOSITO DE CEREAES E LEGUMES

310, Rua do Barão do Corvo, 326 — DEVEZAS — VILLA NOVA DE GAYA

Telephone, 804

N'esta padaria encontra-se á venda, todos os dias, pão fresco de farinhas de trigo e milho, garantida sempre a bôa qualidade e limpeza; assim como pão ralado, bolacha e biscouto dôce e azêdo. manteiga, etc., etc. — Deposito de farinhas de trigo, milho e centeio, ralões, farellos, feijão de todas as qualidades, milho, etc., etc. Preços da Praça do Porto.

ARMAZENS D'AZEITE

(Por grosso) Devezas — Escriptorio: 16, Rua Visconde das Devezas, 18 — Villa Nova de Gaya.

JOSÉ VALENTE FRAZÃO & F.º

DEPOSITO — Rua do Bomjardim, 548 (Em frente a Liceiras) — PORTO

Antigo deposito dos Arcos de Pau

Estabelecimento de mercearia, vinhos e azeites, etc.

DE *ANTONIO VICENTE MARQUES*

Rua do Visconde das Devezas, 97 — Villa Nova de Gaya

GRANDE GARRAFEIRA DE VINHOS VELHOS DO DOURO

Quarenta mil garrafas que se vendem a preços rasoaveis, por junto e a retalho

FRANCISCO DA ROCHA ROMARIZ

Rua Marquez Sá da Bandeira, 54 a 64 — VILLA NOVA DE GAYA

FABRICA D'AGUAS ARDENTES, LICORES E GENEBRAS

Premiada na Exposição do Palacio de Crystal em 1887

Especialidade em cognacs de vinho velho

COELHO PEREIRA FILHA & COMPANHIA

Deposito de vinhos e cognacs nacionaes e estrangeiros, vinhos verdes de Baltar das quintas dos *Pereiras*, vinho de consumo; licores naturaes de fructas, cervejas estrangeiras

Fabrica, Deposito e Escriptorio — AVENIDA CAMPOS HENRIQUES

VILLA NOVA DE GAYA

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA, VINHOS E TABACOS (Por junto e a retalho)

DE CLEMENTE & FERREIRA

Rua do Barão do Corvo, esquina do Largo das Devezas — Villa Nova de Gaya

Chá, café, assucar, arroz, massas, azeite, sabão, stearina, bolacha, bebidas, tabacos e lumes, carvão e lenha.

Deposito de sal e batatas. Vinho Verde e maduro. Artigos de ferragens.

Deposito de cervejas e gazozas, carne de porco, etc.

J. Marques d'Oliveira Reis

Rua Marquez de Sá da Bandeira, 90 — VILLA NOVA DE GAYA

Vinhos e aguardente por grosso — GAYA

CHAPELARIA LOBO — CASA DE FAZENDAS

J. P. L. CALHEIROS LOBO

GAYA — COIMBRÕES

(Aberta aos domingos até ao meio dia)

Numero telephonico, 270

ARMAZENS DE MERCEARIA, CEREAES, SAL, GORDURAS E BATATAS

(FUNDADA EM 1873)

DE Joaquim Pereira Monteiro

201, RUA DO BARÃO DO CORVO, 215 — DEVEZAS — VILLA NOVA DE GAYA

Telephone n.° 1018

PHARMACIA

DE

Virginia Eugenia de Souza Couto

e João Porphyrio de Lima Calheiros Lobo

Pharmaceuticos plenamente approvados pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

Gaya — Coimbrões

Aviam-se receitas a qualquer hora do dia e da noite, com o maximo escrupulo aceio e promptidão. — Vendem-se especialidades pharmaceuticas, Aguas Mineraes, Algalias, Fundas, Mamadeiras, etc., e todos os medicamentos de reconhecido valor therapeutico

Consultas medicas gratis **TELEPHONE N.o 270**

Fabrica de Licores e Armazem de vinhos finos e consumo

PAIVA & MONTEIRO

A GRACIOSA

Xaropes, aperitivos e aguardentes

JOSÉ PINTO SOARES

Com armazem de vinhos e aguardentes, por junto e a retalho

R. do Visconde das Devezas, 82 — GAYA

Almeida, Santhiago & C.ª

ESCRIPTORIO E ARMAZENS

DEVEZAS — VILLA NOVA DE GAYA — R. do Visconde das Devezas

Endereço telegraphico: ALMAGO-PORTO ✣ Telephone, 195

ARMAZENS DE VINHOS E AGUARDENTES

FABRICA DE LICORES, COGNACS,
XAROPES E GENEBRAS PARA
CONSUMO E EXPORTAÇÃO

ARMAZEM DE VINHOS E AGUAS-ARDENTES

POR JUNTO E A RETALHO

de ANTONIO FRANCISCO

85, Rua do Barão do Corvo, 87 — DEVEZAS — VILLA NOVA DE GAYA

HUNT, ROOPE & C.º

(FUNDADA EM 1735) Endereço telegraphico — VELHEIRA

Vinhos procedentes da Quinta da Eira-Velha, pertencente ao socio Snr. Roope

Tanoaria da importante casa vinicola exportadora HUNT, ROOPE & C.º

MARTINEZ GASSIOT & C.º, Ltd.

A casa Martinez Gassiot & C.º, Ldt. fundou-se em Londres em 1790 e subsequentemente estabeleceu-se, para exportação de Vinhos do Porto, em Villa Nova de Gaya, onde occupa os mesmos armazens desde a fundação. No Pinhão tem casa e armazens para deposito de vinhos velhos, a maior parte adquiridos no tempo das vindimas mais acreditadas. Tambem tem armazens na Regoa para deposito de aguardentes e dos vinhos melhores de Baixo Corgo.

Adegas e tanoarias de MARTINEZ GASSIOT & C.º, Ldt.

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL

UMA IMPORTANTE EMPREZA

A Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, conhecida em todo o mundo, graças á propaganda assidua que realiza, e apreciada justamente pela excellente qualidade dos seus vinhos, é hoje uma das mais prosperas emprezas de Portugal.

Constituida para ajudar e amparar o commercio honesto da região, mantendo no mundo inteiro a boa fama dos celebres e tão apreciados vinhos do Porto, a Companhia entrega unicamente vinhos puros vindos da afamada região do Douro.

Foi o governo de Portugal que em março de 1889 dispensou a sua protecção franca a esta empreza, que visa a um fim nacional e patriotico, facultando-lhe mesmo temporariamente um subsidio.

Hoje é uma empreza prospera, com um capital inteiramente pago de 1.500 contos de reis. Os seus armazens em Villa Nova de Gaya, na margem opposta do rio Douro, logar classico dos armazens de vinho da exportação, constituem uma completa e amplissima instalação, a mais vasta de Portugal neste genero, e que é visitada por nacionaes e estrangeiros e admirada sem reservas.

A vista do armazem «PORTO», o mais vasto da Companhia, causa impressão pela sua grandiosidade. Só este vasto recinto contém cinco milhões tresentos e quarenta mil litros de vinho fino do Porto. — 10 000 pipas!

E' celebre a frase do Dr. Assis Brasil, plenipotenciario da florescente Republica Brasileira, ao contemplar o vastissimo deposito: Sua Ex.ª admirado exclamou: «E' uma floresta de vinho!». E buscava para o confronto a vastidão majestosa dos immensos bosques do Brasil.

Além dos vinhos do Porto, produzidos na região do Douro e que a Companhia exporta para todo o mundo, tem creado e espalhado excellentes vinhos de pasto, tintos e brancos entre os quaes teem logar as conhecidas marcas: ALIMENTAR, DOURO, CLARETE, ALVARELHÃO, ERMIDA e BEIRA DOURO, exportando tambem, em larga escala, vinhos VERDES e VIRGENS, de qualidade inexcedivel, bem apreciados no Brasil.

Aspecto geral dos armazens da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, em Gaya.

O seu actual *stock* excede 15.000 pipas de vinho, cêrca de 80.000 hectolitros.

Foi esta Companhia, que primeiro em Portugal tentou a preparação de vinhos espumosos, no typo francez de Champagne, preparação que levou á maxima perfeição e apuro, tendo lançado no mercado typos que rivalisam com os mais apreciados de origem franceza. E' preciso notar que a Companhia não pretende de fórma alguma apresentar estes vinhos como imitação do celebre vinho francez. Ella prohibe mesmo aos seus agentes e vendedores apresental-o como tal. E' um vinho feito pelos processos que em Reims se usam, mas conservando ao vinho todo o seu *bouquet* caracteristico e inconfundivel.

A empreza é tão importante que os seus armazens, todos reunidos dentro de um terreno fechado, occupam uma area de 60.000 metros quadrados e dão trabalho a mais de 600 operarios.

Reproduziremos como um hymno de gloria aos vinhos da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, o que o Principe de Galitzini, talvez o primeiro oenologo da Europa, escreveu no livro dos Visitantes:

«Os vinhos que provei nas adegas da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, são vinhos que nunca esquecerei. São vinhos notabilissimos como *nunca* provei melho-

res». Prince Leon Galitzini, ex-presidente do Jury em Moscow, 1882 e em Paris, 1889. Director das adegas e vinhas do Imperador da Russia, 27 de Julho 1898. N. B. — O principe Leon Galitzini foi, na ultima Exposição Universal de Paris, em 1900, Presidente do Jury da classe 60.ª (vinhos espirituosos).

Por ultimo e terminando, para dar ideia precisa da importancia dos seu *stocks*, citaremos as datas autenticas e celebres dos vinhos do Porto escrupulosamente hierarchisados e que são guardados em garrafas, algumas d'um valor inestimavel: 1790, 1812, 1815, 1820, 1834, 1847, 1851, 1866, 1878, 1884 e 1890.

Nota das recompensas obtidas pela Companhia:

Grand Prix — Paris, 1890.
Medalha de Ouro — Porto, 1891.
Medalha de Ouro — Berlim, 1892.
Medalha de Ouro — Chicago, 1895.
Grand Prix — Porto, 1897.
Grand Prix — Bruxellas, 1897.
Membro do Jury — (fóra de concurso) — Paris, 1900.
Grand Prix — Paris, 1900 (ao Gerente Technico).
Medalha de Ouro — Cidade do Cabo, 1904/5.
Diploma de Honra — Milão, 1905.
Membro do Jury (fóra de concurso) e Grande Diploma de Honra — Madrid, 1907.

Escriptorio: R. de Entreparedes, 48 — PORTO **Telephone N.º 440**

GONZALEZ, BYASS & C.º

Choupello — Villa Nova de Gaya — Telephone n.º 293

LONDRES JEREZ PORTO

Exportadores de afamadas marcas de Vinho de Jerez e com armazens em Villa Nova de Gaya para exportação de vinhos do Porto. Unicos exportadores da conhecida marca **RORIZ,** producto exclusivo da quinta do mesmo nome, e da marca «*Gonzalez*», *Old Portugal* e outras.

Quinta de Roriz (em Cottas) de GONZALEZ, BYASS & C.º

Armazem de Vinhos para Consumo e Exportação

e Aguas-ardentes

Distil'ação e machinas de filtrar

—

TANOARIA

DE

Joaquim Marques Paiva

—

Devezas

Villa Nova de Gaya

R. Conselheiro Velloso da Cruz, 341 a 345

—

Telephone, 195

Telegrammas—MARPA - Porto

Armazens e escriptorics de JOAQUIM MARQUES PAIVA

"OLD LODGE"

FINEST LIGHT TAWNY

PORT WINE

Shipped only by

Smith, Woodhouse & C.°

VILLA NOVA DE GAYA

OPORTO

ESTABLISHED

A-D-1784

TAYLOR, FLADGATE & YEATMAN

42, CHOUPELLO — VILLA NOVA DE GAYA

(PORTUGAL)

Uma adega da considerada casa exportadora TAYLOR, FLADGATE & YEATMAN

João Ribeiro de Mesquita

Rua do Sacramento, 43

Vinhos generosos, de consumo e aguardentes

Casa muito antiga. *Vintages.*

Joaquim Frias da Fonseca

Vinhos e aguardentes por grosso

Escriptorios
Rua do Breyner, 37
PORTO

Armazens
Rua Direira, 180
VILLA NOVA DE GAYA

ESTABELECIMENTO

De Mercearia, Vinhos e Tabacos (Por junto e a retalho) Drogaria, tintas e ferragens.

DE CLEMENTE JOAQUIM MOREIRA

R. Luiz de Camões — Villa Nova de Gaya

Fornece almoços e jantares para fóra

VALENTE, COSTA & C.ª

Villa Nova de Gaya (Portugal)

Telegrammas : **ALVATE-PORTO**
Codigo Ribeiro Telephone n.° 154

GRAND PRIX na exposição de S. Louis em 1904
GRANDE DIPLOMA D'HONRA em Milão em 1906

Uma adega da
importante casa vinicola
VALENTE, COSTA & C.ª

Casa seriissima, negociando com Londres, está installada n'uma serie de cumes que seria interessantissimo descrever, e que havemos de descrever, quando uma 2.ª edição d'este trabalho nos permittir estudar conscienciosamente o commercio de vinhos em Gaya. Dos seus escriptorios, que lembram uma dependencia da City, ás suas tanoarias, ha um grande assumpto para uma penna impressionista.

Um aspecto das tanoarias modelares de
VALENTE, COSTA & C.ª

91-B2334/

Pharmacia Nacional

Mendes & Castro

192, Rua de D. Pedro, 194 — PORTO

Productos chimicos, pharmaceuticos e photographicos

ALGUMAS ESPECIALIDADES D'ESTA CASA

Glycero-Kola-Phosphatada (Granulada)

Combate a anemia e a chlorose, levanta as forças perdidas por effeitos d'excesssos, fadigas physicas, etc., sendo pois um excellente tonico e um poderoso reconstituinte. **Frasco, 610 réis.**

Depurativo Nacional

Este medicamento, tão conhecido e experimentado, é na verdade um optimo depurativo nas varias molestias syphiliticas, rheumaticas e gottosas, etc. **Frasco, 810 réis.**

Pilulas Terpino-Benzoicas *(Do Dr. E. Maia)*

Aconselhadas com enorme exito contra a influenza, bronchite, tosse e molestias polmunares, etc. — Tres d'estas pilulas acalmam qualquer accesso de tosse. **Caixa, 410; meia caixa, 250 rs.**

Callicida Nacional (Pomada contra os callos)

O unico preparado cujo effeito é seguro e garantido. **Preço, 200 réis.**

Especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras,
aguas mineraes, artigos de penso e productos esterilisados.

Serviço nocturno para casos de urgencia

TABACARIA ALBERTO FERREIRA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 260 E RUA DE ENTREPAREDES, Esquina da Batalha
Perto da Estação Central dos Telegraphos — PORTO

Tabacaria Alberto Ferreira

Tabacos nacionaes e estrangeiros, loterias e postaes illustrados das mais notaveis casas allemãs, italianas, francezas, inglezas e uma já vasta collecção de postaes illustrados com aspectos de Portugal, clichés de Alberto Ferreira, que torna esta casa procurada por estrangeiros, tanto quanto é estimada e considerada, pela sua seriedade e stock, dos proprios portuenses e de brasileiros.

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00010 6514